

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes**

**ANÁLISE PALEOGRÁFICA E LINGUÍSTICA DE ATAS DE BATISMOS  
E ATESTADOS DE ÓBITOS DE ESCRAVOS DO SÉCULO XVIII E XIX  
DA CIDADE DE CACHOEIRA DO SUL/RS**

Santa Maria, RS  
2018

**Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes**

**ANÁLISE PALEOGRÁFICA E LINGUÍSTICA DE ATAS DE BATISMOS E  
ATESTADOS DE ÓBITOS DE ESCRAVOS DO SÉCULO XVIII E XIX DA CIDADE  
DE CACHOEIRA DO SUL/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Tatiana Keller

Santa Maria, RS  
2018

Lopes, Sandra Luciane de Aragão Teixeira  
ANÁLISE PALEOGRÁFICA E LINGUÍSTICA DE ATAS DE  
BATISMOS E ATESTADOS DE ÓBITOS DE ESCRAVOS DO SÉCULO XVIII  
E XIX DA CIDADE DE CACHOEIRA DO SUL/RS / Sandra Luciane  
de Aragão Teixeira Lopes.- 2018.  
157 p.; 30 cm

Orientador: Tatiana Keller  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, RS, 2018

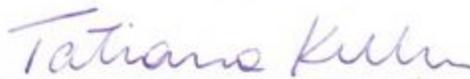
1. Paleografia, Filologia 2. Variação Linguística 3.  
Edições Fac-símile e Diplomática 4. Manuscritos 5.  
Resultados I. Keller, Tatiana II. Título.

**Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes**

**ANÁLISE PALEOGRÁFICA E LINGÜÍSTICA DE ATAS DE BATISMOS E  
ATESTADOS DE ÓBITOS DE ESCRAVOS DO SÉCULO XVIII E XIX DA CIDADE  
DE CACHOEIRA DO SUL/RS**

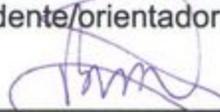
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

**Aprovado em 17 de dezembro de 2018:**



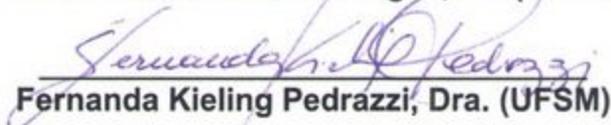
---

**Tatiana Keller, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/orientador)



---

**Paulo Ricardo Silveira Borges, Dr. (UFPEL)**



---

**Fernanda Kieling Pedrazzi, Dra. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2018

À minha mãe, Iraci, e ao meu pai, José Eny (*in memoriam*), pela educação recebida, pelo exemplo de luta, pela cumplicidade na conjugação dos verbos em latim, aprendidos no Seminário, pelo amor dedicado que me faz fortalecida até hoje.

## AGRADECIMENTOS

Inicio os meus agradecimentos por Deus, porque Ele me fortaleceu, rodeando-me de pessoas especiais!

À minha orientadora, Professora Doutora Tatiana Keller, por toda a paciência e a dedicação com que sempre me orientou neste trabalho, pelos conhecimentos adquiridos.

Aos meus pais, Iraci e José Eny (*in memoriam*), pelo amor incondicional!

Ao meu querido esposo, Éderson, por ser tão importante na minha vida, por estar ao meu lado, pelo companheirismo, pela amizade, pela paciência, pelo amor.

À minha linda filha, Iasmim, por ser tão especial, por existir na minha vida!

Aos meus sobrinhos André, Alécia e Alícia, por me darem força, pela confiança.

À minha enteada, Brenda, pelas perguntas que me fizeram refletir.

Ao meu irmão, Sandro, e à minha cunhada, Jocélia, pelo incentivo e amor.

Às minhas eternas amigas, Ana Elisa e Patrícia, por estarem sempre comigo.

À vó Wilma, por toda a atenção e amor.

À Evelyne Costa pela inspiração que me fez ingressar no mundo das palavras.

Ao meu afilhado Gabriel, pelo interesse e pelo carinho.

À banca examinadora, pelas valiosas observações e incentivo.

Às escolas Baltazar de Bem e Colégio ULBRA São Pedro, pela força, compreensão e amizade.

À Mirian Ritzel e à Sandra Liege, pela ajuda valiosa.

À Mitra Diocesana, especialmente à secretária Deise, pelo atendimento especial.

Aos meus colegas do mestrado Bárbara, Tatiana, Maike e Fran: obrigada pela parceria e pelo companheirismo!

A Juliana Dias, muito obrigada!

A todos os amigos que, mesmo distantes, apoiaram-me.

*Scripta ferunt annos.*  
Ovídio

## RESUMO

### **ANÁLISE PALEOGRÁFICA E LINGUÍSTICA DE ATAS DE BATISMOS E ATESTADOS DE ÓBITOS DE ESCRAVOS DO SÉCULO XVIII E XIX DA CIDADE DE CACHOEIRA DO SUL/RS**

AUTORA: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Tatiana Keller

Esta dissertação de mestrado propõe-se a analisar questões paleográficas e variações linguísticas em atas de batismos e registros de óbitos de escravos, redigidos na cidade de Cachoeira do Sul (RS) nos séculos XVIII e XIX. À luz da perspectiva da Paleografia, este trabalho buscou verificar a autoria dos manuscritos, comparando a grafia a partir da assinatura dos padres escreventes, permitindo também que o conhecimento acerca do estado de conservação e das características inerentes aos documentos fossem conhecidos por um público interessado. Sobre a análise linguística, tem-se por objetivos apresentar as edições fac-símile e diplomática de 42 textos, sendo 32 atas de batismos e 10 atestados de óbitos, utilizando o aporte teórico de Cambraia (2005) e, a partir delas, mostrar as variações linguísticas do português dos respectivos séculos.

**Palavras-chave:** Paleografia. Filologia. Variação Linguística. Edições Fac-símile e diplomática. Manuscritos. Resultados.

## ABSTRACT

### PALEOGRAPHIC AND LINGUISTIC ANALYSIS OF ATTRIBUTES OF BAPTISMS AND ATTESTATIONS FROM THE 18TH AND 19TH CENTURY SLAVES OF THE CITY OF CACHOEIRA DO SUL

AUTHOR: SANDRA LUCIANE DE ARAGÃO TEIXEIRA LOPES  
ADVISOR: TATIANA KELLER

This master's thesis proposes to analyze paleographically and philologically baptismal records and death certificates of slaves from the eighteenth and nineteenth centuries. Under the light of the perspective of the Paleography, this work sought to verify the authorship of these manuscripts, comparing the signature's spelling of the clerical priests, which also allowed the knowledge about the state of conservation and the inherent characteristics of the documents to be known by the interested public. On the philological analysis, the objective is to present the facsimile and diplomatic editions of 42 texts, 32 baptisms and 10 death certificates, using the theoretical contribution of Cambraia (2005), and, from those, present Portuguese variations of the respective centuries.

**Keywords:** Paleography. Philology. Linguistic Variation. Facsimile and diplomatic Editions. Manuscripts. Results.

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 – Porcentagem de escravos nos municípios do Rio Grande do Sul no ano de 1872..... | 35 |
|--|----|

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Sul.....                                 | 22 |
| Figura 2 – Mapa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, 1822..... | 23 |
| Figura 3 – Documento: venda da escrava Maria.....                         | 30 |
| Figura 4 – Redução das vogais.....  | 64 |
| Figura 5 – Vogais – posição átona final.....                              | 64 |
| Figura 6 – Cinco fonemas – posição pretônica.....                         | 65 |
| Figura 7 – As vogais do PA.....   | 66 |

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

|  |     |
|--|-----|
| Fotografia 1 – Edição fac-similar do L1-TA (Livro 1 - Termo de Abertura de Batismo - 1799-1842)..... | 27  |
| Fotografia 2 – Fac-símile do Livro de óbitos nº 3, fl. 122 (1827 a 1860).....                        | 31  |
| Fotografia 3 – Fac-símile do Livro de Óbitos nº 3, fl. 81 (1827 a 1860).....                         | 32  |
| Fotografia 4 – Fac-símile do atestado de óbito do escravo Francisco.....                             | 38  |
| Fotografia 5 – Fac-símile - L1-01 (Livro - ata de batismo - 1799-1842).....                          | 41  |
| Fotografia 6 – Fac-símile - L4-01 (Livro 4 - registro de óbito - 1799-1842).....                     | 43  |
| Fotografia 7 – Capa: Batismo N. Sra. da Conceição Escravos nº 1, 1799-184.....                       | 110 |
| Fotografia 8 – Parte interna: Batismo N. Sra. da Conceição Escravos nº 1, 1799-1842 .....            | 111 |
| Fotografia 9 – Capa: Lº Baptismos de Escravos Cachoeira 1842-1852.....                               | 112 |
| Fotografia 10 – Parte interna: Lº Baptismos de Escravos Cachoeira 1842-1853.....                     | 113 |
| Fotografia 11 – Lombada: Lº Baptismos de escravos Cachoeira 1842-1853 (lombada).....                 | 114 |
| Fotografia 12 – Capa: Lº Baptismos de escravos Cachoeira 1853-1859.....                              | 115 |
| Fotografia 13 – Contracapa: Lº Baptismos de escravos Cachoeira 1853-1859 .....                       | 116 |
| Fotografia 14 – Lombada: Livro de Óbitos 1874-1876 .....   | 117 |

## LISTA DE QUADROS

|   |     |
|---|-----|
| Quadro 1 – Partes constituintes do L1-01.....   | 42  |
| Quadro 2 – Partes constituintes do L4-01.....   | 44  |
| Quadro 3 – Exemplos de abreviaturas retiradas do <i>corpus</i> .....                            | 54  |
| Quadro 4 – Os cinco timbres vocálicos do latim clássico.....                                    | 61  |
| Quadro 5 – As sete vogais do português .....  | 62  |
| Quadro 6 – Exemplos do sistema vocálico do latim clássico e o sistema vocálico do PB atual..... | 63  |
| Quadro 7 – Fonemas consonantais em posição intervocálica.....                                   | 67  |
| Quadro 8 – Latim clássico.....  | 71  |
| Quadro 9 – Português atual.....   | 72  |
| Quadro 10 – Relação de manuscritos.....   | 76  |
| Quadro 11 – Documento 1 (L1-TA).....  | 81  |
| Quadro 12 – Documento 2 (L1-01).....  | 82  |
| Quadro 13 – Documento 3 (L1-02).....  | 83  |
| Quadro 14 – Documento 4 (L1-03).....  | 83  |
| Quadro 15 – Documento 5 (L1-04).....  | 84  |
| Quadro 16 – Documento 6 (L1-05).....  | 85  |
| Quadro 17 – Documento 7 (L1-06).....  | 85  |
| Quadro 18 – Documento 8 (L1-07).....  | 86  |
| Quadro 19 – Documento 9 (L1-08).....  | 86  |
| Quadro 20 – Documento 10 (L1-09).....   | 87  |
| Quadro 21 – Documento 11 (L1-10).....   | 88  |
| Quadro 22 – Documento 12 (L1-11).....   | 88  |
| Quadro 23 – Documento 13 (L1-12).....   | 89  |
| Quadro 24 – Documento 14 (L1-13).....   | 90  |
| Quadro 25 – Documento 15 (L1-14).....   | 90  |
| Quadro 26 – Documento 16 (L1-TF).....   | 91  |
| Quadro 27 – Documento 17 (L2-TA).....   | 91  |
| Quadro 28 – Documento 18 (L2-01).....   | 92  |
| Quadro 29 – Documento 19 (L2-02).....   | 93  |
| Quadro 30 – Documento 20 (L2-03).....   | 94  |
| Quadro 31 – Documento 21 (L2-04).....   | 94  |
| Quadro 32 – Documento 22 (L1-5).....  | 95  |
| Quadro 33 – Documento 23 (L3-TA).....   | 96  |
| Quadro 34 – Documento 24 (L3-01).....   | 96  |
| Quadro 35 – Documento 25 (L3-02).....   | 97  |
| Quadro 36 – Documento 26 (L3-03).....   | 98  |
| Quadro 37 – Documento 27 (L3-04).....   | 98  |
| Quadro 38 – Documento 28 (L3-05).....   | 99  |
| Quadro 39 – Documento 29 (L3-06).....   | 100 |
| Quadro 40 – Documento 30 (L3-07).....   | 100 |
| Quadro 41 – Documento 31 (L3-08).....   | 101 |
| Quadro 42 – Documento 32 (L3-TF).....   | 102 |
| Quadro 43 – Documento 33 (L4-TA).....   | 102 |
| Quadro 44 – Documento 34 (L4-01).....   | 103 |
| Quadro 45 – Documento 35 (L4-02).....   | 104 |
| Quadro 46 – Documento 36 (L4-03).....   | 104 |

|  |     |
|--|-----|
| Quadro 47 – Documento 37 (L4-04).....                  | 105 |
| Quadro 48 – Documento 38 (L4-05).....                  | 105 |
| Quadro 49 – Documento 39 (L4-06).....                  | 106 |
| Quadro 50 – Documento 40 (L4-07).....                  | 107 |
| Quadro 51 – Documento 41 (L4-08).....                  | 107 |
| Quadro 52 – Documento 42 (L4-TF).....                  | 108 |
| Quadro 53 – Substituições vocálicas.....               | 128 |
| Quadro 54 – Verbos no passado ocorrência em <-ão>..... | 129 |
| Quadro 55 – Ocorrências em ditongos.....               | 130 |
| Quadro 56 – Variação (substituição).....               | 131 |
| Quadro 57 – Consoantes geminadas.....                  | 131 |
| Quadro 58 – Encontros consonantais.....                | 132 |

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 16  |
| <b>CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....                          | 19  |
| 1.1 TEXTO ESCRITO: A IMPORTÂNCIA PARA O ESTUDO DA LÍNGUA.....           | 19  |
| 1.2 CACHOEIRA DO SUL.....   | 21  |
| <b>1.2.1 Diocese</b> .....  | 25  |
| <b>1.2.2 Párocos escreventes</b> .....                                  | 28  |
| <b>1.2.3 Escravos</b> .....   | 33  |
| 1.2.3.1 <i>Crescimento da população escrava</i> .....                   | 33  |
| 1.2.3.2 <i>Manuscritos: informações sobre os escravos</i> .....         | 37  |
| 1.2.3.3 <i>Local onde eram enterrados os escravos</i> .....             | 37  |
| 1.3 DEFINIÇÃO ATA/ATESTADO/REGISTRO.....                                | 39  |
| 1.4 FILOLOGIA.....  | 44  |
| 1.5 PALEOGRAFIA.....  | 46  |
| <b>1.5.1 Edição de manuscritos: importância e tipos de edição</b> ..... | 47  |
| <b>1.5.2 A importância da Paleografia</b> .....                         | 48  |
| <b>1.5.3 Obstáculos encontrados na leitura Paleográfica</b> .....       | 50  |
| <b>1.5.4 Ortografia antiga</b> .....                                    | 52  |
| <b>1.5.5 Abreviaturas</b> .....   | 53  |
| 1.6 ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.....                                | 54  |
| 1.7 SISTEMA VOCÁLICO.....   | 60  |
| 1.8 SISTEMA CONSONANTAL.....  | 66  |
| <b>1.8.1 Encontros consonantais</b> .....                               | 68  |
| <b>1.8.2 Consoantes geminadas</b> .....                                 | 69  |
| <b>CAPÍTULO 2: METODOLOGIA</b> .....                                    | 74  |
| 2.1 COLETA.....   | 74  |
| 2.2 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....                                    | 75  |
| 2.3 TRANSCRIÇÃO.....  | 78  |
| <b>2.3.1 Normas de transcrição</b> .....                                | 80  |
| <b>CAPÍTULO 3: ANÁLISE DOS DADOS</b> .....                              | 81  |
| 3.1 EDIÇÃO DOS MANUSCRITOS.....   | 81  |
| 3.2 DESCRIÇÃO DOS LIVROS.....   | 108 |
| 3.3 ANÁLISE PALEOGRÁFICA.....   | 117 |
| 3.4 ANÁLISE LINGUÍSTICA – VOGAIS.....                                   | 128 |
| 3.5 ANÁLISE LINGUÍSTICA – CONSOANTES.....                               | 130 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                       | 133 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 135 |
| <b>ANEXOS</b> .....   | 139 |

## INTRODUÇÃO

Documentos possuem informações importantes sobre a história de uma sociedade. Descobrir essas informações manuscritas nos documentos antigos é um grande desafio ao estudioso da língua, o qual, no decorrer do caminho, pode achar muitas dificuldades na leitura e na interpretação de textos com vocabulário e grafia em desuso. O pesquisador da área de filologia se enriquece a partir da leitura, da edição e da análise de manuscritos. À vista disso, quanto maior for sua dedicação, em relação às transcrições e à obstinação nas tentativas de sanar dúvidas, maior será a experiência e o nível de conhecimento do investigador.

Dessa forma, a partir deste estudo, pretende-se analisar paleográfica e linguisticamente atas de batismos e atestados de óbitos dos séculos XVIII e XIX dos escravos da cidade de Cachoeira do Sul no centro do estado do Rio Grande do Sul (RS). Esse material foi coletado digitalmente na Mitra Diocesana do município, após a autorização do Bispo Dom Remídio, pois são textos que não se encontram em domínio público, ou seja, não estão dispostos no Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul<sup>1</sup>. Duas visitas foram realizadas a fim de coletar um *corpus* que contemplasse as análises propostas.

Sendo assim, foram escolhidos 42 textos, em virtude de seu estado de conservação, distribuídos em quatro códices: Livro 1<sup>2</sup> – Batismo de escravos (1799 a 1842), Livro 2 – Batismo de escravos (1842-1853), Livro 3 – Batismo de escravos (1853-1859) e Livro 4 - Óbitos de escravos (1874 a 1876). Os manuscritos apresentam deteriorizações causadas pelo tempo ou pelo mau manuseio; contudo, permitem a leitura. Outra questão que auxiliou esse estudo é o fato de os textos apresentarem sempre uma mesma estrutura, de acordo Bellotto (2002), com Protocolo inicial, Texto e Protocolo final.

A Filologia além de descrever acontecimentos históricos de uma língua, também tem a preocupação em analisar aspectos da nossa sociedade, pois o texto, seu objeto de estudo, não deve ser isolado e dele apenas extrairmos

---

<sup>1</sup> O Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul, criado em 05 de agosto de 1987, tem o objetivo de recolher, guardar, conservar e organizar documentos que contam a história do Município. Disponível em: <<http://arquivohistoricodecachoeiradosul.blogspot.com/>> Acesso em: 08 março 2017.

<sup>2</sup> Para facilitar a análise, foi convencionado pela autora que o corpus da presente pesquisa passasse a ser referido como, por exemplo, L1, L2, L3 e L4. Cada número corresponde a um livro, ou seja, os três primeiros às atas de batismo e o L4 aos registros de óbitos. A numeração subsequente corresponde aos manuscritos selecionados de cada livro: L1-01, L2-04, L3-08 etc. Os termos de abertura e fechamento são apresentados pelas letras como em: L1-TA e L1-TF.

particularidades de usos da nossa língua, sem considerarmos os escribas e a história do povo num momento específico.

Diante do exposto acima, a presente dissertação tem como objetivo principal, analisar, a partir do trabalho de leitura e edição, a autenticidade dos textos coletados, tomando como base o estudo da Paleografia, disciplina auxiliar da Filologia. Todavia para que esse estudo se contemple, é necessário que sejam feitas as transcrições dos manuscritos, a partir dos preceitos de Cambraia (2005), o qual apresenta a edição fac-símile, que é a fotografia fiel do texto, sem a intervenção do editor. Neste caso, primeiramente, foram realizados 42 fac-símiles para essa pesquisa.

Além da edição fac-símile, a edição diplomática, também muito importante para as análises elaboradas, caracteriza-se por “realizar uma transcrição rigorosamente conservadora e preservar de todos os elementos presentes no texto” (CAMBRAIA, 2005, p. 93). Essa edição foi realizada logo após a coleta do *corpus* e, a partir dela, verificaram-se aspectos referentes à autoria dos manuscritos, como, por exemplo, em alguns textos os párocos apenas assinavam os documentos os quais redigidos por outros padres.

Servindo-se dessas edições, a análise linguística, segundo objetivo do presente estudo, teve o suporte para o estudo das variações vocálicas e consonantais de Fonte (2010), Teyssier (2007), Matos e Silva (1991), Haüy (1989), Paiva (1988), Said Ali (1921) e Lima (2009), entre outros.

No que tange à sua estruturação, esse trabalho divide-se em três partes: a primeira denominada *Fundamentação Teórica* contempla a importância do texto escrito para o estudo da língua, a história da cidade de Cachoeira do Sul, do Rio Grande do Sul, da Diocese, dos padres escreventes, dos escravos. Também há a definição dos textos trabalhados, ata e atestado, assim como da Paleografia, das suas divisões, das ciências relacionadas e dos obstáculos encontrados. A ortografia antiga é apresentada, assim como as abreviaturas. No final, o capítulo apresenta o estudo da Filologia e da ortografia da língua portuguesa.

O segundo capítulo, *Metodologia*, apresenta como foi realizada a coleta, a descrição do *corpus* com a apresentação de um quadro, mostrando a relação dos textos, separados por datas e as edições dos manuscritos, essenciais para esse trabalho, assim como os critérios utilizados na elaboração da edição diplomática.

A terceira parte que compõe a dissertação, intitulada *Análise dos dados*, discorre sobre as características dos livros trabalhados, dedica-se aos aspectos encontrados na análise de autoria dos textos, nas variações gráficas dos redatores, assim como ao estudo paleográfico e às variações linguísticas constatadas no *corpus*, a partir dos pressupostos teóricos já mencionados.

## CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresentamos, neste capítulo, um embasamento teórico para “esclarecer e justificar o problema em estudo e o que servir para orientar o método do trabalho e os procedimentos de coleta e análise de dados” (MELLO, 2006, p. 87).

À vista disso, os dados apontados foram interpretados à luz das teorias existentes.

### 1.1 TEXTO ESCRITO: A IMPORTÂNCIA PARA O ESTUDO DA LÍNGUA

Para Queiroz (2005, s./p.), “a escrita é a contrapartida gráfica do discurso, é a fixação da linguagem falada numa forma permanente ou semipermanente”. A autora ainda explana que “por meio da escrita, a linguagem pode transcender as condições ordinárias de tempo e de lugar”. A partir disso, nota-se que o registro escrito é o meio de armazenamento e propagação da história da humanidade. Através dele, informações importantes passam de pai para filho e, sendo assim, tem-se a oportunidade de ler e interpretar o mundo. Então, a comunicação através do tempo e do espaço é consentida pela escrita, cujo surgimento marcou o fim da pré-história e o nascimento da história, no momento em que o homem começou a escrever.

De acordo com Higounet (2003), a civilização, a sociedade, e história, tudo o que existe, baseia-se sobre o escrito.

A escrita faz de tal modo parte de nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. Talvez venha o dia de uma terceira era que será: depois da escrita. Vivemos os séculos de civilização escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substituiu a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo não existe história que não se funde sobre textos (HIGOUNET, 2003, p. 10).

Com uma visão semelhante em relação à escrita e à história, Monaretto (2005), apresenta a escrita como sendo “uma das fontes mais preciosas para o conhecimento da história das línguas”. A autora relata que, no século XIX, a linguística histórica estudou as mudanças linguísticas. Essa linguística tinha como objetivo principal considerar os acontecimentos históricos de uma língua, a partir de

textos escritos do passado, compreendendo formas linguísticas perdidas. Monaretto diz que nos dias atuais,

[...] a perspectiva de análise da mudança linguística pela esfera histórica tem o propósito de descobrir indícios de variações e tendências linguísticas para saber como, quando e por que as línguas mudam. Por isso é importante para as teorias linguísticas modernas trabalharem com a evidência histórica para estudar a estrutura da língua (MONARETTO, 2005, p. 118).

Berlinck, Barbosa e Marine (2008) destacam que as fontes para o estudo em épocas distintas é um dos mais complicados desafios com o qual o estudioso da língua se depara. O historiador trabalha com registros escritos de épocas passadas, seja na sincronia do passado, como na diacronia. Em relação a esse fato, Berlinck, Barbosa e Marine (2008) comentam sobre os obstáculos encontrados:

[...] os dados, que são ricos em tantos sentidos, são pobres em outros. Documentos históricos sobrevivem por acaso, não por um desígnio intencional, e a seleção que está disponível é o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos. As formas lingüísticas em tais documentos são freqüentemente distintas das vernaculares dos escritores, refletindo, ao contrário, esforços para capturar um dialeto normativo que nunca foi língua nativa de ninguém. Como resultado, muitos documentos são totalmente afetados com os efeitos de hiper-correção, mistura de dialetos e erros de escribas. (BERLINCK, BARBOSA E MARINE, 2008, p. 170).

Verifica-se que, a partir desses obstáculos encontrados, o estudioso da língua requer um maior cuidado na avaliação dos dados, caso contrário ocorrerão, após a edição dos textos, equívocos causados pelos analistas. O texto editado, com suas formas linguísticas distintas, é o testemunho documental, literário e o suporte para o estudo de diversos especialistas.

Conforme Koch (2003, p. 25), “desde as origens da Linguística do Texto até nossos dias, o texto foi visto de diferentes formas”. Num primeiro período, foi visto como: “a) unidade linguística (do sistema) superior à frase; b) sucessão ou combinação de frases; c) cadeia de pronominalizações ininterruptas; d) cadeia de isotopias ; e) complexo de proposições semânticas”. Já em relação a orientações de natureza pragmática, o texto passou a ser contemplado: “a) pelas teorias acionais, como uma sequência de atos de fala; b) pelas vertentes cognitivistas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; e c) pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade verbal.

Sendo o objeto de estudo da Filologia o texto escrito, Vasconcelos e Santiago-Almeida (2012, p. 337) relatam que sobre o termo “Filologia” existem acepções que representam divergências em relação ao seu objeto. A partir disso, os autores propõem o conceito de filologia com duas direções, uma no sentido mais amplo (*lato sensu*) e outra no sentido mais estreito (*stricto sensu*). A primeira tem como objeto de estudo o texto escrito, literário e não literário, sendo manuscrito e impresso. A segunda dedica-se ao texto escrito, essencialmente literário, que se apresenta antigo e moderno, manuscrito e impresso.

Logo, no sentido estreito, segundo Vasconcelos e Santiago-Almeida (2012, p. 337) o texto escrito é o objeto de estudo da filologia “[...] que tem o texto literário como *corpus* fundamental. Os textos históricos, jurídicos, religiosos e filosóficos constituem o *corpus* secundário”. Numa escala de valores, os referidos autores expõem que os respectivos *corpora* se integralizam, visto que “[...] a filologia ou crítica textual têm por fundamento a história e a literatura, e a história, por sua vez, se baseia primordialmente, em textos não literários, ficando os textos literários por segundo plano” (VASCONCELOS E SANTIAGO-ALMEIDA, 2012, p. 337).

## 1.2 CACHOEIRA DO SUL

Cachoeira do Sul, conhecida como a “Princesa do Jacuí”, está localizada no centro geográfico do estado do Rio Grande do Sul, à margem esquerda do Rio Jacuí e foi o quinto município criado no RS no ano de 1820, com distância de 196 km de Porto Alegre. Possui cerca de 90.000 habitantes e suas principais atividades econômicas são a agricultura e a pecuária. Na Figura 1, encontra-se o mapa do RS, o qual mostra Cachoeira do Sul no centro do Estado.

Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Sul



Fonte: <<http://www.viagemdeferias.com/mapa/rio-grande-do-sul/>> Acesso em: 15 abril 2018.

A população cachoeirense é uma mistura de várias etnias e dela fizeram parte homens influentes na história do Rio Grande do Sul como João Neves da Fontoura, Ramiro Barcelos, Aurélio Porto, Liberato Salzano Vieira da Cunha, Nero Moura, Cabo Toco e Aparício Borges. Esta região, a partir de 1750, foi ocupada por soldados portugueses vindos de São Paulo e que receberam sesmarias do governo de Portugal. Devido à explosão demográfica e à escassez de terras aráveis no Arquipélago dos Açores, chegaram açorianos, enviados para o Brasil, já em 1617.

Em 1754, pelo fato de os índios, residentes nas Missões, colocarem-se contra o poder da Coroa Portuguesa, da Coroa Espanhola e dos padres jesuítas, ocorreu a guerra Guaranítica, na qual os indígenas foram derrotados. Com isso, alguns deles foram levados para o Passo do Fandango, onde mais tarde construíram a Capela de São Nicolau.

De acordo com Schuh e Ritzel (1997),

O lugarejo, em 1769, era oficialmente denominado Capela de São Nicolau; em 1779 passou à FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Centro de uma região que progredia impulsionada pela passagem de tropas e viajantes que enriqueciam o seu comércio, adquiriu, em 5 de agosto de 1820, a autonomia política e administrativa, tornando-se o 5º município da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a VILA NOVA DE SÃO JOÃO DA CACHOEIRA (nome escolhido para homenagear D. João VI, Rei de Portugal). As freguesias de Santa Maria da Boca do Monte, Alegrete, Livramento, São Gabriel e Caçapava submetiam-se, administrativamente, a Cachoeira – o primeiro município criado na região centro da Província” (SCHUH; RITZEL, 1997, p. 11).

Na Figura 2, é possível observar a “reconstituição histórico-cartográfica, executada no Departamento Estadual de Estatística do Estado do Rio Grande do Sul, por João C. Campomar Júnior, desenhista-cartográfico. Agosto, 1942” (SCHUH; RITZEL, 1997, p. 11).

Figura 2 – Mapa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, 1822



Em 1769, índios guaranis catequizados foram aldeados no local até hoje chamado Aldeia. Estes índios vieram com o objetivo de fornecer mão-de-obra para a nova povoação que surgia. É nesta época que aparece o primeiro nome oficial, Capela de São Nicolau. Durante este tempo, e ainda depois, chegavam negros escravos, pois a escravidão sustentava o modo de produção na época: agricultura.

A então freguesia de Nossa Senhora da Conceição da vila de Rio Pardo foi emancipada a partir do alvará de D. João VI, em 26 de abril de 1819. Em 5 de agosto de 1820, como o nome de Vila Nova de São João da Cachoeira, houve a instalação do município e eleição dos primeiros vereadores. Essa data foi escolhida para comemorar o aniversário do município.

O nome Cachoeira surgiu em 15 de dezembro de 1859 quando o município foi elevado à categoria de cidade e pelo fato de existir a Cachoeira do Fandango, uma das corredeiras que existiam no rio Jacuí, sobre a qual, atualmente, encontra-se a Ponte do Fandango. Só em 1944 foi adotada a denominação definitiva de Cachoeira do Sul.

Por Cachoeira, certamente, passaram muitos viajantes, observadores com o intuito de descobrir um novo mundo. É o que podemos observar nas palavras do professor Lindman, o qual, em 1893, escreveu sobre o município:

[...] a pequena cidade de Cachoeira, situada mais ou menos no centro do Estado, sobre o Rio Jacuí, não longe do lugar onde desce do planalto para a terra baixa. O rio tem ao pé desta cidade uma cachoeira, onde se origina o nome da localidade. [...] A cidade está edificada em uma vasta planície de pastagens, limitada por montanhas tanto ao norte como ao sul. Ao sul, numa distância de 100 quilômetros, ergue-se a crista irregular da “Serra Caçapava” [...], ao norte na distância de 50 quilômetros, elevam-se os contornos do planalto que, de longe, semelham uma serra, tendo por isso este nome. A leste e a oeste estendem-se imensas planícies alternadas por Capões na direção do rio “Jacuí” (LINDMAN, 1893 *apud* SCHUH; CARLOS, 1991, p. 32).

No mês de dezembro, acontece anualmente a Semana de Cachoeira, entre oito de dezembro, dia da padroeira Nossa Senhora da Conceição, e 15 de dezembro, data da elevação à cidade. Algumas celebrações são realizadas em frente à Catedral Nossa Senhora da Conceição, um dos pontos turísticos da cidade, situada ao lado da Mitra Diocesana, local onde foram feitas as edições fac-símiles para esse estudo. A antiga Igreja Matriz foi apreciada por Bello em 1856:

Depois do almoço saí a pé com algumas pessoas para passear pela Vila. Percorri-a toda em duas horas; vi a Igreja, que é mais espaçosa do que a

Catedral de Porto Alegre; tem cinco altares e duas capelas fundas, além da Capela-Mor; tem bons consistórios e é muito bem construída. Seu plano foi traçado pelo Coronel Róscio e sua construção é de 1793. É, incontestavelmente, um dos melhores templos da Província. As torres, porém, ainda estão por acabar; todo o edifício necessita de retelho e de rebocos no exterior. Vi o império do Espírito Santo, que está próximo à igreja, é um belo edifício no seu “gênero” [...] (BELLO, 1856 *apud* SCHUH; CARLOS, 1991, p. 15).

A Catedral Nossa Senhora da Conceição já passou por várias reformas na pintura ao longo dos anos. Na sua última reforma, descobriu-se que a imagem da santa, fixada no topo da catedral, não correspondia a Nossa Senhora Imaculada Conceição, a padroeira do município, e sim, a Nossa senhora das Graças.

### 1.2.1 Diocese

Em 1760, após a construção de uma Capela filial da freguesia de Rio Pardo, Cachoeira do Sul passou a pertencer à Comarca da localidade, a qual possuía extensão ampla, abrangia também outros municípios como Santa Maria, Caçapava, São Sepé, São Pedro, General Vargas, parte de Jaguari, Cacequi, São Gabriel, Alegrete, Uruguaiana e alguns outros municípios da fronteira, conquistada para a Coroa de Portugal. Cachoeira passou a ser Capela curada, modalidade de existência permanente da Igreja Católica, “atendida por um sacerdote fixo” (RUBERT, 1998, p. 153) a partir de 1769. O primeiro cura foi o Pe. Bernardo Lopes e teve sua paróquia implantada em 10 de julho de 1779 por D. José Joaquim Mascarenhas Castelo Branco, Bispo do Rio de Janeiro. Primeiramente, recebeu o nome de São Nicolau de Cachoeira e, após dois anos, seu nome foi mudado para Nossa Senhora da Conceição.

Segundo Schuh e Ritzel (1997), em 24 de maio de 1810, Cachoeira do Sul foi elevada à Comarca Eclesiástica, ato providenciado pelo Bispo do Rio de Janeiro D. José Caetano da Silva Coutinho. Dessa forma, separou-se da Comarca de Rio Pardo e recebeu sob sua jurisdição as então capelas curadas de Nossa Senhora da Assunção de Caçapava e, pouco mais tarde, Santa Maria da Bocca do Monte, São Gabriel do Vacacaí, Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Alegrete, Santana da Boa Vista e São Martinho Lutero. Após 62 anos, a cidade tornou-se Comarca Civil.

Com a criação da Diocese de Santa Maria em 1910, Cachoeira do Sul passou a fazer parte dela, assim como os municípios de Santa Maria, Rio Pardo, Santo Amaro, São Vicente, Júlio de Castilhos, Tupanciretã, Cruz Alta, Santo Ângelo, Palmeira, Candelária, Soledade, Agudo, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria, São Francisco de Paula de Cima da Serra e Bom Jesus, chegando a um total de vinte Freguesias (fundadas ainda no tempo do Brasil Colônia e Brasil Império) e seis Curatos (fundados entre 1889 e 1908) (SCHUH; RITZEL, 1997, p. 12).

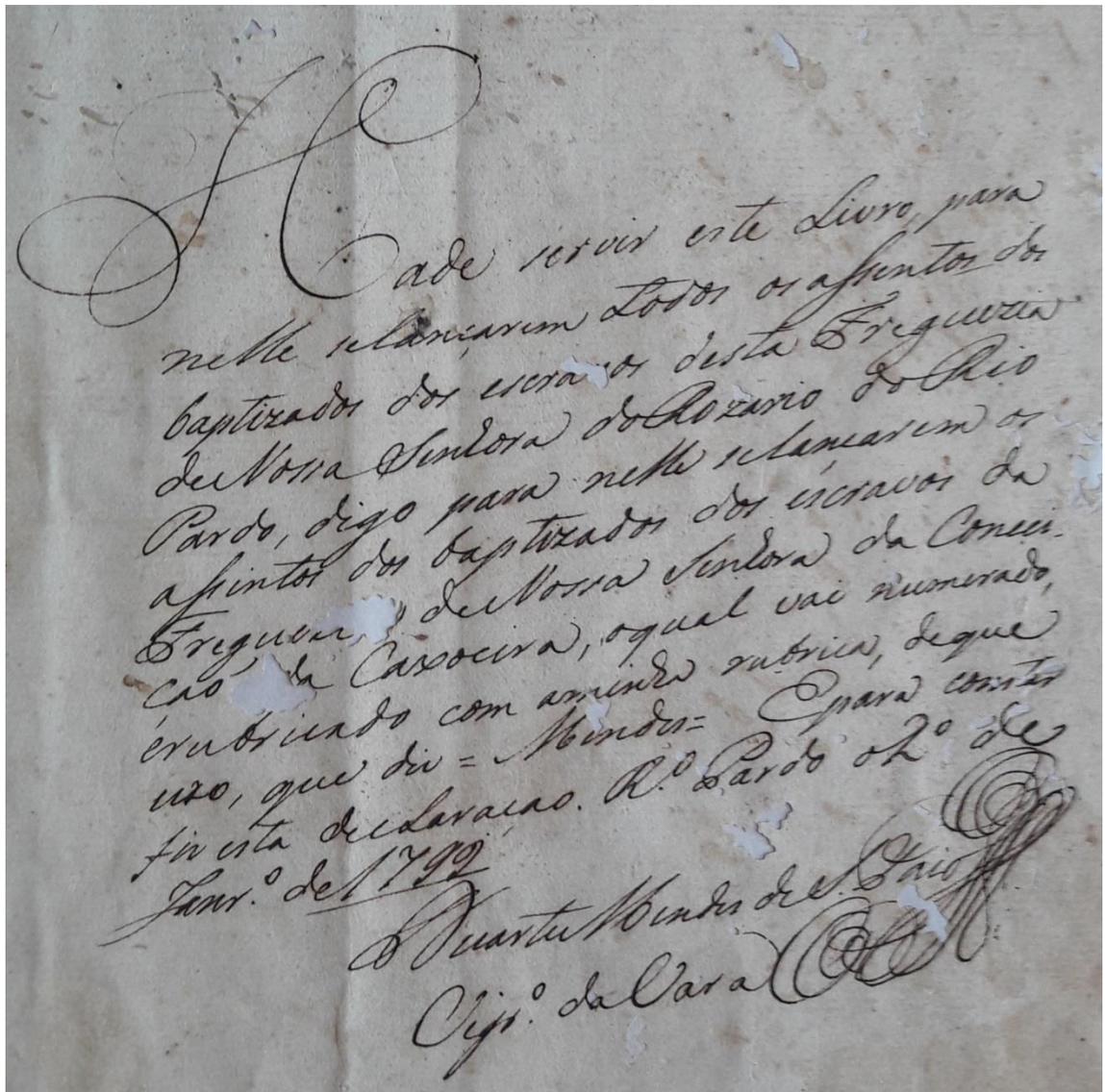
Até o ano de 1991, Cachoeira fez parte eclesiasticamente de Santa Maria, mas em 17 de julho do mesmo ano foi criada a sua Diocese que teve como primeiro Bispo, Dom Frei Ângelo Domingues Salvador, que ficou no cargo do ano de 1991 a 1999. O segundo Bispo, Dom Frei Irineu Sílvio Wilges, atuou do ano 2000 a 2011. No dia 28 de novembro de 2011, o papa Bento XVI nomeou como terceiro bispo da Diocese de Cachoeira do Sul, Dom Remídio José Bohn<sup>3</sup>, o qual faleceu em seis de janeiro de 2018, vítima de um tumor no pâncreas, sendo sepultado na Catedral da cidade, Nossa Senhora da Conceição. Atualmente, o padre nomeado como Bispo da Diocese é Dom Frei Irineu Sílvio Wilges.

A pesquisa sobre a história da Diocese faz0-nos entender o porquê de algumas atas fazerem referência a outras cidades, como, por exemplo, o termo de abertura do Primeiro Livro de Batismo de Escravos de 1799 (Fotografia 1), que faz referência a Rio Pardo, paróquia que Cachoeira do Sul fazia parte eclesiasticamente, de onde os religiosos se deslocavam para as cidades de domínio para atender as necessidades espirituais dos cidadãos, como se pode notar nas edições.

---

<sup>3</sup> Dom Remídio, no ano de 2017, cordialmente, permitiu a pesquisa e a coleta do material para esse estudo.

Fotografia 1 – Edição fac-similar do L1-TA (Livro 1 - Termo de Abertura de Batismo - 1799-1842)



Fonte: Mitra Diocesana (Arquivo) Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 07 de março de 2017.

Edição diplomática:

- Hade servir este Livro para  
 nelle selançarem todos os assentos dos  
 baptizados dos escravos desta Freguezia  
 de Nossa Senhora do Rozario do Rio  
 5 Pardo, digo para nelle se lançarem os  
 assentos dos baptizados dos escravos da

Freguezia de Nossa Senhora da Concei-  
 ção da Caxoeira, oqual vai numerado  
 erubricado com aminha rubrica, deque  
 10 uzo, que dis = Mendes = Epara constar  
 fiz esta declaração. R<sup>o</sup> Pardo o 2<sup>o</sup> de  
 Janr<sup>o</sup> de1799

Duarte Mendes de S. Paio

Dip<sup>o</sup>. daVara

Percebe-se que, primeiramente, a referência é feita a “Nossa Senhora do Rozario do Rio Pardo”, talvez por uma distração do escrevente e, após, à “Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Caxoeira”.

### 1.2.2 Párocos escreventes

Segundo Rubert (1998) em “História da Igreja no Rio Grande do Sul: época imperial”, os párocos de Cachoeira, desde o início, foram Padres Seculares e descritos pelo referido autor por ordem de paróquiato. Sendo assim, selecionamos desta obra a descrição dos quatro padres escreventes dos textos coletados.

PE. INÁCIO FRANCISCO XAVIER DOS SANTOS (1798-1844), natural de Destêrro na Ilha de Santa Catarina, foi o 1<sup>o</sup> Pároco Colado e 1<sup>o</sup> Vigário da Vara de Cachoeira, tendo paroquiado de quase 46 anos, durante o qual se mostrou ativo e virtuoso. Recebeu seis visitas canônicas, merecendo louvor “pela gravidade e firmeza com que se comporta no seu ministério e no meio de seus fregueses, dando-lhes assim exemplo de mansidão, que é a virtude característica do cristão”. Uma das visitas foi efetuada pelo próprio Bispo do Rio de Janeiro D. José Caetano da Silva Coutinho. Era êsse pároco Cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Mostrou-se farrapo fervoroso. Morreu em Cachoeira, como Decano dos Párocos do Rio Grande, a 30 de junho de 1844, aos 78 anos de idade, com todos os Sacramentos, sendo inumado no Cemitério da Freguesia. [...]

PE. ANTÔNIO HOMEM DE OLIVEIRA (1844-1850), oriundo de S. Jorge dos Açores, antes Pároco de Caçapava, no tempo que era Capital da República Farrroupilha. Era Coadjutor de Cachoeira desde 1842. Em 1850 continuou no lugar como Capelão das Irmandades. Em 1852 foi nomeado Pároco de São Sepé, que paroquiou por quase um ano, regressando para Cachoeira como Coadjutor, onde veio a falecer a 13 de abril de 1860, aos 66 anos de idade, com todos os Sacramentos, sendo inumado no Cemitério da Vila. De 1846 a 1850 serviu de Coadjutor o Pe. Manuel Rodrigues Coelho das Neves, português, futuro Cônego e Pároco colado de São Martinho.

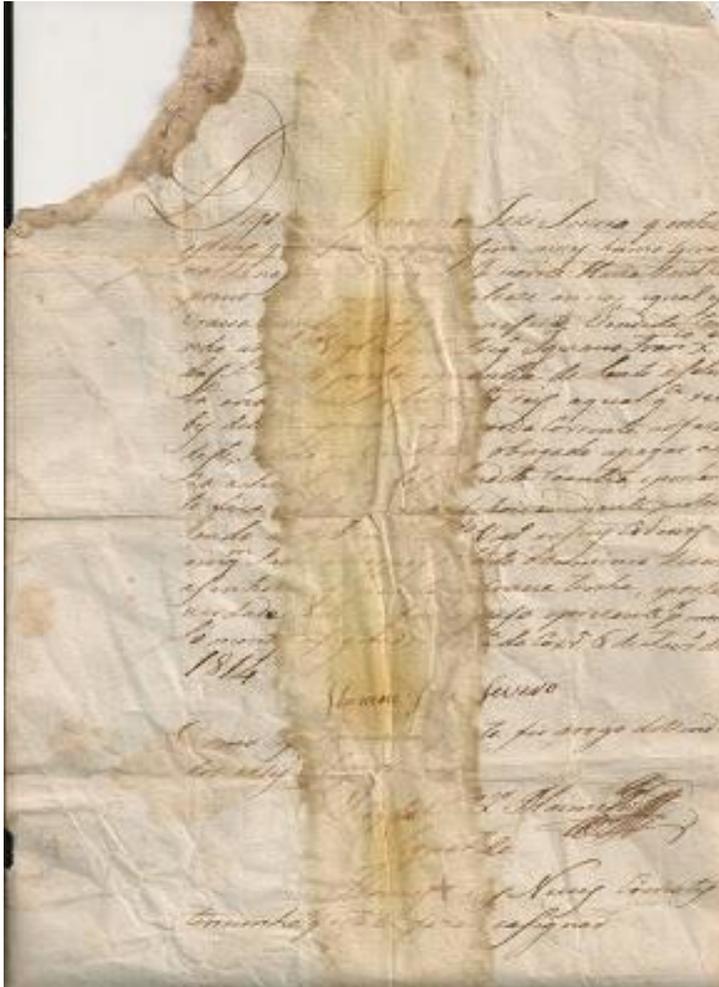
PE. JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA LOUSADA SOBRINHO (1853-1860), antes Pároco da freguesia de N. Sra. do Amparo de Maricá, na Província do Rio. Pároco de Rio Pardo, a 19-4-1853 permutou de Freguesia. A 29 de maio de 1854 recebeu a visita canônica de Dom Feliciano Rodriguez Prates, que lhe recomendou ordem no arquivo e zêlo na pregação do Evangelho. Em 1860, por consentimento dos superiores, permutou de paróquia com o Pároco colado de Caçapava, onde paroquiou até 1862. Em seguida foi Pároco de Alegrete (1863-1864) e de Sant'Ana do Livramento (1864-1868). Em 1854 até inícios de 1855 serviu de Vigário interino o antigo Coadjutor Pe. Marcelino Lopes Falcão.

PE. DR. MARCOLINO MARIA DA MAIA FIRME (1869-1890), nomeado por Provisão de 1º de junho de 1869. Era orador apreciado, mas de vida irregular, sendo transferido para Pelotas, onde faleceu em 1911. (RUBERT, 1998, p. 32).

Dentre todos os padres citados, o que permaneceu mais tempo na Diocese foi o padre Inácio Francisco Xavier dos Santos que, por 46 anos, “se mostrou ativo e virtuoso”, conforme Rubert (1988, p. 32). Ele foi proprietário de dois terrenos em Cachoeira do Sul e também acionista da Armada Naval do Império do Brasil, em 1823.

De acordo com o documento avulso (Figura 3) que está preservado no Arquivo Histórico do município, no dia 06 de fevereiro de 1814, a escrava Maria, da nação Benguela, com 13 anos de idade foi vendida ao Vigário Ignácio Francisco Xavier dos Santos por Floriano Joze Severo, pela quantia de 179.200 réis.

Figura 3 – Documento: venda da escrava Maria



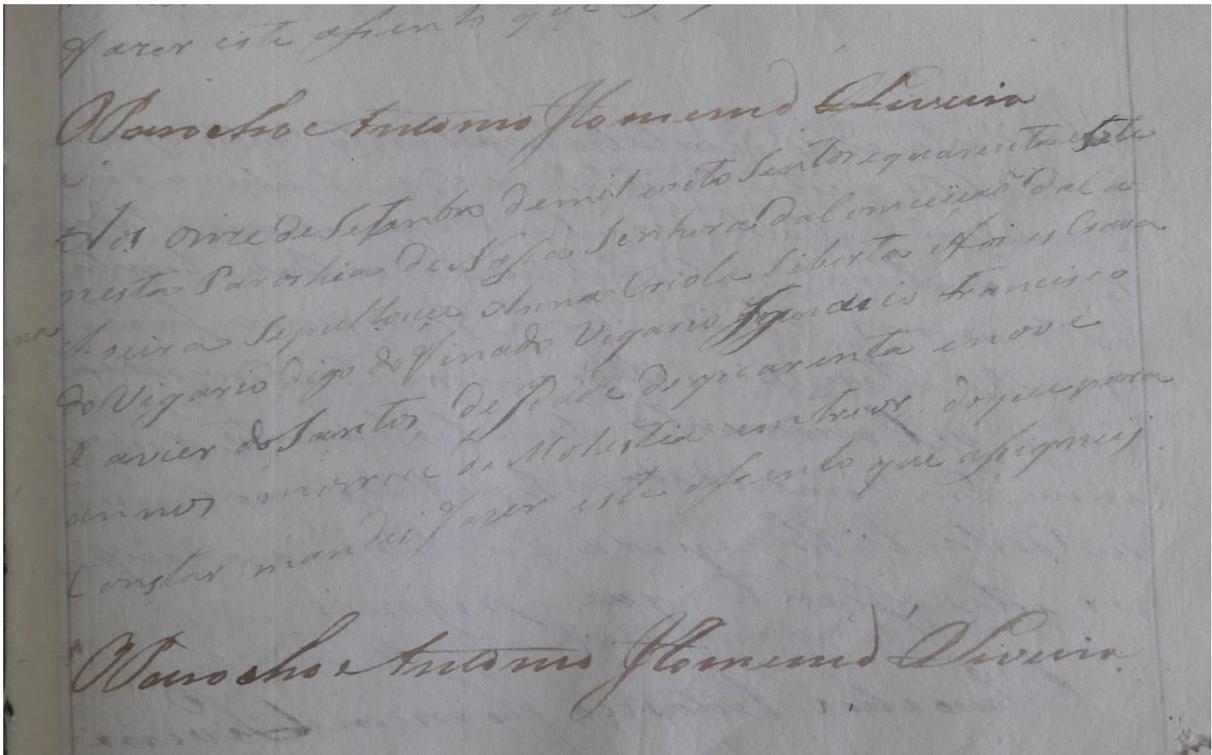
Fonte: <<http://arquivohistoricodecachoeiradosul.blogspot.com/>> Acesso em: 10 abril 2017.

Há também no Livro de Óbitos nº 3 da Diocese, folha 122, o óbito de Anna, crioula liberta que também foi escrava do Vigário e faleceu de moléstia interior, aos 49 anos de idade. De acordo com a pesquisadora do Arquivo, Mirian Ritzel<sup>4</sup>, “Escravos eram bens adquiridos por qualquer cidadão, inclusive os do clero”.

Segue abaixo, na Fotografia 3, a edição fac-símile do atestado de óbito de Anna, escrava do Pároco Inácio Francisco Xavier dos Santos e sua edição semidiplomática.

<sup>4</sup> Mirian Regina Machado Ritzel é professora formada em Letras e atua como pesquisadora há quase 30 anos, quando ingressou no Museu Municipal de Cachoeira do Sul. Atualmente, exerce a função de pesquisadora no Arquivo Histórico do município.

Fotografia 2 – Fac-símile do Livro de óbitos nº 3, fl. 122 (1827 a 1860)



Fonte: Mitra Diocesana (Arquivo). Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

Edição diplomática:

Aos onze de setembro de mil oito sentos e quarenta e sete  
 nesta Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Ca=

choeira sepultou-se Anna Criola liberta foi escrava

do Vigário digno do finado Vigário Francisco

5 Xavier dos Santos de [ilegível] de quarenta e nove

anos morreu de Molestia interior de que para

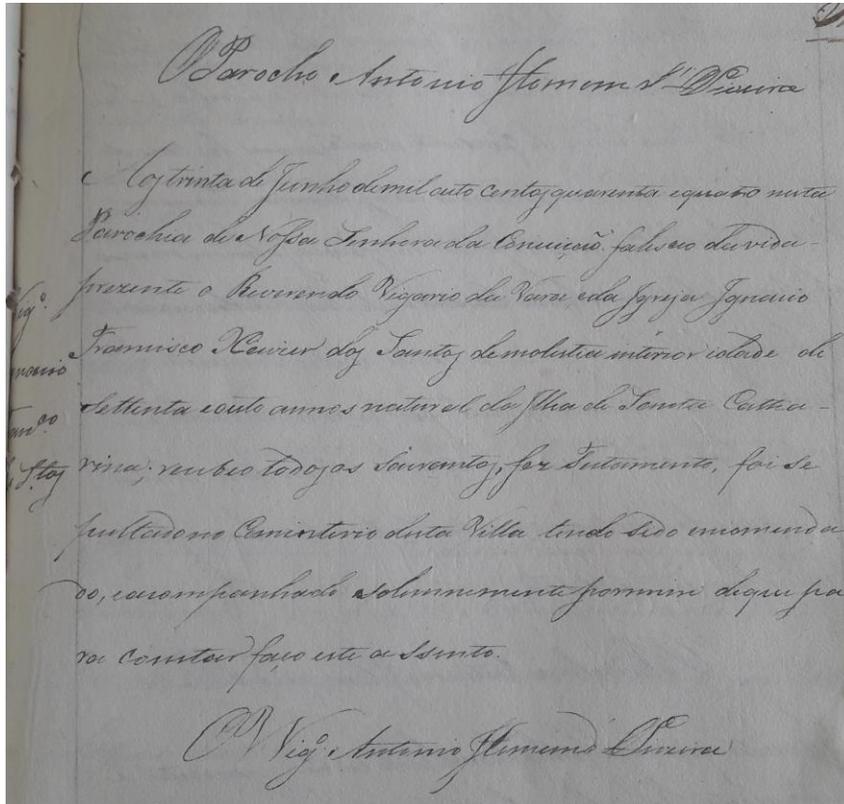
constar mandei fazer este assento que assignei

O Parocho Antonio Homem d' Oliveira

No Livro de Óbitos nº 3 da Diocese, fl. 81, encontra-se o atestado de óbito do Pe. Inácio que, de acordo com Rubert (1988), tinha firmeza em relação ao seu

comportamento na igreja diante dos fiéis e foi sempre elogiado por seus visitantes, bispos que vinham de outras dioceses, sendo assim um exemplo de cristão.

Fotografia 3 – Fac-símile do Livro de Óbitos nº 3, fl. 81 (1827 a 1860)



Fonte: Mitra Diocesana (Arquivo). Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

#### Edição diplomática:

Aos trinta de Junho de mil oito centos quarenta e quatro nesta  
 Parochia de Nossa Senhora da Conceição faleceo da vida  
 prezente o Reverendo Vigario da Vara e da Igreja Ignacio  
 Francisco Xavier dos Santos de moléstia interior idade de  
 5 Settenta e oito anos natural da Ilha de Santa Catha-  
 rina, recebeo todos os sacramentos, fez testamento, foi Se-  
 pultado no Cemiterio desta Villa tendo sido encomenda

do, e acompanhado solennemente por mim deque pa  
ra constar faço este assento

10 O Vigário Antonio Homem de Oliveira

### 1.2.3 Escravos

De acordo com Costa e Silva (2003, p. 83), muitos textos que relatam sobre a escravidão nos passam uma imagem não agradável entre o escravo e seu senhor. Havia muita violência, desde sua origem até o momento que se revelaria quem ia ser escravo em sua identidade social, pois:

Tratava-se, no entanto de um ser humano diferente, um estrangeiro por natureza, concebido muitas vezes como distinto e inferior, desenraizado e só de modo lento, e quase sempre de maneira incompleta, inserido noutro conjunto social. A esse estrangeiro absoluto, busca a comunidade dominante aviltar, despersonalizar, infantilizar e despír de todas as relações grupais. E é o fato de ser um estranho, que perde a família, a vizinhança, os amigos, a pátria e a língua, e a quem se nega um passado e um futuro, o que permite a redução de pessoa a algo que possa ser possuído. (COSTA E SILVA, 2003, p. 86)

A partir dessa citação, pode-se perceber o escravo como ser subordinado, “estrangeiro absoluto”, o qual acaba perdendo até a sua língua, seu modo de fala, era obrigado a abandonar a sua própria identidade.

#### 1.2.3.1 *Crescimento da população escrava: desenvolvimento econômico do município*

Na reportagem do Jornal do Povo<sup>5</sup>, datada de 25 e 26 de junho do ano de 2005, intitulada “A história negra da cidade é recontada”, texto que deu origem ao *corpus* da presente pesquisa, percebe-se que a escravidão contribuiu muito para a economia de Cachoeira do Sul. De acordo com a Fundação de Economia e

---

<sup>5</sup> O Jornal do Povo é o principal veículo de comunicação da cidade de Cachoeira do Sul. Foi fundado em 29 de junho de 1929. Há 89 anos de circulação ininterrupta, atende aos municípios de Novo Cabrais, Cerro Branco, Paraíso do Sul, Restinga Seca e Agudo. Disponível em: <<https://www.jornaldopovo.com.br/site/index.php>> Acesso em: 10 abril 2018.

Estatística de Província de São Pedro a Estado do RS 1803-1950<sup>6</sup>, dentre a população oficial de 662 pessoas em 1780: 237 eram escravos (35,8%), 383 indígenas (57,8%) e 42 brancos (6,4%). Fagundes (2009) faz referência a essa pequena população heterogênea e utiliza a expressão “trabalhador escravizado” para se referir e aos escravos.

Branco, neste censo, está sendo usado como sinônimo de livre, certamente sendo incluído neste número alguns pardos e forros. Já pretos aí aparece como uma definição de status, como sinônimo de trabalhador escravizado. Aos indígenas demarcou topinimicamente uma das ruas da Vila de Cachoeira (FAGUNDES, 2009, p. 45).

No ano de 1814, conforme os Censos do RS 1803-1950, Cachoeira tinha uma população de 8.225 habitantes, apontando um crescimento populacional em relação ao ano de 1780. Essa população era distribuída em 2.622 escravos (32%), 4.576 brancos (55,60%), 425 indígenas (5,2%), 398 livres (4,8%) e recém-nascidos (2%). Vale ressaltar que segundo a organização dos censos de 1780 e 1814 a freguesia de Cachoeira possuía uma maior extensão territorial, pois ainda faziam parte as cidades de Santa Maria, Santana do Livramento, Alegrete e Caçapava. Um fato interessante dessa época, segundo Schuh e Ritzel (1997, p. 29), é que em 1820 houve uma invasão à Vila de Cachoeira, na qual foram libertados todos os escravos e proclamada a república.

Segundo Fagundes (2009, p. 47), a população de Cachoeira em 1859 era de 5.169 indivíduos, sendo 1628 escravos (31,5%) e libertos 85 (1,8%). Percebe-se que a quantidade de escravos ainda é considerável e segundo Oliveira (2013)

[...] mesmo após o fim do tráfico internacional de 1850, onde a probabilidade de um decréscimo da população cativa poderia ser sentida, pois não estava mais chegando cativos na África. Os Elevados preços também seria um fator importante após 1850 e contribuiria ainda o tráfico interprovincial para as regiões cafeeiras, já que as regiões produtoras de café havia a necessidade de mão de obra abundante poderiam negociar cativos da província sulina. (OLIVEIRA, 2013, p. 70)

Zarth (2002, p. 111), em “Do Arcaico ao moderno”, constata que a historiografia da região não apresenta relevância assim como tinha a mão-de-obra escrava. Sônego (2011, p. 36), “Da mesma forma, verifica-se que Cachoeira não foi

<sup>6</sup> Fundação de Economia e Estatística De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul Censos do RS 1803-1950. Porto Alegre, 1981. Disponível em: <[www.fee.tche.br/sitefee/download/publicacoes/digitalizacoes/de-provincia-ide-sao-pedro-a-estado-do-rs-vol-1-1981.pdf](http://www.fee.tche.br/sitefee/download/publicacoes/digitalizacoes/de-provincia-ide-sao-pedro-a-estado-do-rs-vol-1-1981.pdf)> Acesso em: 12 abril 2018.

exceção a essa constatação”, apresentada por Zarth (2002), pois a autora apresenta o censo do ano de 1872 em que a população de Cachoeira agregava 11.756 habitantes, sendo 17,18% escravos, o que apresentava um valor mais elevado em comparação ao todo dos habitantes da província, que era 15,59%. Na Tabela 1, observa-se a presença escrava em % na população do Rio Grande do Sul no ano de 1872 (SÔNEGO, 2011, p. 37).

Tabela 1 – Porcentagem de escravos nos municípios do Rio Grande do Sul no ano de 1872

| Município                 | Livres | Escravos | Total | % de escravos <sup>22</sup> |
|---------------------------|--------|----------|-------|-----------------------------|
| CANGUÇU                   | 8218   | 2796     | 11014 | 25%                         |
| JAGUARÃO                  | 10514  | 3248     | 13762 | 24%                         |
| ENCRUZILHADA              | 6554   | 1897     | 8451  | 22%                         |
| SÃO JERÔNIMO              | 5074   | 1444     | 6518  | 22%                         |
| BAGÉ                      | 16952  | 4816     | 21768 | 22%                         |
| PIRATINI                  | 5110   | 1391     | 6501  | 21%                         |
| CAMAQUÃ                   | 5175   | 1366     | 6541  | 21%                         |
| RIO GRANDE                | 16747  | 4315     | 21062 | 20%                         |
| CAÇAPAVA                  | 11256  | 2895     | 14151 | 20%                         |
| SANTANA DO LIVRAMENTO     | 8063   | 2012     | 10075 | 20%                         |
| SÃO GABRIEL               | 11120  | 2558     | 13678 | 19%                         |
| SÃO JOSÉ DO NORTE         | 4753   | 1091     | 5844  | 19%                         |
| PORTO ALEGRE              | 35843  | 8155     | 43998 | 19%                         |
| CACHOEIRA                 | 9620   | 2136     | 11756 | 18%                         |
| PELOTAS                   | 17608  | 3590     | 21198 | 17%                         |
| TAQUARI                   | 13370  | 2587     | 15957 | 16%                         |
| CONCEIÇÃO DO ARROIO       | 8172   | 1473     | 9645  | 15%                         |
| SANTO ANTONIO DA PATRULHA | 21206  | 3700     | 24906 | 15%                         |
| SANTA MARIA               | 7054   | 1204     | 8258  | 15%                         |
| RIO PARDO                 | 17377  | 2800     | 20177 | 14%                         |
| URUGUAIANA                | 6369   | 997      | 7366  | 14%                         |
| ALEGRETE                  | 16192  | 2318     | 18510 | 13%                         |
| TRIUNFO                   | 10111  | 1175     | 11286 | 10%                         |
| ITAQUI                    | 7697   | 864      | 8561  | 10%                         |
| PASSO FUNDO               | 15828  | 1616     | 17444 | 9%                          |
| CRUZ ALTA                 | 27961  | 2701     | 30662 | 9%                          |
| SÃO BORJA                 | 13686  | 1141     | 14827 | 8%                          |
| SÃO LEOPOLDO              | 20314  | 1546     | 21860 | 7%                          |

Fonte: SÔNEGO (2011, p. 37).

De acordo com a análise feita pela autora, notam-se significativos elementos que auxiliam na caracterização dos escravos nos municípios do Rio Grande do Sul.

Cachoeira do Sul. Em relação aos 28 municípios, está na décima quarta posição quanto ao percentual de escravos na sua população. A quantidade de escravos é mais elevada nos municípios com o maior número de habitantes e “naqueles com maior economia charqueadora”. Sônego (2011) destaca ainda que

Nos anos finais do sistema escravista, Cachoeira continuava configurando-se entre os municípios da província que continuavam a utilizar do braço cativo. E 1887, a população cativa era de 464 pessoas, sendo o terceiro município com maior concentração de escravos no período, perdendo apenas para Rio Grande e Encruzilhada. (SÔNEGO, 2011, p. 40)

A partir do exposto acima, nota-se que o trabalho escravo era exigido “nos anos finais do sistema escravista”, pois o município era o terceiro da província a usufruir dessa labuta.

No estudo realizado por Sônego (2011, p. 113) observa-se, nas duas últimas décadas da escravidão, que os inventários *post-mortem* relatam o fato de 48,97% dos proprietários terem escravos elencados em seus bens, mão de obra que existia tanto na cidade como no meio rural. Outro ponto importante, segundo a autora era que

[...] 40.83% dos proprietários escravistas tinham posses que ultrapassavam 10:000\$000. Portanto, em Cachoeira no período pesquisado, eram os pequenos e médios proprietários que eram a maioria dos escravistas da região. Esse dado desfaz o equívoco de pensar que a utilização do braço cativo, mesmo em uma província considerada periférica, não é desconsiderável. (SÔNEGO, 2011, p. 113)

Porto (1922) relata que, no ano de 1889, já havia uma redução da população cativa, a qual acontecia de forma sistemática e salienta a questão de que no município havia pessoas adeptas aos “trabalhos abolicionistas”.

O Abolicionismo congregava clubs, procurava de todo modo facilitar a libertação dos escravos, a qual era feita sempre espontaneamente. Em 1 de Junho a 31 de Outubro de 1884 existiam no município 1305 escravos dos quaes, por influxo da propaganda abolicionista, foram libertados de 1 de Junho a 31 de Outubro desse anno 441, e de 1 de Novembro a 15 de Março, 178, ficando, nesse decurso de tempo, livres 619. Como se vê eram bem aproveitados os trabalhos abolicionistas que encontravam em Cachoeira fervorosos e entusiasticos adeptos (PORTO, 1922, s.p.)

Destarte ao que foi apresentado, nota-se que, entre os séculos XVIII e XIX, o braço cativo apresentou um significativo crescimento, o qual corroborou para o desenvolvimento econômico do município e, mesmo assim, muitos historiadores, por

muito tempo, consideravam o escravo como “um ser “*incapaz e mercadoria*”, “*vítima ou herói*”, segundo Oliveira (2013, p. 15). Para a autora, “os cativos passaram a ser encarados como sujeitos históricos, que agiam, pensavam, criavam estratégias”.

### *1.2.3.2 Manuscritos: informações sobre os escravos*

O estudo realizado referente ao *corpus* dessa pesquisa revelou histórias e características da vida dos escravos de Cachoeira do Sul. Alguns eram classificados como crioulos, negros, pardos, libertos, não libertos, apadrinhados por outros escravos ou com pai incógnito. Foi possível saber quantos eram casados ou solteiros e também o nome de seus senhores.

A certeza que podemos ter é que esses escravos, crioulos, pretos, negros ou pardos foram essenciais na formação populacional da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira. Além dos mais, participaram do crescimento econômico do município, como já exposto anteriormente.

### *1.2.3.3 Local onde eram enterrados os escravos*

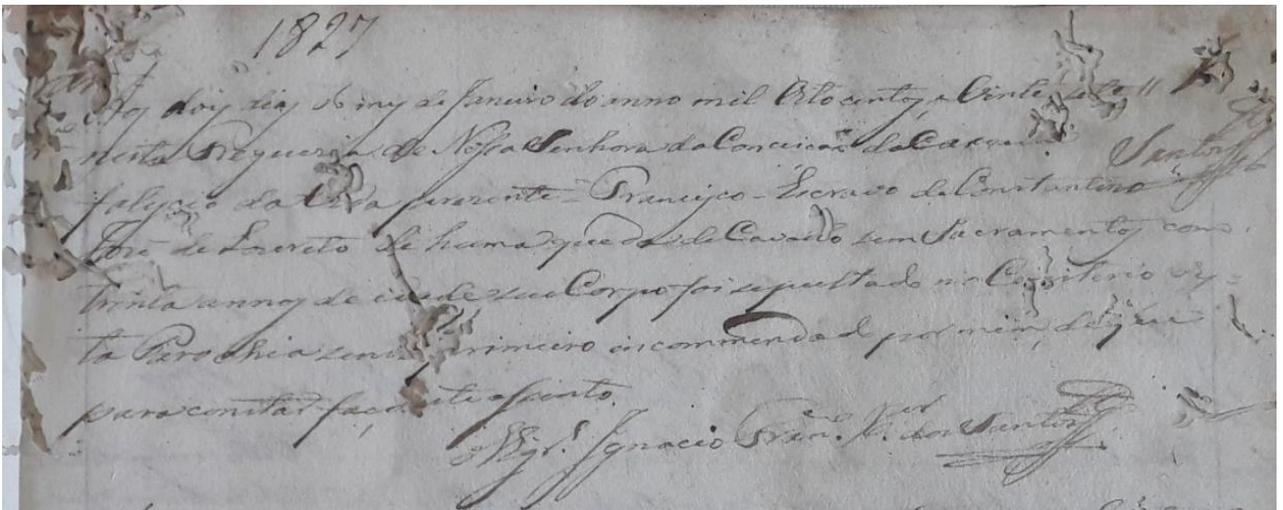
No *corpus* da presente pesquisa sobre os atestados de óbitos, há sempre a referência aos escravos serem enterrados no cemitério da cidade. Mas, um fato interessante, é que nem sempre foi assim. Na reportagem “A história negra da cidade é recontada”, ao analisar o livro de óbitos de 1827, a professora Lair Vidal constatou que foi um negro a primeira pessoa a ser sepultada no interior da Catedral Nossa Senhora da Conceição. Ao aprofundar-se na história dos escravos, a historiadora descobriu que, no dia 21 de outubro de 1827, representantes das quatro irmandades determinaram, em acordo, suspender o sepultamento na Catedral. O livro de atas da época, analisado por Vidal, aponta que tal decisão foi tomada pelo fato de que o cheiro dos mortos estava extremamente desagradável. O vigário da época, Pe. Inácio Francisco Xavier dos Santos homologou a decisão das irmandades e decidiu que todos os sepultamentos fossem realizados no cemitério. A

ata assinada pelo escrivão Francisco Xavier, revela que por uma questão de higiene, ergueu-se o Cemitério das Irmandades, ficando pronto em 1833.

O CEMITÉRIO DAS IRMANDADES, que recebe sepultamento desde 1833, é outro marco histórico de Cachoeira. Em seus domínios repousam, lado a lado, filhos ilustres e homens do povo, personagens de uma história comum. Sua criação determinou o fim da prática de sepultamento na igreja. (SCHUH e RITZEL, 1997, p. 22)

Para constar, segue abaixo na Fotografia 4 e a edição fac-símile do atestado de óbito de Francisco, primeiro escravo a ser enterrado no Cemitério da Paróquia, ou seja, no interior da Catedral.

Fotografia 4 – Fac-símile do atestado de óbito do escravo Francisco



Fonte: Mitra Diocesana (Arquivo). Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

Edição diplomática:

1827

Aos dois dias do mês de Janeiro do anno de mil oito centos e vinte e sete  
nesta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Caxueira

falescio da [ilegível] presente = Francisco = Escravo de Constantino

Jose de Loreto de carvallo sem sacramentos com

5 trinta annos de idade seu Corpo foi sepultado no Cemiterio des

ta Parochia sendo primeiro incommendado por mim de que

para constar faço este assento

## O Vigário Ignacio Francisco Xavier dos Santos

### 1.3 DEFINIÇÃO ATA/ATESTADO/REGISTRO

O conhecimento dos tipos de documentos é de fundamental importância para o pesquisador, o qual terá maior compreensão e discernimento para apoiar as decisões de análise. Para se tornarem documentos diplomáticos, eles necessitam de que atividades desenvolvidas sejam registradas, pois assim terão fé pública, isto é, serão assentados e legitimados como ato administrativo ou jurídico.

Conforme Pedrazzi (2015, p.100), “[...] o nomear um documento é chamado de designar a Tipologia”. A tipologia, segundo Pedrazzi (2015), é o atestado, a certidão, o certificado, isto é, o nome de uma espécie “[...] reunida com uma palavra que nomeia, também, o que está relacionado, ou seja, uma função a qual se destina a produção do documento” (PEDRAZZI, 2015, p. 100). O estudo da tipologia tem por objetivo analisar o documento, considerando as informações contidas e sua estrutura, como a introdução, a linguagem, etc. Esse estudo também se propõe à identificação das atividades que deram origem aos documentos, as quais possuem uma forma exclusiva, dando início a diversos tipos documentais.

De acordo com Bellotto (2008),

Enquanto a espécie documental é o objeto da Diplomática, a Tipologia Documental, representando melhor uma extensão da Diplomática em direção à Arquivística, tem por objetivo o tipo documental, entendido com a “configuração que assume a espécie documental de acordo com a atividade que a gerou”. (BELLOTTO, 2008, p. 19)

Para Bellotto (2008), o estudo da tipologia está interligado à relação do documento com a atividade desenvolvida pelas pessoas ou instituições. No exercício de uma função, a instituição cumpre atividades e cada uma delas origina documentos, os quais caracterizam estas atividades. Dessa forma, tais documentos são confirmações das tarefas realizadas. A compreensão não apenas do conteúdo, mas também da sua forma, é uma questão essencial no trabalho realizado pelos pesquisadores. A autora ainda ressalta que

O processo de organização e disseminação da informação arquivística não pode prescindir do conhecimento das competências e das atividades das

entidades produtoras/acumuladoras dos documentos. Só assim, é possível entender o porquê da escolha das tipologias documentais adequadas para comprovar aquelas competências, funções e atividades. E é a diplomática que vai fornecer aos arquivistas as ferramentas para compreender essa indiscutível polarização: produtor-produto (BELLOTTO, 2008, p. 3-4).

De acordo com o exposto, a tipologia documental é a união entre a espécie do documento e a sua função. Sendo assim, percebe-se que os manuscritos utilizados para a presente pesquisa, datados dos séculos XVIII e XIX, apresentavam uma função específica para a igreja, testemunhando os fatos ocorridos, com uma estrutura formal, uma caracterização e uma linguagem típica da época em questão.

Para Berwanger e Leal (2015), *ata* é o “documento que registra um acontecimento concomitante a sua realização”. Já Bellotto (2008) afirma que *ata* é o “documento diplomático” que serve de testemunha de um assentamento, sendo para a referida autora assento o “Registro de um compromisso passado em livro próprio (códice).” Ainda sobre a *ata*, Bellotto (2008) explica:

Registro resumido das ocorrências de uma reunião, assembleia ou sessão, assim como das decisões tomadas por seus membros. Se for de eleição, resume o seu desenrolar. Geralmente é lavrada em livro próprio. **Protocolo inicial:** número da *ata* e nome da entidade subscritora da reunião. Data cronológica, inclusive designação da hora, do local, com endereço. Nome das pessoas presentes, sua qualificação e declaração de abertura da sessão pelo presidente e secretário. **Texto:** assuntos discutidos, em obediência ou não a uma ordem do dia ou pauta. **Protocolo final:** fecho: “nada mais havendo a tratar...eu...secretário lavrei a presente...” Assinaturas do presidente ou secretário. (BELLOTTO, 2002, p. 48, grifo do autor)

Já o gênero textual *atestado*, conforme Bellotto (2008) é o “documento diplomático testemunhal de assentamento, notarial ou não.” A partir de um fato ocorrido, é realizada uma declaração por uma autoridade governamental, civil, militar, eclesiástica ou notarial. Geralmente, confundem-se *atestado* com *certidão*, mas há diferenças, pois o primeiro é uma declaração e a segunda, transcrição legitimada. Assim como a *ata*, o *atestado* também apresenta:

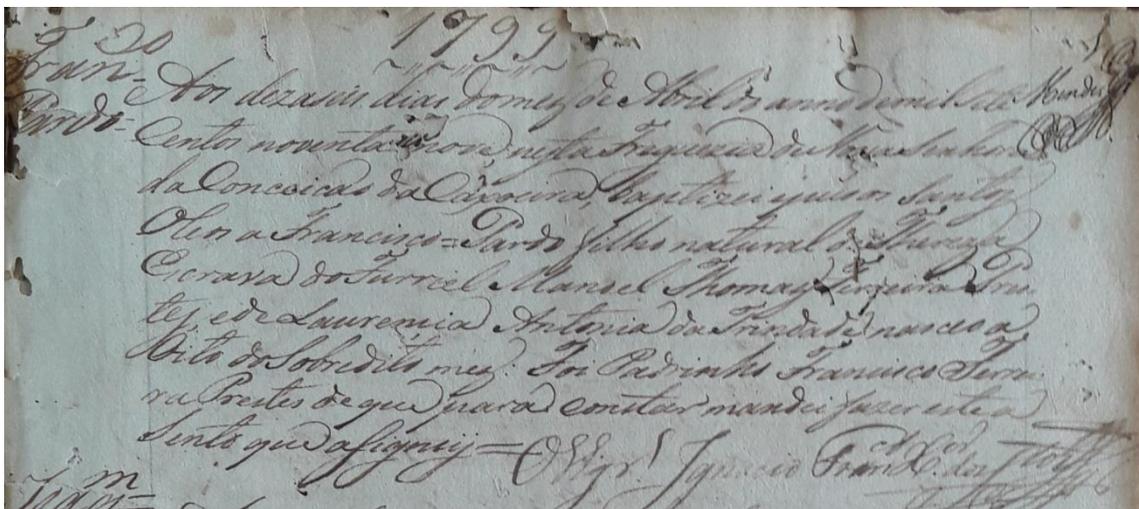
**Protocolo inicial:** timbre do órgão emissor. Título – “Atestado de...” “Atesto para os devidos fins que...” (ou o fim específico). **Texto:** um parágrafo sobre o que se atesta, o nome do interessado e sua identificação/qualificação. **Protocolo final:** datas tópica e cronológica. Assinatura, nome e cargo do emitente. (BELLOTTO, 2002, p. 48-49, grifos do autor)

Para Bellotto (2008, p. 84), o *registro* é um “documento não-diplomático testemunhal de assentamento. Inscrição ou transcrição de atos, fatos, títulos e documentos a fim de autenticá-los”.

A partir do exposto sobre “registro”, relacionando-o com a definição de “atestado”, “qual o critério para definir que alguma dessas espécies seja a espécie que, em conjunto com a atividade “óbito”, forme uma tipologia que identifique um dado tipo documental” (PEDRAZZI, 2015, p. 78-79). Em relação aos manuscritos da presente pesquisa relacionados à atividade “óbito”, nota-se que esses são registrados em livros, não sendo documentos avulsos para determinados fins, como os atestados. Dessa forma, o tipo documental apresenta-se como registro de óbito.

A partir da explicação dada por Bellotto (2008) referente aos gêneros textuais, seguem abaixo exemplos retirados dos *corpora* do presente trabalho, com suas edições, mostrando as partes em que a autora relata como constituintes dos referidos documentos, apresentadas em quadros, como se pode observar nos elementos da Fotografia 5.

Fotografia 5 – Fac-símile - L1-01 (Livro - ata de batismo - 1799-1842)



Fonte: Mitra Diocesana (Arquivo). Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

Edição diplomática:

1799

Fran<sup>co</sup>= Aos dezeseis dias do mez de Abril do annode mil sete  
 Pardo Centos noventa e nove nesta Freguezia de Nossa Senhora  
 da Conceição da Caxoeira baptzei e pus os Santos

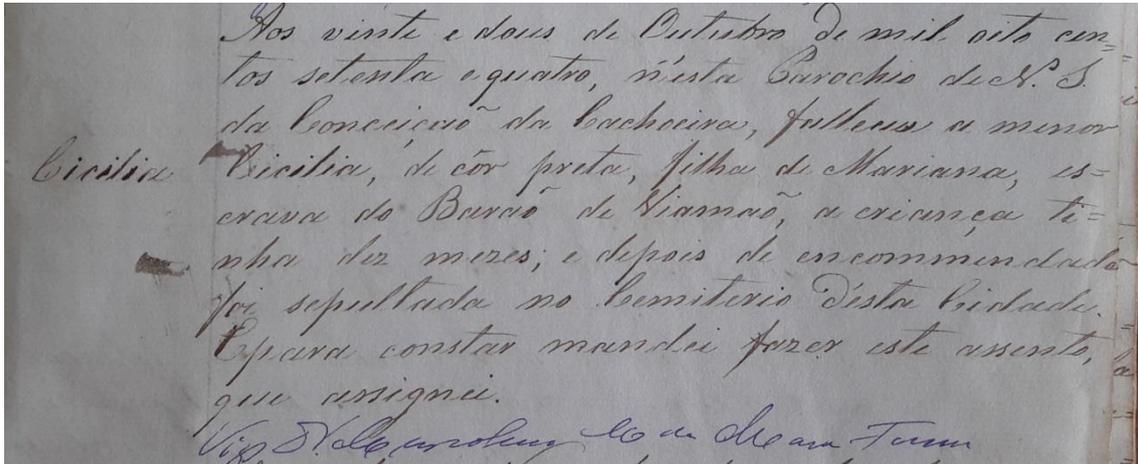
- Oleos a Francisco=Pardo filho natural de Thereza
- 05 Escrava do Furriel Manoel ThomazFerreira Pres  
tes e de Laurencia Antonia da Trindade nasceo a  
oito do Sobredito mez: Foi Padrinho Francisco Ferrei  
ra Prestes de que para constar mandei fazer este a  
sento que assigneij =
- 10 O Vigr<sup>o</sup> Ignacio Fran<sup>o</sup> Xa<sup>er</sup> dos Stos

Quadro 1 – Partes constituintes do L1-01

|                                  |  |
|----------------------------------|--|
| <p><b>Protocolo inicial:</b></p> | <p>Data cronológica: : “Aos dezeseis dias do mez de Abril do annode mil sete<br/>Centos noventa e nove”;<br/><b>Local:</b> “Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Caxoeira”;<br/><b>Nome das pessoas presentes:</b> “Francisco=Pardo” (escravo batizado), “Thereza Escrava do Furriel Manoel ThomazFerreira Prestes e de Laurencia Antonia da Trindade”, “Padrinho Francisco Ferreira Prestes” e o vigário.</p> |
| <p><b>Texto:</b></p>             | <p>O ato do batismo em si “pus os Santos Oleos”, a menção aos familiares, ao padrinho e a data em que o escravo nasceu “nasceo a oito do Sobredito mez”.</p>   |
| <p><b>Protocolo final:</b></p>   | <p>“[...] de que para constar mandei fazer este asento que assigneij” e a assinatura do padre: O <i>Vigario</i> Inacio Francisco Xavier dos Santos.</p>  |

Conforme o Quadro 1, verifica-se que sobre a definição de “ata” apresentada por Bellotto (2008) não é possível encontrar nos manuscritos alguns itens como, por exemplo, a “designação da hora” e “nada mais havendo a constar”.

Fotografia 6 – Fac-símile - L4-01 (Livro 4 - registro de óbito - 1799-1842)



Fonte: Mitra Diocesana (Arquivo). Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

#### Edição diplomática:

Cicilia      Aos vinte e dous de Outubro de mil oito cen=  
tos e setenta e quatro, nesta Parochia de N. S.  
da Conceição da Cachoeira, falleceo a menor  
Cicilia, de côr preta, filha de Mariana, es=  
5      crava do Barão de Viamão, a criança ti=  
nha dez meses, e depois de encommendado  
foi sepultado no Cemiterio desta Cidade.  
E para constar mandei fazer este assento,  
que assignei.  
10      Vig Marcolino M de Maia Firme

Quadro 2 – Partes constituintes do L4-01

|                           |   |
|---------------------------|---|
| <b>Protocolo inicial:</b> | Aos vinte e dous de Outubro de mil oito centos e setenta e quatro, nesta Parochia de N. S.  |
|                           | da Conceição da Cachoeira [...]   |
| <b>Texto:</b>             | “[...] falleceo a menor Cicilia, de côr preta, filha de Mariana, es= crava do Barão de Viamão, a criança tinha des meses, e depois de concommendado foi sepultado”. |
| <b>Protocolo final:</b>   | [...] E para constar mandei fazer esses assento, que assignei.<br>Vig Marcolino M de Maia Firme   |

De acordo com Pedrazzi (2015, p. 78, apud BELLOTTO, 2002, p.84), não há para o “registro” uma formulação definida para o “título” ou “protocolo inicial”. Sendo assim, adaptou-se para fins de demonstração.

#### 1.4 FILOLOGIA

A Filologia é a ciência que estuda uma língua, literatura, cultura ou civilização sob uma perspectiva histórica, a partir de documentos escritos. No entanto, a abordagem científica do desenvolvimento de uma língua, especialmente a pesquisa da história de sua morfologia e fonologia, tradicionalmente chamada Filologia, foi englobada pelo que hoje se chama Linguística Histórica. “As línguas humanas não constituem realidades estáticas, ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. É essa dinâmica que constitui o objeto de estudo da Linguística Histórica” (FARACO, 2007, p. 14). Essa ciência, nos dias atuais, é principalmente associada ao estudo material e crítico dos textos e descreve a análise de uma língua juntamente com a sua literatura, o contexto histórico e cultural

que são indispensáveis para uma compreensão das obras literárias e de outros textos culturalmente significantes.

Sendo assim, por meio dos textos estudados e editados, a filologia trata da língua e da cultura, e o referido material torna-se seguro e fidedigno para realização de consultas e pesquisas posteriores, fato que também possibilita a facilitação à leitura de documentos antigos a pessoas desprovidas de conhecimento para manusear, ler e compreender os originais.

A análise filológica, além de fornecer informações importantes sobre a origem de um texto, permite que se estudem particularidades da escrita e da língua de uma determinada época.

De acordo com o Dicionário Houaiss (2001):

Filologia é (1) o “estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos”. Século XVI; (2) o “estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos”. Século XIX; (3) o “estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (p.ex., filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica”. Século XX; (4) o “estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, econômica etc.), especialmente para a edição de textos”; e, considerando a locução filologia comparada, (5) a “parte da lingüística histórica que trata do estudo comparado das línguas, não só através de sua origem e evolução, como SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 15/1, p. 335-356, jun. 2012 337 também do confronto com línguas modernas; gramática comparada, linguística comparada. Etimologicamente, do latim: philolog a,ae ‘amor às letras, instrução, erudição, literatura, palavrorio’; do grego: philología,as ‘necessidade de falar, conversação’”. (HOUAISS, 2001, p. 1344)

Em conformidade com o exposto acima, nota-se que o objeto de estudo da Filologia é o texto escrito, o qual deve ser minuciosamente analisado a partir dos princípios e normas adotados, fato que influencia muito no resultado do estudo pretendido.

Melo (1981, p. 3-11) apresenta no primeiro capítulo da sua obra “Iniciação à filologia e à linguística portuguesa” uma espécie de protesto contra os leigos, que desrespeitavam a natureza científica da Filologia e da Linguística.

Poucos são os que têm ideia nítida do caráter científico dos estudos linguísticos. Basta ver que frequentissimamente se pergunta a alguém tido

por conhecedor da matéria: – “Qual é a sua opinião sobre tal ou tal ponto?” Note-se que ninguém pediria a um matemático ou a um físico a opinião sobre vetores, sobre cálculos trigonométricos ou sobre problemas de acústica. O curioso pergunta sempre a estes especialistas como é isto ou aquilo (MELO, 1981, p. 3).

Para Melo (1981), não bastava apenas que a Filologia e a Linguística fossem ciências, pois era necessário que essas chegassem à altura das ciências exatas em que não havia nada de subjetivo: “E aí está um dos critérios para distinguir o antigo filólogo e hoje linguista: é a objetividade das asserções, fundadas em fatos da língua quotidiana ou da língua escrita” (MELO, 1981, p. 4).

Ainda conforme o autor, o texto escrito é essencial para o estudo filológico e, sendo assim, distinguiu uma filologia *lato sensu*, como “o estudo científico de uma forma de língua atestada por documentos” (MELO, 1981, p. 7).

Segundo Mattos e Silva (1991, p.10),

A linguística histórica no sentido estrito depende, diretamente, da filologia, uma vez que tem como base de análise inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, tornam-se os corpora indispensáveis às análises das mudanças linguísticas de longa duração.

A partir do exposto, nota-se que o texto é indispensável para o estudo da Filologia, ou seja, sem ele não há Filologia. E o filólogo é aquele que faz o trabalho árduo, pois aprimora a matéria prima bruta com o intuito de deixá-la à disposição para posteriores estudos.

## 1.5 PALEOGRAFIA

Para que ocorra uma análise filológica adequada de um *corpus*, como do Livro 1 ao Livro 4, é necessário explorar outras ciências que auxiliam a Filologia, dentre elas a Paleografia, a qual “abrange a história da escrita, a evolução das letras, bem como os instrumentos para escrever”. (BERWANGER; LEAL, 2015, p. 16)

Todo pesquisador adquire o conhecimento de um manuscrito a partir das exigências estabelecidas de seus respectivos estudos, os quais investigam minuciosamente os registros escritos em busca de informações. Uma análise paleográfica “tem por objetivo informar as características dos documentos

paleográficos, possibilitando uma virtual visualização dos aspectos que lhes são marcantes” (BERWANGER; LEAL, 2015, p. 109).

A Paleografia apresenta dois fins, os quais, segundo Cambraia (2005, p. 23-5) são: “a teórica, que se preocupa em entender como os sistemas de escrita se constituem sócio-historicamente, e a pragmática, que se detém na capacitação de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento com base na sua escrita e de interpretarem adequadamente as escritas do passado”.

### **1.5.1 Edição de manuscritos: importância e tipos de edição**

Editar um texto é transpô-lo de um suporte para outro, observando sempre as peculiaridades do registro, sendo feito com fidelidade ao original pelo editor. Ele tem a responsabilidade de reproduzir um texto, para que os pesquisadores tenham o conhecimento do conteúdo dos documentos.

Considera-se que a leitura e a transcrição de manuscritos diligenciam uma familiaridade com a evolução de traçados, suportes, tipos e outros instrumentos da escrita. A transcrição é primordial para resgatar e comprovar a historicidade da língua acompanhando seu processo evolutivo, provendo material de pesquisa para que os linguistas possam se aprofundar e colocar à disposição da comunidade científica as teorias que se vão revelando por meio do estudo possibilitado pelos manuscritos. Também os historiadores podem e fazem uso de tal ciência, pois ao se estabelecer a edição do documento tem-se o cuidado de se fazer um registro fiel do texto manuscrito o que possibilitará segurança ao historiador ao analisar os fatos que deseja estudar.

Cambraia (2005, p. 91-96) apresenta a divisão das edições monotestemunhais em quatro tipos: a edição fac-símile (ocorre sem mediação de um editor), a edição diplomática (possui um pequeno grau de mediação do editor), a edição paleográfica (apresenta um grau médio de mediação do editor) e a edição interpretativa (possui um alto grau de mediação do editor). Já as edições politestemunhais, subdividem-se em dois tipos: a edição crítica (em que ocorre o confronto de mais de um testemunho) e a edição genética (em que se deseja registrar todas as diferenças entre as redações preliminares de um texto).

Verifica-se que as formas de se realizar uma edição atuam, essencialmente, no produto final da obra publicada. Este fato, explicado por Cambraia (2005), é uma grande possibilidade de expor ao leitor como ocorre flexibilidade dos textos em sua transferência.

O autor também relaciona o problema da escolha de fontes à sua insuficiência, a alterações apresentadas em razão do processo de transmissão e à existência de edições impróprias por natureza para estudos linguísticos. Nesse caso, percebe-se a necessidade de o próprio pesquisador realizar a edição, a qual será a sustentação de seus estudos.

Após a escolha do tipo de edição, é importante realizar a escolha dos critérios que serão seguidos para a apresentação do texto ao leitor. Esses devem estar de acordo com o que se deseja e demonstrar a exatidão da sua aplicação.

### **1.5.2 A importância da Paleografia**

A escrita é uma das formas de registrar o conhecimento da humanidade social. É um dos principais meios para se estabelecer a comunicação entre os povos e de se fixar o pensamento, a linguagem de uma pessoa ou de um grupo. Ela pode ser manuscrita, impressa ou mista, ou seja, manuscrita e impressa ao mesmo tempo.

A Paleografia, definida de modo geral, como a ciência que abarca a história das escritas antigas, pode ser definida de diversas maneiras. Cambraia (2005) apesar de compreender a Paleografia como o “estudo das escritas antigas”, reconhece que, modernamente, ela tem a finalidade tanto teórica quanto pragmática:

A finalidade teórica manifesta-se na preocupação em se entender como se construíram sócio-historicamente os sistemas da escrita; já a finalidade pragmática evidencia-se na capacitação de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento, com base na sua escrita, e de interpretarem adequadamente as escritas do passado. (CAMBRAIA, 2005, p. 23)

Ainda em Cambraia (2005), percebe-se a relevância da Paleografia para o crítico textual:

[...] para se fixar a forma genuína de um texto, é necessário ser capaz de decodificar a escrita em que seus testemunhos estão lavrados. É muito

comum, aliás, existirem edições de texto que apresentam falhas decorrentes de equívoco na leitura do modelo por parte do editor. (CAMBRAIA, 2005, p. 23-24).

Em torno dessa mesma questão citada por Cambraia, Spina (1977, p. 18) ratifica ser a paleografia “o estudo das antigas escritas e evolução dos tipos caligráficos em documentos”, em material perecível, papiro, pergaminho e papel. Já Dias e Bivar (2005, p. 14) remetem à Idade Média o princípio dos estudos paleográficos, por ensejo da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), quando teria acontecido a adulteração de documentos de posse ou propriedade, entre protestantes e católicos. Além disso, para os referidos autores, no mundo ocidental, os estudos paleográficos podem ser divididos em três períodos de análise, desde a sua origem:

- a) Paleografia Antiga ou Greco-romana – do século V a.C. ao século VIII d.C.;
  - b) Paleografia Medieval – do século VIII d.C. ao século XV d.C.; e
  - c) Paleografia Moderna – do século XVI ao século XIX.
- (DIAS e BIVAR, 2005, p. 17-18)

Inúmeros autores empenharam-se na conceituação da Paleografia, conforme Berwanger e Leal (2015), como, por exemplo:

- Jesus Muñoz y Rivero: “Paleografia é a ciência da decifração dos manuscritos tendo em consideração as vicissitudes sofridas pela escrita em todos os séculos e nações, seja qual for a matéria em que ela apareça”;
- Maurice Prou: “É a ciência das antigas escritas e tem por objeto a decifração dos escritos da Antiguidade e Idade Média”;
- Ricardo Roman Blanco: “É a ciência que nos ensina a ler e interpretar corretamente documentos manuscritos antigos, ocupando-se essencialmente com a origem e evolução da escrita”;
- Salomon Reinach: “Paleografia é a ciência da decifração dos manuscritos”, [...]
- João Eurípedes Franklin Leal: “É o estudo técnico de textos manuscritos antigos, na sua forma exterior, que compreende o conhecimento dos materiais e instrumentos para escrever, a história da escrita e a evolução das letras e números, objetivando sua leitura, transcrição e interpretação”. (BERWANGER e LEAL, 2015, p. 15-16).

Para Vera Lúcia Costa Acioli (2003 p. 5), a Paleografia é a

Ciência que lê e interpreta as formas gráficas antigas, determina o tempo e o lugar em que foi redigido o manuscrito, anota os erros que possa conter o mesmo, com o fim de fornecer subsídios à História, à Filologia, ao Direito e a outras ciências que tenham a escrita como fonte de conhecimento.

Segundo Berwanger e Leal (2015, p. 16), o estudo da Paleografia tem por objetivo apresentar as características intrínsecas dos documentos ou livros manuscritos, com o intuito de proporcionar sua leitura e transcrição, da mesma maneira que a identificação da data e origem. Todo documento paleográfico, grafado a mão, é um manuscrito, que pode ter como suporte para as informações o papel, o pergaminho, o papiro ou o tecido. Foi graças a uma polêmica entre religiosos que a Paleografia e a Diplomática floresceram. Ainda conforme Berwanger e Leal (2015, p. 16)), “[...] no século XVII inicia-se realmente uma preocupação em traduzir as mensagens dos documentos, o seu conteúdo e todas as informações ali contidas”. Já no segundo período da referida ciência, citado pelos autores, conhecido como o período de afirmação, essa ciência passou a ser vista como uma técnica e foi sendo agregada aos currículos universitários. Dessa forma, são destacados três fatores importantes que descrevem o novo período na História da Paleografia, ou seja, o moderno, iniciado no final do século XVIII e desenvolvido no começo do século XIX:

- a) a Paleografia latina afirma-se como ciência distinta das outras;
- b) é aplicada a fotografia na reprodução fac-símiles;
- c) novos materiais paleográficos são descobertos, inclusive palimpsestos. (BERWANGER e LEAL, 2015, p. 19).

Em síntese, a Paleografia concebe a conexão com o passado na tentativa de uma representação gráfica da realidade, tornando acessível o conteúdo textual das fontes a diversos estudiosos e suas pesquisas, atualizando ou não a grafia, acentuação, pontuação, ortografia e desenvolvendo abreviaturas. Assim, o paleógrafo transforma uma escrita indecifrável para uma grafia e forma entendível ao maior número de pessoas, enaltecendo a história e colaborando com a preservação de livros, mapas, certidões, ou seja, todo e qualquer suporte onde tenha grafia manuscrita. Sendo assim, conforme Mendes (2008, p. 19), “o próprio paleógrafo é obrigado à análise e à crítica daquilo que lê. Se assim não agir, fará face, por vezes, a trechos incompreensíveis ou absurdos”.

### **1.5.3 Obstáculos encontrados na leitura paleográfica**

Fachin (2009, p. 240) expõe que a edição de um manuscrito, a seu texto original e a conservação de seu estado de língua podem ser firmados pela utilização

de normas de transcrição e critérios de leitura. Organizados e seguidos com exatidão, tais preceitos, todavia, não são criados arbitrariamente, são fruto da experiência de leitura de variados textos. A cientificidade da pesquisa realizada se deve ao fato de a transcrição ser congruente ao tipo de documentação e ao objetivo com que se trabalha. Todavia, o paleógrafo deve ter o conhecimento não só da língua em que o documento foi escrito, mas também da época da inscrição e junto a ela, observar a tinta, a grafia das palavras, a caligrafia, a pautação, os parágrafos, a pontuação, a numeração, da mesma maneira que as tentativas de adulteração do documento, entre outros itens.

Sabe-se que com a ação do tempo, o documento vai se deteriorando e a tinta também pode danificá-lo, como por exemplo, quando ela é transferida para outra página. As tintas corrosivas, tintas antigas, à base de ácido sulfúrico concentrado, cortam a base da escrita, ao longo do traçado das letras. Há também as laváveis que são aquelas que não possuem fixadores. Nos documentos escritos em papel de grande porosidade, a tinta, devido ao tempo, passa para o outro lado do papel e as descoráveis perdem a cor com o passar dos anos ou sob a ação da luz. Berwanger e Leal (2015, p. 83) relatam que “o estudo sobre a composição e sobre a preparação das tintas é extremamente útil para a Diplomática, para a Paleografia, para a História além de ter conexões com a Química e a Botânica”.

Conforme o exposto, os referidos autores destacam a formação da tinta preta, considerada a mais utilizada em manuscritos:

A tinta preta, mais antiga e mais usada, era obtida com a mistura de fumo (fuligem), gordura e vinagre. A tinta ferro-gálica tinha como componentes básicos o sulfato de ferro ou ferrugem misturado com o óleo produzido pela noz de galha. A noz de galha é originada geralmente na árvore do carvalho, por um bulbo que cresce em seus brotos, produzidos pela deposição de óvulos de uma específica mosca. Este bulbo contém tanino e ácido gálico, essenciais para a produção de tinta para escrever. (BERWANGER e LEAL, 2015, p. 84).

Os textos antigos se apresentam, na maioria das vezes, corroídos, manchados, amassados, lavados, rasgados, queimados e descorados. Quando a tinta apresenta corrosão, percebe-se a danificação do documento, fato que, na maioria das vezes, dificulta o trabalho do pesquisador.

Segundo Berwanger e Leal (2015), existem processos químicos e físicos que assessoram a leitura no caso de documentos lavados e descorados. Há substâncias químicas que agem no documento por reação, deixando-o mais nítido e, assim,

possibilitando a leitura. Dessa forma, a interpretação, através de fotografia, deve ser rápida, pois a ação desses produtos tem pouca durabilidade. Depois da aplicação desses elementos, o documento fica avariado.

Observou-se, na coleta dos textos para a pesquisa, que muitos se encontram ilegíveis por conta das questões apresentadas acima como corroídos, rasgados, manchados e etc. Dessa forma, para pesquisas posteriores, seria interessante a utilização desses processos químicos.

#### **1.5.4 Ortografia antiga**

Conforme Berwanger e Leal (2015), o paleógrafo deve apresentar um conhecimento abrangente em relação ao vocabulário, assim como da grafia, das abreviaturas e da terminologia da época do documento.

Em relação à grafia antiga, pode-se citar como exemplo palavras retiradas dos textos utilizados para a presente pesquisa:

- olio, óleo;
- falleceo, faleceu;
- assignei, assinei;
- anno, ano;
- capella, capela;
- dous, dois;
- apellido, apelido;
- oitto, oito;
- nelle; nele;
- nasceo, nasceu;
- baptizado, batizado;
- incommendada, encomendada;
- incognitto, incógnito;
- ligitimo, legítimo;
- cimetério, cemitério;
- gemio, gêmeo;
- ambus, ambos;
- solenimente, solenemente;

A partir de alguns exemplos acima, como “capella”, “oitto” e “anno”, faz-se uma breve relação ao período pseudoetimológico (1572 a 1911), o qual representava na escrita a origem da palavra. Enquanto alguns buscavam as origens gregas, outros optavam pelas latinas (CAGLIARI, 1995, p. 107-108).

À medida que a língua portuguesa torna-se mais difundida na modalidade escrita, sobretudo de forma oficial, o idioma passa a se distanciar, cada vez mais, de uma simples forma latina, apresentando-se como “uma adaptação desta à escrita da nova língua” (CAGLIARI, 1995, p. 107).

### 1.5.5 Abreviaturas

A abreviatura que, etimologicamente em grego, significa *braqui* (curto) e *graphein* (escrever), é uma forma simplificada de se escrever uma palavra. Sílabas, palavras ou frases se abreviam, reduzindo alguma ou algumas de suas letras.

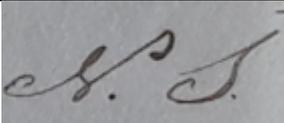
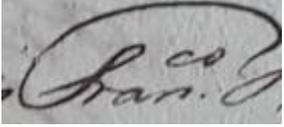
Uma questão interessante que deve ser pontuada é a presença de abreviaturas durante o trabalho de edição. A propagação do uso de abreviaturas, segundo Flexor (1990, p. XI), explica-se por dois motivos: ocupar menos espaço, devido à raridade, e conseqüente alto custo do material utilizado para a escrita, e economizar tempo escrevendo mais depressa.

Spina (1994) salienta que abreviar palavras é uma atividade que reporta à época romana, quando os escreventes redigiam todo o discurso falado em praça pública e abreviavam para tornar o texto mais simplificado. Houve uma tentativa de impedimento do uso constante de abreviaturas, na Idade Média, contudo essa atitude não teve êxito, porque usá-las assegurava a economia do suporte material, o qual tinha um custo alto e era escasso. Além disso, essa atividade foi retomada com muito furor durante o período renascentista, tornando-se, conseqüentemente, indispensável à publicação de tábuas que abarcavam os significados das siglas, facilitando assim a leitura. De acordo com esse autor, as abreviaturas podem ser classificadas em: abreviaturas por siglas; abreviaturas por apócope; abreviaturas por síncope; abreviaturas por letras sobrepostas; abreviaturas por signos especiais de abreviação; e letras numerais.

A abreviatura por sigla é a representação da palavra pela sua letra inicial; a abreviatura por apócope consiste na supressão de elementos finais do vocábulo; a abreviatura por síncope apresenta a supressão de elementos gráficos do meio do vocábulo; a abreviatura por letras sobrepostas consiste na sobreposição da última ou últimas letras da palavra; a abreviatura por sinais especiais constitui-se na presença de um sinal colocado no início, meio ou fim da palavra, a fim de indicar os elementos ausentes; e as letras numerais designam quantidades e marcos cronológicos.

O Quadro 3, a seguir, traz exemplos de algumas abreviaturas retiradas do *corpus*.

Quadro 3 – Exemplos de abreviaturas retiradas do *corpus*

| Abreviatura            | Exemplo   |
|------------------------|---|
| Por sigla              |  L4-1 – Nossa Senhora |
| Por apócope            |  L3-5 – que          |
| Por letras sobrepostas |  L1-3 – Francisco    |

Fonte: Documentos L4-1, L3-5 e L4-TA

Nos 42 manuscritos coletados para essa pesquisa, há muitas abreviaturas. A explanação sobre as mesmas é para fins de conhecimento, pois elas não serão desenvolvidas, por se tratar de uma transcrição diplomática.

## 1.6 ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

“Pode-se firmar, com mais propriedade, que o português é o próprio latim modificado” (COUTINHO, 1976, p. 46). “Sabe-se, com certeza, que a língua

portuguesa e os demais idiomas românicos são o resultado de uma lenta e conturbada transformação, através dos séculos, de uma outra língua, o *latim*, que por sua vez era também transformação de outra, o *indo-europeu* [...]" (HAUY, 1989, p. 8). Essas frases nos remetem a um fato importante: compreender a ligação da história da língua portuguesa a questões relacionadas à história geral da Península Ibérica.

O português é a língua românica proveniente do latim, a língua falada no período da expansão do Império Romano e, apesar de haver muitos textos que se referem ao latim como uma "língua morta", Coutinho (1976, p. 46) completa a frase já citada, dizendo: "É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver, transformando no grupo de línguas românicas ou novilatinas".

Há vários estudos sobre a evolução histórica da ortografia do português, dentre eles o realizado pelo já referido autor, o qual define três períodos distintos, conforme observamos abaixo:

Divide-se assim a história da nossa ortografia em três períodos: o fonético, o pseudo-etimológico e o simplificado. PERÍODO FONÉTICO - Começa este período com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Apesar de certa flutuação que se observa na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento. A língua era escrita para o ouvido.

PERÍODO PSEUDO-ETIMOLÓGICO - Inicia-se no século XVI e vai até o ano de 1904, em que aparece a Ortografia Nacional de Gonçalves Viana. O que caracteriza este período é o emprego de consoantes geminadas e insonoras, de grupos consonantais impropriamente chamados gregos, de letras como o y, k e w, sempre que ocorriam nas palavras originárias.

PERÍODO SIMPLIFICADO - Principia com a publicação da Ortografia Nacional, de Gonçalves Viana, em 1904, e chega até os nossos dias. De conformidade com os princípios por ele estabelecidos, há dois sistemas simplificados: o português e o luso-brasileiro. (COUTINHO, 1976, p. 107).

Com relação a essa periodização proposta Coutinho (1976), observa-se que no período fonético, o qual corresponde à Idade Média, os escritores da época aproximavam a escrita da fala, ou seja, as palavras eram escritas com a maior aproximação possível ao som, com o objetivo de facilitar a leitura. Não havia um padrão da escrita, cada um fazia a sua própria ortografia. Portanto, o autor afirma:

Coincide este período com a fase arcaica do idioma. O objetivo a que visavam os escritores ou copistas da época era facilitar a leitura, dando ao leitor uma impressão, tanto quanto possível exata, da língua falada. (...). Não havia um padrão uniforme na transcrição das palavras. Às vezes, num documento, aparecem os mesmos vocábulos grafados de modo diferente.

Para isso, concorriam as diferenças regionais que deram em resultado o sincretismo das formas, a influência embora pequena do latim, a negligência dos autores e copistas, e, em alguns casos, a grafia castelhana. O que porém, não se pode negar-se a tendência manifestamente fonética do sistema então em uso. Escrevia-se não para a vista, mas para o ouvido (COUTINHO, 1976, p.170).

No século XVI, com o surgimento do Renascimento, no qual ocorreram muitas transformações em todos os idiomas europeus, os escritores e copistas aproximavam a escrita da sua origem, principalmente do latim, o qual voltou a ser o centro de interesse. Foi nesse período que apareceram as consoantes dobradas, como explica Melo (1981, p. 163):

A fase pseudoetimológica da ortografia portuguesa começa com o Renascimento e, portanto, com a intensificação da influência latino-clássica. A escrita latina passou a ser modelo da nossa, do mesmo modo que o vocabulário e a sintaxe da língua de Cícero se tornaram pauta dos nossos escritores. Daí resultou que se inseriram nos hábitos gráficos muitas inutilidades, tais como letras dobradas sem razão e os digramas rh, th, ph e ch com valor de k, por exemplo, charidade ou chãos.

Essa “escrita latina”, a qual passou a servir de “modelo”, apresentava um sistema complicado, vindo da manipulação de uma elite cultural, discriminando, dessa forma, classes sociais. Sobre isso, Coutinho (1976, p. 76) expõe que “inúmeros foram os disparates gráficos decorrentes do uso da ortografia etimológica. Mesmo os melhores escritores não escaparam”.

Em 1904, em Portugal, Gonçalves Viana publica a Ortografia Nacional, a qual buscava uma espécie e equilíbrio entre o sistema fonético e a etimologia, “onde se estuda um grande número de vocábulos, cuja grafia tradicionalmente aceita se não podia justificar, e assenta os princípios em que se deve basear qualquer simplificação ortográfica” (COUTINHO, 1976, p. 78). Ocorre, nessa obra, a análise de muitos vocábulos sem uma grafia uniforme, simplificando assim, palavras com letras que não influenciavam na escrita, como por exemplo, as consoantes dobradas e dando ênfase aos acentos. Conforme a reforma de Gonçalves Viana, apresentada por Coutinho (1976, p. 76):

- a) Proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos da etimologia grega: th, ph, ch (=> K), rh e Y;
- b) Redução das consoantes dobradas a singelas, com exceção de rr e ss, mediais, que têm valores peculiares;
- c) Eliminação das consoantes nulas, quando não influem na pronúncia da vogal que as precede;
- d) Regularização da acentuação gráfica.

Em relação aos períodos Fonético, Pseudoetimológico e Simplificado, nota-se que não há mudanças da noite para o dia, pois elas ocorreram ao longo dos séculos. Sendo assim, a partir da reforma de Gonçalves Viana, que surgiu pela necessidade de solucionar as dúvidas encontradas na ortografia portuguesa, vieram outras reformas, com o intuito de facilitar a leitura e a escrita entre os países lusófonos.

Faraco (2007) faz um breve histórico em relação à ortografia do português, iniciando pelo período medieval, depois o renascimento e, por último, a ortografia pseudoetimológica. No período, o autor salienta que a escrita da língua portuguesa surgiu aproximadamente no século XIII e não tinha uma “norma gráfica geral” (FARACO, 2007). Os textos manuscritos, testamentos, escrituras, ordenações eram pouco divulgados, pois havia cópias restritas. Nessa época, os escreventes, desenvolviam a própria escrita, misturando as grafias tradicionais com as interpretações gráficas dos novos sons, os quais aparecem no processo de formação da língua. Dessa maneira, ocorria uma disparidade gráfica, ou seja, distintas grafias para uma mesma palavra dentro de um mesmo texto ou de acordo com o local em que o texto era escrito.

No Renascimento, viu-se a necessidade de fixar a ortografia, um traçado gráfico geral destinado a cada língua europeia da modernidade. Esse fato, além de ocorrer em períodos e por caminhos distintos, deve-se ao surgimento da imprensa no século XV e à probabilidade de haver, em elevada proporção, a publicação de livros. De acordo com Faraco (2007, p. 108), a transparência fonológica foi o modo adotado para tal meta.

O trabalho – conduzido basicamente pelos editores em comum acordo com os escritores – estava já concluído nos fins do século XVI. Como a iniciativa e a condução do processo tinham sido dos editores, o critério adotado foi o da transparência fonológica. Com isso, a ortografia do italiano não ficou sobrecarregada com o peso do critério etimológico e vigora até hoje sem maiores mudanças, salvo pequenos ajustes.

Com a adoção da ortografia simplificada, o português conseguiu consolidar uma ortografia, aproximadamente, em 1911. Faraco (2007, p. 109) ressalta que “[...] apesar de adotar o princípio da transparência fonológica, manteve grafias de base etimológica.” Outra questão importante, apresentada pelo autor, é que os primeiros gramáticos, no século XVI, como Fernão de Oliveira e João de Barros, debatiam sobre questões ortográficas e defendiam a escrita não etimológica.

Em relação à ortografia pseudoetimológica, o autor esclarece que a ortografia do português se manteve sob a proteção de “um pensamento fortemente etimologizante” a partir da “adoção da ortografia simplificada”. Essa questão etimológica se dá pelo fato de que as letras da escrita originária grega e latina deviam ser conservadas “na forma gráfica das palavras”.

É o período das consoantes dobradas sem valor fonológico, das consoantes ditas mudas, dos símbolos de etimologia grega (*ph, th, rh, y*). Os estudiosos chamam de pseudoetimológico este período de aproximadamente 350 anos. E o fazem com razão porque em muitos casos não se conhece a etimologia ou ela é controversa. Como estabelecer, nestas circunstâncias, a ortografia a não ser por pura arbitrariedade? Acrescente-se a esse problema o fato de que muitos teóricos propunham grafias com consoantes dobradas não porque fossem elas etimológicas, mas por “analogia”, aumentando, sem limite plausível, o grau de arbitrariedade da ortografia do português. (FARACO, 2007, p. 111)

Ainda, conforme Faraco, a memória etimológica é uma questão difícil, tanto para o falante natural quanto para aquele que adquire como língua estrangeira, o português. O que resta é habituar-se e, dessa forma, criar meios adequados para ensiná-lo.

Ilari e Basso (2006), em “O Português da gente, a língua que estudamos – a língua que falamos”, expõem que o latim, que deu origem ao português, para muitos, está relacionado à disciplina estudada na escola média há alguns anos ou como cultos da Igreja Católica até o Concílio Vaticano (1962-1965). Os autores salientam que, nos dois casos citados, eram estudados o latim literário e o eclesiástico. Entretanto, o latim vulgar foi o que originou o português e outras línguas românicas. Esse vernáculo era o oposto ao que era ensinado nas escolas, pois as crianças assimilavam regras sem sua interferência. O latim vulgar foi transmitido para várias gerações e, após as conquistas militares, grande parte do território, na Europa Ocidental, expressava-o com clareza. Todavia, com as invasões “barbaras”, o latim essencialmente falado foi fragmentado em muitos falares locais, havendo uma modalização, o qual se diferenciava do latim literário e do latim eclesiástico.

Há muitas diferenças do latim literário para o latim vulgar em relação à estrutura gramatical. Sendo assim, as declinações não estão presentes em todas as línguas românicas. Também há palavras no português, por exemplo, que possuem a escrita diferente do latim. Em vista disso, conforme Ilari e Basso, compreender o português não é o bastante para assimilar o latim da literatura, o qual foi criado a

partir do esforço perspicaz de escritores com objetivos estéticos. A língua internacional da cultura, o latim, foi substituído pelo francês (séc. XVIII) e depois pelo inglês (século XX).

Ilari e Basso (2006) também apresentam informações a respeito da formação da língua portuguesa atual, a partir de uma exposição de fatos importantes que influenciaram diretamente o nosso português. Os referidos autores destacam que muitas questões como, por exemplo, a ocupação das terras e a ascensão dessas expansões territoriais colaboraram expressivamente para a propagação da língua no continente sul americano.

Antes da chegada da colonização portuguesa, havia, no continente sul americano, o multilinguismo, ou seja, línguas indígenas e outras línguas de contato linguístico. Esse fato colaborou com a complexidade do processo de implantação do português. Outra questão importante é a de que, além dos portugueses, outros povos europeus, com outras línguas, também vieram ao continente. Dessa forma, toda essa coexistência de sistemas linguísticos diferentes ao encontro de outros vindos, desde a chegada do colonizador português, contribuíram significativamente para a formação do português no continente sul americano.

Cagliari (1995) expõe em seu texto “Algumas reflexões sobre o início da ortografia da Língua Portuguesa” que, no século XVI, o português “[...] passou por um período de grande caos ortográfico [...]”, ou seja, o período arcaico (século XII ao XIV). O autor salienta que foi necessária, no século XVI, a chegada de *Os Lusíadas* “[...] com um modelo ortográfico simples e elegante [...]” para principiar um período da ortografia, em que existia um padrão a ser seguido, abandonando os hábitos antigos. Cagliari (1995) concorda que é um erro considerar uma ortografia fonética ao Período Arcaico.

Atribuir ao Período Arcaico uma Ortografia Fonética, como se naquela época as pessoas escrevessem como falavam, e achar que os textos refletiam as variações dialetais, sem levar em conta a ortografia arcaica é um erro que tem levado muitos estudiosos a conclusões estranhas e até mesmo a erros. Um caso desse tipo, por exemplo, é a interpretação das escritas de finais de palavras com a ocorrência de nasais. A variação na escrita é tão grande, como mostram os exemplos abaixo, que é muito difícil decidir por uma interpretação ou por outra. É preciso colocar, nesta discussão, também o fato de as palavras não terem uma ortografia estabelecida e que os escritores precisavam conjecturar qual seria a melhor grafia, a mais neutra a mais aceitável para o leitor e para os escritores (CAGLIARI, 1995, p. 104).

Cagliari (1995), assim como Coutinho (1976) e Faraco (2007), argumentou sobre questões interessantes referentes da ortografia, por exemplo, ao Período Arcaico, na questão da escrita ser baseada na fala, no som. Essa questão levou muitos estudiosos a conclusões errôneas.

O longo caminho já percorrido pela ortografia da Língua Portuguesa mostra que muitas foram as mudanças e que também escritores renomados, gramáticos, entre outros, contribuíram para tais transições. Certamente que essas transformações continuarão ocorrendo e que são extremamente importantes para os estudiosos da língua, fruto de alterações, de empréstimos e de enriquecimento que ocorreram e que vão se manifestando ao longo do tempo.

## 1.7 SISTEMA VOCÁLICO

Abordamos, aqui, o estudo do sistema vocálico do português, cujo ponto de partida é o Latim Clássico, língua falada pelos antigos romanos. Para ilustrar esse percurso, levamos em consideração a frase de Napoleão Mendes de Almeida (2000, p. 12) “Asas de um pássaro, o latim e o português devem voar juntos: tal é a minha convicção, tal a minha preocupação [...]”.

### 1.7.1 Do Latim ao Português: vogais

Conforme Fonte (2010), os cinco sistemas vocálicos do latim clássico (a, e, i, o, u) equivaliam a dez vogais, as quais formavam o sistema vocálico fonológico, sendo assim, cinco longas e cinco breves, descritas “pela sobreposição dos diacríticos *macron* ( ¯ ) e *braquia* ( ˇ ), respectivamente ä, ā, ě, ē, ĭ, ī, ō, ō, ŭ, ū”. Por conseguinte, observa-se que, no Latim Clássico, essas características duracionais apresentavam “um valor fonológico, ou seja, uma função distintiva, opositiva” (FONTE, 2010).

Teyssier (2007) também destaca que havia cinco timbres vocálicos no Latim Clássico, sendo uma vogal breve e uma longa para cada um, conforme se pode observar no Quadro 4.

Quadro 4 – Os cinco timbres vocálicos do latim clássico

| Latim clássico | Latim imperial | Exemplos             |
|----------------|----------------|----------------------|
| ī              | i              | fīcum > port. figo   |
| ĩ              | ē              | sĩtim > port. sede   |
| ē              | ē              | rēte > port. rede    |
| ě              | ē              | těrra > port. terra  |
| ǎ              | a              | lǎtus > port. lado   |
| ā              | o              | amātum > port. amado |
| ō              | o              | pōrta > port. porta  |
| ū              | o              | amōrem > port. amor  |
| ũ              | u              | bũcca > port. boca   |
|                |                | pũrum > port. puro   |

Fonte: Teyssier (2007, p. 10).

Assim como Teyssier (2007), Mattos e Silva (1991) apresentam o sistema de vogais em posição acentuada, formado de sete unidades específicas, como se pode observar no Quadro 4, na época do Latim Imperial. Essa, por sua vez, é uma das classificações que o latim recebeu, segundo Fonseca (1985, p. 31).

[...] latim arcaico, aquele que se documenta desde cerca de 600 aC até cerca de 100 aC; latim imperial, aquele que foi escrito nos dois primeiros séculos da era cristã, já não clássico mas ainda de ótima qualidade, como o de Tácito, Sêneca, Plínio o Jovem, Juvenal e Quintiliano; latim cristão, o empregado pelos escritores cristãos após o século II dC para anunciar ao povo não cristão a boa-nova de Cristo; latim tardio ou baixo-latim, o dos séc. III a VII, usado pelos monges, pautado na tradição gramatical do latim literário; latim escolástico, aquele que foi escrito pelos teólogos da Escolástica dos séc. XII e XIII (grifos do autor).

Ainda conforme Mattos e Silva (1991, p. 52-53), o sistema de vogais formado de sete “unidades distintivas” prevalecia em boa parte da România no tempo do latim imperial e persiste no período galego-português medieval, continuando “na maioria dos dialetos contemporâneos da língua portuguesa”. Para a autora:

A par dessa regularidade sistemática, atuaram ao longo da história da língua portuguesa mudanças fônicas, condicionadas por determináveis contextos fonéticos que impediram a atuação dessas regras mais generalizadas [...], mas que não são “leis fonéticas” sem exceção. As gramáticas históricas exemplificam, sugerindo, às vezes, explicações fonéticas, além das explicações analógicas e de outro tipo, os empréstimos, decorrentes do contacto interdialeto e interlinguístico.

De acordo com Cagliari (2007, p. 99), “quer as vogais, quer as consoantes, podem ser articuladas de maneira variável em sua duração. A duração dos sons de uma língua só pode ser avaliada quando comparamos uns com os outros”. Em relação a essa citação, Fonte (2010, p. 72) esclarece que a duração das vogais deixou de ter um caráter específico “na passagem para o sistema vocálico do português”. Todavia não exprime que as vogais do português tenham abandonado “suas características duracionais”. À vista disso, é interessante elucidar que “a perda da quantidade das vogais latinas” concerne à “perda da duração com valor fonológico, e não a perda da duração em si”, dado que, o sistema vocálico pode ser analisado quanto a sua duração, no português.

Com relação à ocorrência ou não do acento sobre as vogais, Fonte (2010) esclarece que tanto para as vogais tônicas quanto para as pretônicas e postônicas, o sistema vocálico era o mesmo. No Latim Vulgar, o acento passou a ser muito importante na descrição das vogais, uma vez que, estabeleceu o início de “sistemas vocálicos distintos”, na língua portuguesa, sendo esses para as vogais tônicas, pretônicas e postônicas. Segundo Câmara Jr. (1979, p. 40),

a intensificação do acento destruiu esse delicado jogo quantitativo no latim vulgar. Ao mesmo tempo, as vogais passavam a ser condicionadas pela incidência ou não do acento e, quando átonas, pela sua posição antes ou depois do acento. Assim se eliminou a quantidade como traço vocálico distintivo e se estabeleceram três quadros diversos para as vogais, conforme tônicas, pretônicas ou átonas finais.

Para Fonte (2010), Mattos e Silva (1991) e Teyssier (2007), as dez vogais do latim clássico equivalem às sete vogais do português /i, e, ε, a, ɔ, o, u/. Essa questão pode ser verificada no Quadro 5, conforme especifica Mattos e Silva (1991).

Quadro 5 – As sete vogais do português

|                   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|-------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| <b>Lat.</b>       | ī | ĩ | ē | ě | ā | ǎ | ǒ | ō | ŭ | ū |
| <b>Gal.-Port.</b> | i | e |   | ε | a |   | ɔ | o |   | u |

Fonte: Mattos e Silva (1991, p. 52).

Mattos e Silva (1991) relata que também em regra geral, a correlação entre “os ditongos do latim clássico, monotongados no latim imperial - /ae/ e/ oe/ - e os fonemas vocálicos , respectivamente: / *ɛ* / e / e’”, ou seja, / *ě*/ e / ae/ reduziram-se a / *ɛ*/; / *ē* /, / oe/ e / *ī*/ reduziram-se a / e/. Ainda para a autora, esse estudo a levou a declarar conservador o sistema vocálico do português em posição acentuada. Portanto, é relevante observar que se apresenta mais conservadora a posição tônica relacionada às posições átonas em se tratando da história do nosso português.

Sendo assim, pode-se verificar que esse sistema vocálico, formado por sete fonemas (/i, e, *ɛ*, a, ɔ, o, u/) em posição acentuada continua sendo o mesmo no português contemporâneo (CÂMARA JR, 1979, p. 40).

Fonte (2010) traz exemplos que evidenciam “a procedência das vogais tônicas no latim clássico”.

Quadro 6 – Exemplos do sistema vocálico do latim clássico e o sistema vocálico do PB (Português Brasileiro) atual

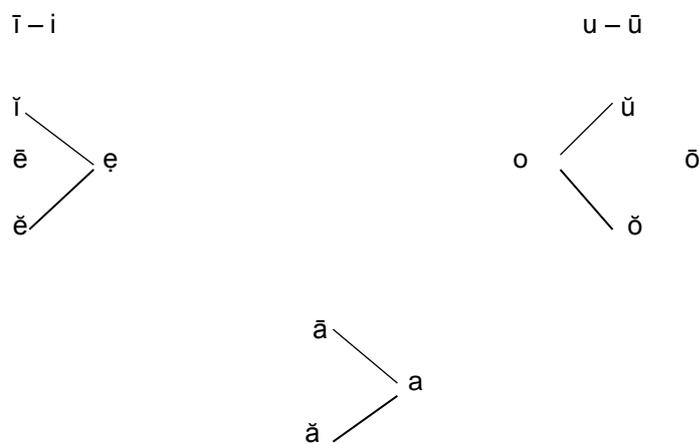
|  |
|--|
| <i>amăricu-</i> > <i>amargo</i>          |
| <i>grătia-</i> > <i>graça</i>            |
| <i>acētu-</i> > <i>azedo</i>             |
| <i>cīrca-</i> > <i>cerca</i>             |
| <i>foedu-</i> > <i>feo</i> > <i>feio</i> |
| <i>pětra-</i> > <i>pedra</i>             |
| <i>caecu-</i> > <i>cego</i>              |
| <i>vīta-</i> > <i>vida</i>               |
| <i>tōtu-</i> > <i>todo</i>               |
| <i>lŭpu-</i> > <i>lobo</i>               |
| <i>lŏcu-</i> > <i>logo</i>               |
| <i>pūru-</i> > <i>puro</i>               |

Fonte: Fonte (2010, p. 108).

De acordo com Câmara Jr. (1979), a língua portuguesa apresenta-se mais complexa do que o uso de um sistema vocálico simples, constituído de cinco vogais

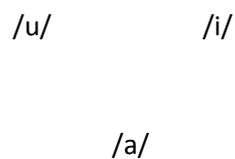
latinas “a, e, i, o, u”. Observa-se que, na língua oral, há sete vogais na posição tônica, isto é, na sílaba de maior tonicidade. Ainda que, as sete vogais do PB se efetivam completamente na posição tônica, o sistema completo apresenta uma redução no momento em que essas vogais alcançam as posições pretônicas e átonas finais. Sendo assim, há cinco vogais na posição pretônica (/i/; /e/; /a/; /o/; /u/) e, na posição átona final, três (/i/; /a/; /u/). Essa redução, segundo Câmara Jr. ([1979] 2007), pode ser observada nas Figuras 4 e 5:

Figura 4 – Redução das vogais



Fonte: Câmara Jr. (2007, p. 41).

Figura 5 – Vogais - posição átona final



Fonte: Câmara Jr. (2007, p. 44)

Fonte (2010, p. 83-84) apresenta alguns exemplos do que está ilustrado na figura acima, como: “*ǣgustu* > agosto, *nārice* > nariz, *fěroce* > feroz, *dēbere* > dever, *dīcere* > dizer, *cōcina* > cozinha, *crūdele* > cruel”.

Conforme Teyssier (1994, p. 25), no PA (Português Arcaico), o sistema fonológico é formado por cinco fonemas em posição pretônica, como pode-se constatar na Figura 6.

Figura 6 – Os cinco fonemas – posição pretônica

|       |       |
|-------|-------|
| / i / | / u / |
| / e / | / o / |
| / a / |       |

Fonte: Teyssier (1994, p. 25)

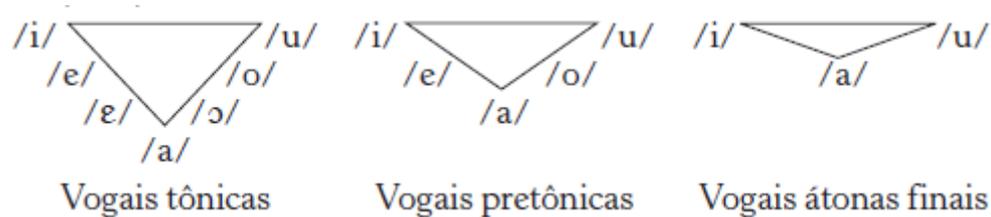
A partir do que foi exposto, referente às vogais em posição pretônica, verifica-se que não há diferenças fonológicas entre o / ε / (aberto) e o / e / (fechado) e também entre / ɔ / (aberto) e / o / (fechado), ao contrário do que acontece com as vogais médias em posição tônica. Logo, as vogais médias longas (ē, ō) do latim clássico, assim como as vogais médias breves (ĕ, ŏ) “deram origem, no PA, às vogais médias fechadas (/e, o/) em posição pretônica”, como salienta Fonte (2010, p. 87).

Mattos e Silva (1991, p. 55), em relação às vogais átonas finais do PA, comenta que é um sistema vocálico constituído de três vogais e sintetiza “pode-se propor como possível, na distribuição final, um sistema de três membros – uma vogal central e duas vogais, uma da série posterior, com realizações fonéticas que oscilariam, respectivamente, entre [e] e [i], e entre [o] e [u]”.

Conforme já mencionado anteriormente, Câmara Jr. (2007, p.44) apresenta o sistema de vogais átonas finais do PB atual formado de três vogais (/i/; /a/; /u/). O autor constata que no PB atual, há a neutralização para a vogal átona final entre /o/ e /u/, e entre /e/ e /i/, sendo o /u/ representante da série de vogais posteriores, e /i/, anteriores.

Para Fonte (2010, p. 92), não há distinção fonológica entre [ e ] e [ i ] tanto para o PA quanto para o PB, “na série de vogais anteriores, e entre [ o ] e [ u ], na série de vogais posteriores, em posição átona final. Contudo, ocorre a neutralização “entre [ e ] e [ i ] e entre [ o ] e [ u ], no sistema fonológico de vogais átonas finais do PA e do PB atual”. A autora apresenta os sistemas vocálicos em posição tônica, pretônica e átona final, representando assim, as vogais do PA na Figura 7.

Figura 7 – As vogais do PA



Fonte: Fonte (2010, p. 92).

Uma questão muito importante na passagem do latim para o português são as substituições vocálicas. Segundo Paiva (1988, p. 34), há alternâncias constantes entre as vogais orais simples como:

[...] a em lugar de e ou e por a: *piadade* (piedade), *piadoso*, *brasframar* (blasfemar), *salvagem* (selvagem), *treiçom* (traição), *menhã* (manhã), *fantesyá* (fantasia), *rezam* (razão), *Caterina* (Catarina), *desestrado* (desastrado, malfadado); e por i ou i por e: *sesudo* (sisudo), *fegura*, *devino*, *dezer*, *virtude*, *tevesse* (do v. ter), *princepe*, *original*, *artificial*, *openyan* (opinião), *milhor*, *ynsynar* (ensinar), *syntymento*, *gingiva*, *myntira*; a por o: *acupar* (ocupar), *devassam* (devoção); e por o: *tresquiar* (tosquiar), *fermoso* (também fremoso), *preposito* (propósito), *pessoyr* (possuir), *velume* (volume); o por u ou u por o: *somo* (suma), *fogyr* (fugir), *sogygar* (subjugar), *sojeyto* (sujeito), *someter* (submeter), *custume*, *pussuyr* (possuir). (PAIVA, 1988, p. 34)

Observa-se, a partir dos exemplos citados pela autora, que essas substituições também são encontradas no *corpus* da presente pesquisa como, por exemplo, “ligitima” (legítima), e “solenimente” (solenemente). Essa harmonização vocálica na pretônica existente em todas as variedades do português brasileiro, assim como no PA, “vem sendo dada como uma característica do português brasileiro, comparado ao português europeu contemporâneo” (BISOL, 2013, p. 49).

## 1.8 SISTEMA CONSONANTAL

O elemento que se combina com a vogal silábica para formar uma sílaba chama-se consoante (CÂMARA JR., 1979, p. 48). Por conseguinte, a consoante apresenta diferenças articulatórias de acordo com a posição que ocupa na palavra, sendo assim, pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica. Na primeira, ocorre uma fase inicial de desobstrução da passagem do ar. Ao contrário da pré-vocálica, na

pós-vocálica, a articulação se concentra na fase de cerramento, e a abertura da boca, a qual produz a vogal silábica, diminui para criar o elemento consonântico de travamento da sílaba. Em contrapartida, nas intervocálicas, há a concentração da articulação na fase de cerramento, e a abertura da boca se reduz, não ocorrendo continuidade.

De acordo com Mattoso Câmara Jr. (1980, p. 62), na posição intervocálica em posição medial de palavra, têm-se os seguintes fonemas: / p /, / b /, / t /, / d /, / k /, / g / (oclusivas ou plosivas); / f /, / v /, / s /, / z / (constritivas ou fricativas); / m /, / n /, (nasais); / l /, / r / (líquidas e vibrantes). O referido autor ainda destaca que “lh”, “nh” e “r” (fraco) não ocorrem em início de palavra, ou seja, apenas em posição medial. O Quadro 7 apresenta alternativas, dadas por Mattoso Câmara Jr. (1980, p. 62).

Quadro 7 – Fonemas consonantais em posição intervocálica

(continua)

| Fonemas | Ortografia            | Fonética  | Fonologia  |
|---------|-----------------------|-----------|------------|
| / p /   | roupa                 | [ 'ro p ] | / 'rowpa / |
| / b /   | rouba                 | [ 'ro b ] | / 'rowba / |
| / t /   | rota                  | [ 'ro t ] | / 'ro ta / |
| / d /   | roda                  | [ 'ro d ] | / 'ro da / |
| Fonemas | Ortografia            | Fonética  | Fonologia  |
| / k /   | roca                  | [ 'ro k ] | / 'ro ka / |
| / g /   | roga                  | [ 'ro g ] | / 'ro ga / |
| / f /   | mofo                  | [ 'mof ]  | / 'mofU /  |
| / v /   | Movo (verbo- mover)   | [ 'mov ]  | / 'movU /  |
| / s /   | aço (verbo amar)      | [ 'as ]   | / 'asU /   |
|         | assa                  | [ 'as ]   | / 'asa /   |
| / z /   | azo (ocasião, motivo) | [ 'az ]   | / 'azU /   |
|         | asa                   | [ 'az ]   | / 'aza /   |
| / x /   | acha                  | [ 'a ]    | / 'a a /   |
|         | queixo                | [ 'ke ]   | / 'key U/  |
| / j /   | ajo (verbo- agir)     | [ 'a ]    | / 'a U /   |
|         | queijo                | [ 'ke ]   | / 'key U/  |
| / l /   | mala                  | [ 'mal ]  | / 'mala /  |
| / ë /   | malha                 | [ 'ma ]   | / 'ma a /  |
| / m /   | amo                   | [ 'am ]   | / 'amU /   |
| / n /   | ano                   | [ 'an ]   | / 'anU /   |

(conclusão)

|       |                    |          |          |
|-------|--------------------|----------|----------|
| / /   | anho (cordeiro)    | [ 'a u ] | / 'a U / |
| / ã / | erra (verbo errar) | [ ' r ]  | / 'âra / |
| / /   | era                | [ ' ]    | / 'â a / |

Fonte: Câmara Jr. (1980, p. 62).

### 1.8.1 Encontros Consonantais

Os grupos consonantais, isto é, a reunião de duas ou mais consoantes em um vocábulo, de acordo com Coutinho (1976, p. 118), classificam-se em dois tipos: a) em relação à formação: os próprios que são formados pela combinação das oclusivas líquidas (*pr, br, tr, dr, cr, gr, fr, pl, bl, cl, gl e fl*) e, ao contrário desses, os impróprios (*sc, sm, sp, st, lt e gn*); b) em relação à posição, ou seja, início ou meio do vocábulo; c) em relação à procedência, podem ser divididos em latinos ou românicos, sendo os latinos os que provêm do latim e os românicos, que surgem nos romances, ocorrem pela queda da vogal interior.

Donadel (2007, p. 18-19) explica que em relação aos grupos consonantais, “as gramáticas históricas da língua nos mostram que alguns processos de mudança ocorreram ainda no latim vulgar, outros no galego-português, entre os séculos IX e XIV, e outros, ainda, teriam ocorrido posteriormente”. E para presente pesquisa, interessa-nos a explanação dada pela referida autora sobre os grupos consonantais impróprios, os quais são consideravelmente percebidos no *corpus* do trabalho.

Para Donadel (2007, p. 20) o grupo consonantal impróprio é “aquele que não é formado por uma obstruinte mais uma líquida, como *significar, aptidão, pacto, adjetivo*, classificado pelas gramáticas históricas como Grupo Consonantal Impróprio (doravante GCI)”. Como exemplo desse grupo consonantal retirado do *corpus* dessa pesquisa, podemos citar a palavra *baptismo* e *assigno*, assim como suas variantes, encontradas em todas as atas de batismo. Ainda conforme a autora (p. 20), “Grupos dessa natureza eram comuns em latim e sofreram alterações na passagem para o português no sentido de eliminação de uma das consoantes, normalmente a primeira”.

Em relação aos grupos iniciais impróprios como *sc, sm, sp* e *st*, Lima (2009, p. 82-87) declara que quando esses surgem no início de palavras recebiam um “e”, como em “*scalata > scala > escada, scutella > escudela, scutu > escudo*”. Nos

grupos mediais impróprios, a autora expõe que os latinos ou românicos, antecédidos de vogal, “geralmente vocaliza-se a primeira consoante”.

Nota-se que há variadas investigações feitas por Said Ali (1921, p.23), a respeito desses grupos no latim vulgar. Segundo o autor, a aquisição já era considerada um fato comum nessa época: ruptu > ruttu > roto.

Se nos grupos ct e pt a primeira consoante se resolvia em fonema que ia constituir ditongo com a vogal antecedente, esse novo fonema, tendo valor de subjuntiva ou consoante, não possuía sonoridade bastante para influir sobre a explosiva surda t: oito (de octo), noute ou noite (de nocte-), peito (de pectu-), receita (de recepta) (SAID ALI , 1921, p. 26).

Conforme Paiva (1988), havia uma diferença na pronúncia de “s” intervocálico e z, ss e ç, ch e x. A autora exemplifica que “entre coser e cozer havia diferença de pronúncia, visto que z soaria /dz/; entre passo e paço, em que ç soaria /ts/; entre chaga, em que o ch soaria /tch/,, e luxo em que x equivaleria a /ch/”. Mas pelo fato de não haver teóricos e gramáticos no século XV, basearam-se nas “formas ortográficas documentais em obras de edição fidedigna” ou tomaram como base os estudos gramaticais da primeira metade do século XV. Aproximadamente em 1550 (século XVI), iniciam-se complicações entre os fonemas, pois começam a grafar s por z, ç por ss e vice-versa.

A autora salienta que “o grupo se inicial ou medial perdia o s na passagem do latim para o português: nacimiento, nacer, crecer, conciencia, florecer, voltando a recompor-se no período renascentista” (PAIVA, 1988, p. 37). Essa questão pode ser observada no *corpus* dessa pesquisa, nas palavras “naceo” e “seicentos”.

### 1.8.2 Consoantes geminadas

As consoantes duplas, denominadas consoantes geminadas, podem ser consideradas como uma herança da antiga ortografia latina, o latim, e foram se perdendo na evolução para o português. Said Ali (1921, p. 32) aponta situações nas quais o uso das consoantes duplicadas era um “capricho”.

Fosse este o móvel ou outro qualquer, o certo é que deu por terra com tal systema orthographico a reacção do port. mod., firmando cada vez mais a doutrina de subordinar a representação das palavras do nosso idioma ao que estava estabelecido na língua de Cicero e Vergilio. E aonde não podiam

chegar os conhecimentos etymologicos, supria-se, em matéria de geminação, com a fantasia e o capricho, preferindo muitas vezes o supérfluo ao estrictamente bastante, como chinello, panella, janella etc.

Pode-se dizer que as consoantes geminadas são como um artifício gráfico. Ainda conforme Said Ali (1921, p. 32), para o uso da geminação sem critérios, pode-se ter:

Obscuro é o motivo da geminação ll em apostollo, epistolla, Paullo, capitullo, tall, mall, quall, geerall, etc. de que ha exemplos de sobra no livro da Virtuosa Bemfeitoria, no Leal Conselheiro e em Fernão Lopes, Chronica de D. João. As obras latinas que constituíam a principal leitura desses tempos, e donde se tiravam alguns dos referidos vocabulos directamente, deviam antes induzir a fazer uso do l simples.

De acordo com Coutinho (1976), no primeiro período da escrita, o fonético, fase arcaica do idioma, grafia não era uniforme, pois “A língua era para os ouvidos” (COUTINHO, 1976, p. 72). Os escritores da época objetivavam facilitar a leitura, mas não havia regras para a grafia. Por esse motivo, é possível encontrar palavras escritas de formas distintas em um mesmo documento.

Possivelmente, dobravam-se as consoantes para distingui-las das consoantes simples. Ainda para o autor, a letra “l” “é comum estar geminada no meio e no fim da palavra: ella, castello, mall, tall.”. Outra questão importante para Coutinho é que o “l” duplicado em posição final era, naturalmente, utilizado para diferenciar o “l” velar do alveolar; em posição medial, acontecia por interferência do latim (COUTINHO, 1976, p. 74).

No período fonético, a duplicação das consoantes encontrava-se em várias palavras, em posição inicial ou medial. Para Said Ali (1921) há uma explicação plausível para esses casos “Por muito estranha e desnecessária que nos pareça a geminação em taes vocábulos, ella tem em parte explicação razoável, desde que se leve em conta o antigo systema de escrever” (SAID ALI, 1921, p. 31).

No período pseudoetimológico, de acordo com Coutinho (1976, p. 107), escrevia-se procurando respeitar as letras vindas de uma palavra. Essa questão teve início aproximadamente, no século XVI, quando se manifestaram os primeiros tratados ortográficos da Língua Portuguesa. Esse período fez com que a escrita se tornasse imprecisa.

No final do período pseudoetimológico, conforme Melo (1981, p. 163-8) houve uma propensão com o intuito de simplificar a ortografia. Todavia, ocorreram muitas

confusões pelo fato de que não existiam conhecimentos satisfatórios em relação à evolução da língua portuguesa. Sendo assim, Gonçalves Viana, autor da *Ortografia Nacional* (1904, p. 17), orientou-se por seus próprios fundamentos, como, por exemplo, a retirada de todos os símbolos de etimologia grega (*th, ph, ch (=k), rh, y*); a contenção das consoantes duplas, exceto *rr* e *ss* medias; a supressão de consoantes nulas (não influentes na pronúncia da vogal precedente) e a regularização da acentuação gráfica.

Segundo Hauy (1994, p. 33), usavam-se as letras simples do alfabeto antigo, com exceção da letra *k* e das geminadas *ss* e *rr* na primeira fase do português arcaico. Ainda conforme Hauy (1994, p. 34), ocorreram nessa época o “desaparecimento de letras *inúteis* (exceto nos dígrafos *gu* e *qu*); o *h* etimológico ou não e as geminadas com valor de singelas de um modo geral desapareceram”.

Nos Quadros 8 e 9, apresentados por Câmara Jr. (1979, p. 49), pode-se observar a simplificação da ortografia da língua portuguesa.

Quadro 8 – Latim clássico

| modo de articulação | ponto de articulação | labiais |           | anteriores |           | posteriores |           |
|---------------------|----------------------|---------|-----------|------------|-----------|-------------|-----------|
|                     |                      | simples | geminadas | simples    | geminadas | simples     | geminadas |
| oclusivas           | su.                  | p       | -pp-      | t          | -tt-      | k           | -kk-      |
|                     | so.                  | b       | -bb-      | d          | -dd-      | g           | -gg-      |
| constritivas        | su.                  | f       | -ff-      | s          | -ss-      | –           | –         |
|                     | so.                  | –       | –         | –          | –         | –           | –         |
| nasais              |                      | m       | -mm-      | n          | -nn-      | –           | –         |
| laterais            |                      | –       | –         | l          | -ll-      | –           | –         |
| vibrantes           |                      | –       | –         | r          | -rr-      | –           | –         |

Fonte: Câmara Jr. (1975, p. 49-48).

Quadro 9 – Português atual

| modo de articulação \ ponto de articulação |     |     | labiais | anteriores | posteriores |
|--|-----|-----|---------|------------|-------------|
|  | su. | so. |         |            |             |
| oclusivas                                  | su. |     | p       | t          | k           |
|  | so. |     | b       | d          | g           |
| constritivas                               | su. |     | f       | s          | ʃ           |
|  | so. |     | v       | z          | ʒ           |
| nasais                                     |     |     | m       | n          | ɲ           |
| laterais                                   |     |     | –       | l          | ʎ           |
| vibrantes                                  |     |     | –       | r          | R           |

Fonte: Câmara Jr. (1975, p. 49-48).

Segundo Mattos e Silva (1991, p. 74), a partir da análise dos quadros, verifica-se que as geminadas latinas intervocálicas simplificam-se. A autora ainda destaca as diferenças das geminadas na distribuição medial, interior da palavra.

a. As geminadas latinas, sempre intervocálicas, se simplificaram, resultando na correspondente simples (suppa > sopa; abbate > abade; cattu > gato; additione > adição; bucca > boca; agreddire > agredir; officina > oficina; ossu > osso[s]; flamma > chama; annu > ano; caballu > cavalo ; ferru [R]).

b. Nas oclusivas se mantém a mesma correlação do latim – labial, anterior, posterior/surdas e sonoras – apesar da atuação da lenização ou abrandamento que se processou desde o latim imperial, resultando na simplificação das geminadas, sonorização Ponto de articulação Labiais Anteriores Posteriores Modo de articulação Oclusivas surdas Oclusivas sonoras p t k b d g Constritivas surdas Constritivas sonoras f s s( v z z( Nasais m n n( Laterais – l l( Vibrantes – r R das surdas e, na maioria dos casos, no desaparecimento das sonoras.

c. As constritivas, que só se apresentavam como surdas no sistema latino, apresentam-se com suas correspondentes sonoras no sistema do português, por via também do fenômeno fonético de abrandamento ou lenização já referido: simplificação das geminadas e sonorização das surdas.

Conforme a autora, essas mudanças encadeadas (letras “a” e “b”) não alteraram a configuração do sistema. Contudo, na letra “c”, nota-se que houve uma reconfiguração do sistema, através das mudanças entre as constritivas com o surgimento das homorgânicas sonoras, inexistentes no latim.

As muitas discussões em relação à ortografia da língua portuguesa continuaram por muitos anos, fato já mencionado. E em consideração às consoantes

geminadas, verifica-se que essas eram utilizadas em documentos nos séculos XVIII e XIX como um capricho etimológico, situação que pode ser atribuída ao exagerado elitismo da época em questão. Essa teoria das elites era defendida por alguns escritores e filólogos, tanto brasileiros como portugueses, pois, nessa época, questões referentes à ortografia sucederam-se nas três primeiras décadas do século seguinte, conforme já exposto.

## CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 14), a palavra “metodologia” “vem do grego “meta” = ao largo; “odos” = caminho; “logo” = discurso, estudo”. Para os autores é muito importante entendermos o sentido dessa palavra para os estudos acadêmicos, pois “é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 14).

Diante do exposto, nota-se a relevância da metodologia no trabalho científico. Essa importância pode ser observada na metodologia da presente pesquisa, a qual realiza uma pesquisa de campo de cunho qualitativo.

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos analíticos desta pesquisa que está dividido em três seções. Primeiramente, na seção 2.1, apresentaremos como foi realizada a coleta. Em seguida, na seção 2.2, descrevemos, de modo geral, o *corpus*. Na seção 2.3, é indicado como será feita a transcrição dos manuscritos, sendo expostas as normas de transcrição, conforme Cambraia (2005).

### 2.1 COLETA

Para a realização da coleta dos documentos, primeiramente, foi feita uma visita ao Museu Municipal Edyr Lima, de Cachoeira do Sul (RS), à procura de manuscritos dos séculos passados. A partir da leitura da reportagem, já referida no capítulo anterior, do Jornal do Povo, intitulada “A história negra da cidade é recontada”, de 25 e 26 de junho de 2005, surgiu o interesse na utilização dos textos, Atas de Batismo e Registros de óbitos, referentes aos escravos da cidade, para a presente pesquisa.

Dessa forma, a partir das informações fornecidas pela funcionária do Museu, a professora Sandra Liege, verificou-se que tais documentos não estavam à disposição do público no Museu, encontrando-se apenas na Mitra Diocesana. Para se ter acesso a esses documentos, foi necessário solicitar a autorização do Bispo da cidade (fato ocorrido no ano de 2017), Dom Remídio, o qual permitiu que os textos fossem fotografados e, após, mostrados para a secretária da Mitra, Deise Won Muhlen, a qual daria o aval final.

Escolheu-se analisar tais documentos pela sua importância histórica, por despertarem a curiosidade e por trazerem uma forma de escrita arcaica que sofre modificações através dos tempos. Além disso, pode-se afirmar que existem poucos estudos que abordem questões paleográficas e linguísticas dos referidos textos.

## 2.2 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Conforme Cunha e Cavalcanti (2008, p. 237), manuscrito “[...] é um texto escrito à mão, de valor histórico ou literário”. No sentido de arquivo, manuscrito é definido como: “[...] conjunto de papéis (ou documentos) pessoais, que apresenta unidade orgânica”.

Nota-se que há a existência de manuscritos em arquivos públicos, privados institucionais e também em arquivos pessoais e familiares. No Brasil, esses textos atentam a uma época que vai do século XVI ao XXI, reivindicando sempre o conhecimento do pesquisador.

O *corpus* selecionado para a presente pesquisa apresenta manuscritos pertencentes à Mitra Diocesana da cidade de Cachoeira do Sul (RS). O acesso ao material, como já mencionado anteriormente, deu-se mediante a autorização do Bispo Dom Remídio, agora já falecido, o qual permitiu que fossem fotografados. Dessa forma, pelo fato de haver interesse nos livros de registros de escravos, a pesquisa foi realizada em quatro livros: Livro 1 – Batismo de Escravos (1799 a 1842), Livro 2 – Batismo de Escravos (1842-1853), Livro 3 – Batismo de Escravos (1853-1859) e o Livro 4 – Óbitos de Escravos (1874 a 1876).

Em uma primeira análise, percebeu-se que o material, pelo fato de ser muito antigo, apresenta muitas folhas corroídas, amassadas, manchadas, ou seja, não se encontrava em bom estado de conservação, tornando a escrita, em algumas partes do texto, ilegível. Sendo assim, foram fotografados 42 documentos, em bom estado para leitura, para assim serem realizadas as devidas edições, dentre eles 16 pertencem ao Livro 1, 6 ao Livro 2, 10 ao Livro 3 e, ao Livro 4, 10 manuscritos. A escolha dos textos foi realizada pela pesquisadora, a qual os selecionou, levando em consideração o estado de conservação e a sua apresentação.

Os manuscritos selecionados para a pesquisa, datados dos séculos XVIII e XIX, apresentam variações interessantes, constatadas a partir das transcrições. Como o enfoque da pesquisa é o estudo paleográfico e a análise linguística, a partir

da edição dos manuscritos considerados importantes para a cidade de Cachoeira do Sul, faz-se necessária sua disponibilidade para o estudo em diversas áreas, inclusive na linguística.

Para fins de organização, de melhor entendimento e de análise do *corpus*, ele está identificado pela numeração do livro e, após, o manuscrito correspondente, por exemplo, L1-01. Os Termos de Abertura (TA) e de fechamento (TF) também seguem a mesma estrutura, indicados logo depois do livro, como em L1-TA, L1-TF. Segue o Quadro 10, o qual traz a referências do *corpus*:

Quadro 10 – Relação de manuscritos

(continua)

| <b>Livro</b> | <b>Texto</b> | <b>Autor intelectual</b>                | <b>Ano</b> |
|--------------|--------------|---|------------|
| L1           | TA           | Duarte Mendes de Sampaio                | 1799       |
| L1           | 01           | Pe. Ignacio Francisco Xavier dos Santos | 1799       |
| L1           | 02           | Pe. Ignacio Francisco Xavier dos Santos | 1800       |
| L1           | 03           | Pe. Ignacio Francisco Xavier dos Santos | 1800       |
| L1           | 04           | Pe. Ignacio Francisco Xavier dos Santos | 1801       |
| L1           | 05           | Pe. Ignacio Francisco Xavier dos Santos | 1803       |
| L1           | 06           | Pe. Ignacio Francisco Xavier dos Santos | 1803       |
| L1           | 07           | Desconhecido                            | 1804       |
| L1           | 08           | Desconhecido                            | 1805       |
| L1           | 09           | Desconhecido                            | 1809       |
| L1           | 10           | Desconhecido                            | 1810       |
| L1           | 11           | Desconhecido                            | 1811       |
| L1           | 12           | Desconhecido                            | 1811       |
| L1           | 13           | Desconhecido                            | 1811       |
| L1           | 14           | Desconhecido                            | 1814       |
| L1           | TF           | Duarte Mendes de Sampaio                | 1799       |
| L2           | TA           | Pe. Ignacio Francisco Xavier dos Santos | 1842       |
| L2           | 01           | Pe. Ignacio Francisco Xavier dos Santos | 1842       |
| L2           | 02           | Pe. Ignacio Francisco Xavier dos Santos | 1843       |
| L2           | 03           | Pe. Ignacio Francisco Xavier dos Santos | 1843       |

(conclusão)

|    |    |                                |      |
|----|----|--------------------------------|------|
| L2 | 04 | Pe. Antonio Homem d' Oliveira  | 1844 |
| L2 | 05 | Desconhecido                   | 1849 |
| L3 | TA | José Teixeira da Cunha Lousada | 1853 |
| L3 | 01 | Desconhecido                   | 1853 |
| L3 | 02 | Desconhecido                   | 1853 |
| L3 | 03 | Desconhecido                   | 1854 |
| L3 | 04 | Desconhecido                   | 1854 |
| L3 | 05 | Marcellino Lopes Falcão        | 1854 |
| L3 | 06 | Marcellino Lopes Falcão        | 1855 |
| L3 | 07 | Desconhecido                   | 1855 |
| L3 | 08 | Desconhecido                   | 1858 |
| L3 | TF | José Teixeira da Cunha Lousada | 1853 |
| L4 | TA | José de Miranda e Castro       | 1874 |
| L4 | 01 | Desconhecido                   | 1874 |
| L4 | 02 | Desconhecido                   | 1875 |
| L4 | 03 | Desconhecido                   | 1876 |
| L4 | 04 | Desconhecido                   | 1878 |
| L4 | 05 | Desconhecido                   | 1879 |
| L4 | 06 | Desconhecido                   | 1880 |
| L4 | 07 | Desconhecido                   | 1882 |
| L4 | 08 | Desconhecido                   | 1884 |
| L4 | TF | José de Miranda e Castro       | 1871 |

Fonte: Documentos L1 a L4.

Conforme o Quadro 10, o documento mais antigo trabalhado é de 1799 (L1-TA), cuja autoria é do Pe. Ignácio Francisco Xavier dos Santos. O mais próximo dos dias de hoje é de 1884 (L4-8). Outra questão importante é que em L1 e L3 as datas dos Termos de Fechamento são as mesmas dos Termos de Abertura (L1-TA-1799, L1-TF-1799/L3-TA-1853, L3-TF-1853). Já em L4-TF (1871) a data é anterior a L4-TA (1874). O que se pode deduzir é que pode ter havido um engano na hora de preencherem os livros. E outra questão importante é que não há o L2-TF.

Na seção “3.3 Análise Paleográfica”, ficará esclarecida a questão referente ao uso da palavra “desconhecido”, no Quadro 10.

## 2.3 TRANSCRIÇÃO

A transcrição paleográfica baseia-se no ato de transportar assuntos, conceitos, ideias, temas e etc. de um texto formado por caracteres com algum nível de incompreensão para uma estrutura estabelecida por letras decifráveis por um número maior de pessoas. Dessa forma, observa-se que há algumas competências principais, como deslocar os caracteres do documento original para uma escrita atualizada e também reconhecer as grafias usadas no texto original, as abreviaturas, os sinais de pontuação, a separação vocabular, os números e, a partir disso, saber interpretar o texto e não apenas decodificá-lo.

Ler e transcrever manuscritos antigos exige familiaridade com a evolução de traçados, tipos, suportes e outros instrumentos da escrita. A transcrição é essencial para resgatar e comprovar a historicidade da língua acompanhando seu processo evolutivo, provendo material de pesquisa para que os linguistas possam se aprofundar e colocar à disposição da comunidade científica as teorias que se vão revelando por meio do estudo possibilitado pelos manuscritos. Também os historiadores podem e fazem uso da Paleografia, pois ao se fazer a edição do documento tem-se o cuidado de se fazer um registro fiel do texto manuscrito o que possibilitará segurança ao pesquisador ao analisar os fatos que deseja estudar.

Editar manuscritos antigos é um processo minucioso e que requer muita cautela, porque, muitas vezes, o documento encontra-se em um precário estado de conservação, motivo pelo qual a manipulação e leitura são prejudicadas. Outra questão importante é que o pesquisador precisa familiarizar-se com tipo de escrita. Por consequência, o trabalho de edição de textos deve ser realizado com comprometimento, visando à autenticidade do documento original. Por essa razão, toda a metodologia explicitada deve ser difundida de modo que outros pesquisadores possam ter o conhecimento de quais meios levaram aos resultados.

Conforme Cambraia (2005) os tipos fundamentais de edição são aqueles que exigem reflexão do crítico textual no momento de sua escolha, a qual deve ser pautada pelo público-alvo desejado e pela existência ou não de edições anteriores.

A importância de se pensar no público-alvo está no fato de que dificilmente uma mesma edição é adequada para todo o tipo de público, pois diferentes são seus interesses. Assim, uma edição que reproduza particularidades gráficas de um texto quinhentista que pode interessar a um linguista, mas não seria adequada a um público juvenil interessado especialmente no conteúdo do texto, ou seja, na história ali contada (CAMBRAIA, 2005, p. 90).

De acordo com o exposto, verifica-se que o público-alvo é uma determinante escolha na trajetória do pesquisador. Muitas vezes, ao longo do percurso editorial, o estabelecimento e sistematização das normas estabelecidas não conseguem atingir os objetivos e, dessa forma, o editor necessita rever as normas previamente estabelecidas.

Para Cambraia (2005), a edição é um tipo de categoria de valor especial para a crítica textual. Baseia-se na “forma de estabelecimento do texto, que compreende o que se pode chamar de tipos fundamentais de edição”. Deve-se observar, com cuidado, se o texto a ser analisado já foi editado antes, a fim de se evitar edições repetidas.

A escrita, que representa um armazenamento de informações, possibilita a comunicação através do tempo e do espaço. Nos manuscritos antigos, ela é extremamente importante, pois contribui para a interpretação do conhecimento cultural, pelo fato de pressupor a existência da linguagem falada. E para a transcrição desses manuscritos, considera-se o estudo realizado acima, em relação à edição fac-similar, a qual possibilita o acesso ao texto diretamente e à paleográfica, escolhida por garantir a preservação das características originais dos documentos pesquisados, fato muito importante para o trabalho de linguistas históricos. Desse modo,

Pode-se dizer que há, neste tipo, um grau médio de mediação, pois, no processo de reprodução do modelo, realizam-se modificações para o tornar mais apreensível por um público que não seria capaz de decodificar certas características originais, tais como sinais abreviativos. Enquanto na edição diplomática a mediação do editor se restringe à reprodução dos elementos do modelo, já na paleográfica o editor atua de forma mais interventiva, através de operações como desenvolvimento de sinais abreviativos, inserção ou supressão de elementos por conjectura, dentre outras (embora qualquer uma dessas operações fique explicitamente assinalada na reprodução) [...] (CAMBRAIA, 2005, p. 95).

De acordo com Cambraia (2005), existem muitas formas de tornar acessível ao público um texto, sendo, para tanto, fundamental a escolha do tipo adequado de

edição a ser utilizado, pelo fato de que cada um tem características próprias. A opção aqui é pela edição paleográfica, pois se caracteriza por baixo grau de intervenção do editor, sendo, sendo, dessa forma, destinada a um público mais restrito e especializado. Nesse público, estão inseridos linguistas, historiadores, antropólogos etc. (Cabraia, 2005, p. 95).

### 2.3.1 Normas de transcrição

Para a edição diplomática dos documentos, foram utilizadas as normas instituídas por Cabraia (2005, p. 129-130):

- a) *Caracteres alfabéticos*: transcrever como caracteres romanos redondos, reproduzindo-se as diferenças de módulo. Uniformizar os alógrafos contextuais segundo a forma mais moderna. Quando houver mais de um tipo de caractere no modelo (como, p. ex., capitulares), informar em nota.
- b) *Sinais abreviativos*: transcrever fielmente.
- c) *Diacríticos*: transcrever fielmente.
- d) *Sinais de pontuação*: transcrever fielmente.
- e) *Caracteres de leitura duvidosa*: transcrever entre parênteses redondos simples ( ).
- f) *Caracteres de leitura impossível*: transcrever como pontos dentro de colchetes precedidos pela cruz † (o número de pontos é o de caracteres não legíveis).
- g) *Caracteres riscados*: transcrever com tachado.
- h) *Caracteres apagados, modificados, nas entrelinhas ou nas margens*: informar em nota.
- i) *Separação vocabular*: (intra- e interlinear): reproduzir fielmente.
- j) *Paragrafação*: reproduzir fielmente.
- l) *Inserções conjecturais*: não realizar nenhuma.
- m) *Supressões conjecturais*: não realizar nenhuma.
- n) *Mudança de fólio, face e coluna*: informar na margem de cabeça, em itálico e entre colchetes simples [ ].
- o) *Mudança de punho*: informar em nota.
- p) *Mudança de tinta*: informar em nota.
- q) *Qualquer outra particularidade*: informar em nota.
- r) *Numeração de linha*: inserir na margem externa, contando de 5 em 5, de forma contínua em todo o texto.

## CAPÍTULO 3: ANÁLISE DOS DADOS

No presente capítulo, serão apresentadas as análises realizadas referentes a: 3.1 Edição de manuscritos; 3.2 Descrição dos Livros; 3.3 Análise Paleográfica; 3.4 Análise Linguística - vogais; 3.5 Análise Linguística – consoantes. Essas análises possuem uma função social, pois auxiliam na leitura e interpretação dos manuscritos do *corpus* desta pesquisa, popularizando informações que são restritas a poucos que 1º) tem acesso a eles; 2º) compreendem o que está escrito; 3º) conhece as características linguísticas aqui abordadas.

### 3.1 EDIÇÃO DOS MANUSCRITOS

Expomos, após, a edição diplomática dos documentos na mesma ordem em que os fac-símiles aparecem nos anexos.

#### Quadro 11 – Documento 1 (L1-TA)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Termo de abertura L1-TA                    |
| <b>Data</b>       | 02 de janeiro de 1799                      |
| <b>Local</b>      | Rio Pardo                                  |
| <b>Escravo</b>    | -  |
| <b>Assinatura</b> | Duarte Mendes de Sampaio / Vigário da Vara |

Fonte: A autora, a partir de L1-TA.

Hade servir este Livro para  
 nelle selançarem todos os assentos dos  
 baptizados dos escravos desta Freguezia  
 de Nossa Senhora do Rozario do Rio  
 5 Pardo, digo para nelle selancarem os  
 ssentos dos baptizados dos escravos da  
 Freguezia de Nossa Senhora da Concei  
 çao da Caxoeira, o qual vai numerado

- erubricado com a minha rubrica de que  
 10 uzo, que dis = Mendes= E para constar  
 fis esta declaração. R<sup>o</sup> Pardo 2<sup>o</sup> de  
 Janr.<sup>o</sup> de 1799  
 Duarte Mendes de S. Paio  
 Vigr.<sup>o</sup> da Vara

Quadro 12 – Documento 2 - (L1-01)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-01                         |
| <b>Data</b>       | 16 de abril de 1799                          |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Francisco                                    |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-01.

- Fran<sup>co</sup> Aos dezeseis dias do mez de Abril do annode mil sete<sup>7</sup>  
 Pardo<sup>o</sup> Centos noventa e nove nesta Freguezia de Nossa Senhora  
 da Conceição da Caxoeira baptzei e pus os Santos  
 Oleos a Francisco=Pardo filho natural de Thereza  
 5 Escrava do Furriel Manoel ThomazFerreira Pres  
 tes e de Laurencia Antonia da Trindade nasceo a  
 oito do Sobredito mez: Foi Padrinho Francisco Ferrei  
 ra Prestes de que para constar mandei fazer este a  
 sento que assignej =  
 10 OVigr<sup>o</sup> Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos St<sup>os</sup>

<sup>7</sup> Conforme consta no L1-TA, "Mendes" é a rubrica de Duarte Mendes de S. Paio.

Quadro 13 – Documento 3 (L1-02)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-02                         |
| <b>Data</b>       | 05 de janeiro de 1800                        |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Manoel                                       |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-02.

M<sup>el</sup>: Aos cinco dias do mez de Janeiro do anno de  
Pardo= mil e Oito Centos nesta Freguezia de Nossa Se  
nhora da Conceição da Caxoeira puz os Santos  
Oleos a Manoel filho natural de Thereza escr  
5 ava do Tenente Francisco Carvalho de Pai in=  
cognito nasceo a vinte e oito de Dezembro do  
anno demil Sete Centos enoventa e nove e foi  
baptizado em caza por mim por nascer em  
perigo de vida de que para constar man  
10 dei fazer este assento que assignei=

O Vigr<sup>o</sup> Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos Santos<sup>8</sup>

Quadro 14 – Documento 4 (L1-03)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-03                         |
| <b>Data</b>       | 28 de agosto de 1800                         |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Felicia                                      |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-03.

Felicia      Aos vinte e oito dias do mês de Agosto do Anno de

<sup>8</sup> Provavelmente seja a rubrica do Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos.

mil oito centos nesta Freguezia de Nossa Senhora da  
 Conceição da Cachoeira Baptizei e puz os Santos Oleos=a  
 Felicia = filha natural de Maria Escrava de Ma  
 5 noel Silveira de Souza e de Pay incógnito, nasceo  
 a vinte e sete do mês de Julho: forão padriñhes Silveira  
 de tal e Thireza escrava do Tenente (Ricardo) Joze  
 de Maya [†.....] de que para Constar mandei fazer este  
 10 assento que assigneij=

OVigrº Ignacio Franº Xº dos Santos

Quadro 15 – Documento 5 (L1-04)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-04                         |
| <b>Data</b>       | 10 de Agosto de 1801                         |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Manoel                                       |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-04.

Manoel Aos des dias do mês de Agosto do anno de mil Oito centos  
 ehum nesta Freguezia de Nossa Senhora daConceição  
 daCachoeira baptizei epuz os Santos Oleos a= Manoel=  
 filho natural de Domingas Escrava de Ana Roza  
 5 Viuva, nasceo a Vinte do mes de Julho do (sobredito) anno  
 foi padrinho Joze Francisco de Campos, de quepara  
 Constar mandei fazer este assento assigneij=

OVigrº Inacio Franº Xaº dos Santos

Quadro 16 – Documento 6 (L1-05)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-05                         |
| <b>Data</b>       | 17 de outubro de 1803                        |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da (Assunção)/ Caçapava        |
| <b>Escravo</b>    | Paulo  |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-05.

Paulo = Aos dezessete dias do mez de outubro do anno de mil oito centos  
 etres naCapella Filial de Nossa Senhora da Assumpção  
 deCassapava delicença minha Baptizou epos os San=  
 tos olios oPade Joaquim Jose Ferreira =a Paulo filho  
 5 natural deMaria Escrava de Jose Jacinto, forão Padrinhos  
 João Escravo de Capitão Antonio Adolfo eRosa Escrava  
 Do Sobredito Jose Jacinto de que para constar faço este  
 Assento queassigno=

O Vigr<sup>o</sup> Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos Santos

Quadro 17 – Documento 7 (L1-06)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-06                         |
| <b>Data</b>       | 28 de novembro de 1803                       |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Anna   |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-06

Anna = Aos vinte oito dias do mês de Novembro do anno mil Oito centos  
 e tres nesta Freguezia deNossa Senhora da Conceicao daCaxoeira  
 baptizei epos os Santos Oleos = a Anna filha natural de  
 Maria Escrava de Tenente Filisberto dos Santos e de Pai

- 5 incognito forão padrinhos Ignacio e M[†.....] escravos de Tenente Felipe Carvalho da Silva de que para constar faça este assento =

O Vigr<sup>o</sup> Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos Santos

Quadro 18 – Documento 8 (L1-07)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-07                         |
| <b>Data</b>       | 22 de maio de 1804                           |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Benta  |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-07.

Benta Aos vinte e dois dias do mês de Mayo de mil oito Centos e quatro nesta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira mandei s[†.....] este assento de que no Oratorio de Santa Maria Baptizou e pos os Santos o lios o Reverendo Joam José de Freitas a Benta filha legitima de Domingos Cabunda<sup>9</sup> e de (vivencia) Crioula escravos de Francisco Rodrigues : digo de Francisco Fernandes Forão Padrinhos Martinho garcia, e Matildes: ao que para constar mandei fazer este assento.

O Vigr<sup>o</sup> Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos Santos

Quadro 19 – Documento 9 ( L1-08)

(continua)

|                  |                      |
|------------------|----------------------|
| <b>Documento</b> | Ata de batismo L1-08 |
| <b>Data</b>      | 1º fevereiro de 1805 |

(conclusão)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Francisco                                    |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-08.

Ao Primeiro dias do mês de Fevereiro demiloito  
Centos e Cinco = nesta Freguezia de Nossa Senhora  
da Conceicamda Cachoeira Baptizou epos os San  
Francisco tos o Lios = o Reverindo Coadjutor Antonio Joze Lo  
5 pes = a Francisco filho de Adrianna (Solteira) esca=  
va de Joaquim Joze Machado e Pay incógnito: Forão  
padrinhos Pedro Paulo pardo forro<sup>9</sup> e Joaquina Ma=  
ria molher de Antonio Thadeo= do que para Constar  
mandei fazer esse asento.

10 OVigr<sup>o</sup> Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos Santos

Quadro 20 – Documento 10 (L1-09)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-09                         |
| <b>Data</b>       | 31 de outubro de 1809                        |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Zeferino                                     |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-09.

Aos trinta hum dias do mês de Outubro de mil Oi=  
to Centos e nove nesta Freguezia de N. Senhora da Con  
ceição daCachoeira= Baptizou e poz os Santos Olios o Re~  
verendo Coadjuttor Antonio Joze Lopes = a Zeferino fi~

<sup>9</sup> Forro: escravo que possuía a Carta de Alforria (Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul).

5 Iho natural de Maria escravos de Pedro (Sabalhos) e de~  
 Zeferino Pays incognittos: Forão padrinhos Antonio de Oliveira  
 preto forro e Maria Clara = do que para constar mand~  
 dei fazer este acento.

OVigrº Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos Santos

Quadro 21 – Documento 11 (L1-10)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-10                         |
| <b>Data</b>       | 25 de novembro de 1810                       |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Jeremias                                     |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-10.

Aos vinte ecinco dias do mez de Novembro demil  
 oito centos edes nesta Freguezia de Nossa Senhora  
 da Conceição da Cachoeira Baptizei epus os Santos  
 Jeremias o Lios ainnocente Jeremias filho ligitimo de Manoel  
 5 Benguellapreto forro e de Narciza Maria forra=nas  
 ceo avinte etres de Outubro. Forão padrinhos Jeremias  
 e Anna filhos de Francisco Antonio de Bitancurt  
 do que para constar mandei fazer este acento.

OVigrº Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos Santos

Quadro 22 – Documento 12 (L1-11)

(continua)

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>Documento</b> | Ata de batismo L1-11                        |
| <b>Data</b>      | 04 de março de 1811                         |
| <b>Local</b>     | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |

(conclusão)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Escravo</b>    | Policarpo                                    |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-11.

Aos quatro dias domes de Março de mil oitto Centos e onze nesta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Caxoeira Baptizei e pus os Santos O Lios aoinnocente Policarpo te Policarpio filho natural de Bendita escravos do Furriel Joaquim Fidella e de Anna Delfina Fofão Padrinhos Lucianno Joze da Silveira e Maria Francisca do que para constar mandei fazer este acento

OVigr<sup>o</sup> Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos Santos

Quadro 23 – Documento 13 (L1-12)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-12                         |
| <b>Data</b>       | 06 de maio de 1811                           |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Francisco                                    |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-12

Aos ceis dias domes de Mayo de mil oito Centos e onze nesta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Caxoeira = Baptizou e pos os Santos o Lios o Reverendo Coadju- tor Antonio Jose Lopes a Francisco escravo adulto de= nascão Congo com idade detreze annos mais ou menos de Constantina deLoretto. Foi Padrinho Caetano escravo de Francisco Machado do que para constar mandei fazer este acento que assignei.

OVigr<sup>o</sup> Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos Santos

Quadro 24 – Documento 14 (L1-13)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-13                         |
| <b>Data</b>       | 28 de maio de 1811                           |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Bernardino                                   |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-13.

Aos vinte e oito dias do mes de Mayo demil oito Centos e onze nesta Freguezia de N. Senhora da Conceição Bernardino da Cachoeira Baptizou e pos os Santos o Lios o Revegemio reno Coadjutor Antonio Joze Lopes = ao innocente 5 Bernardino filho natural de Matildes Solteira: escrava do Capitão Bernardo José Alves: Forão Padrinhos Joaquim escravo de Antonio Barboza e Matildes escrava de Joze Raymundo doque para constar mandei fazer este acento- 10 OVigr<sup>o</sup> Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos Santos

Quadro 25 – Documento 15 (L1-14)

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L1-14                         |
| <b>Data</b>       | 2 de Julho de 1814                           |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul  |
| <b>Escravo</b>    | Roza   |
| <b>Assinatura</b> | O Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos |

Fonte: A autora, a partir de L1-14.

Aos dois dias do mês de Julho do anno de mil oito Centos e quatorze nessa Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da

Roza Caxoeira, baptizou e pos os Santos Olios o Reverendo Coadjutor Antonio Coelho Leal a innocente Roza escrava, digo a innocente Roza filha natural de Filicia escrava de Francisco da Silva, e não derão mais noticia. Forao Padrinhos Joze e M[†...] do , e Roza Maria do qu para constar mandei fazer esse assento

OVigr<sup>o</sup> Ignacio Fran<sup>co</sup> X<sup>er</sup> dos Santos

Quadro 26 – Documento 16 (L1-TF)

|                   |                           |
|-------------------|---------------------------|
| <b>Documento</b>  | Termo de fechamento L1-TF |
| <b>Data</b>       | 02 de Janeiro de 1799     |
| <b>Local</b>      | Rio Pardo                 |
| <b>Escravo</b>    | -                         |
| <b>Assinatura</b> | Duarte Mendes dos Santos  |

Fonte: A autora, a partir de L1-TF.

Tem este Livro cento, e noventa, e tres folhas com esta, que todas vão numeradas, rubricadas com aminha rubrica, deque uzo que dis=Mendes=[†.]em v[†...] (rubrica), que duvida faça. E para Pardo, digo para nelle selancarem os Contar fis esta declaração. Rio Pardo o 2<sup>o</sup> de Janeiro de 1799

Duarte Mendes de S. Paio

Quadro 27 – Documento 17 (L2-TA)

(continua)

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>Documento</b> | Termo de abertura L2-TA                     |
| <b>Data</b>      | 22 de setembro de 1842                      |
| <b>Local</b>     | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>   | -   |

(conclusão)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Assinatura</b> | Ignácio Francisco Xavier dos Santos / Vigário da Vara |
|-------------------|---|

Fonte: A autora, a partir de L2-TA.

Este livro hade servir p<sup>a</sup> nelle selançarem os  
 Assentos dos Baptizados dos Escravos desta Freg<sup>a</sup>  
 de Nossa (Senh<sup>a</sup>) da Com<sup>[†...]</sup> da Caxoeira e vai nomerade  
 e rubricado da folha seguinte com a minha costu=  
 5 mada rubrica de q<sup>e</sup> uso q<sup>e</sup> dis (p) Santos [†.....]  
 l[†....] [†...] i[†.....] de q<sup>e</sup> para constar faço esta de=  
 Claração. Caxoeira 22 d [†...] de 1842  
 Ignacio Fran<sup>o</sup> Xa<sup>er</sup> dos Santos  
 10 Vigr<sup>o</sup> da Vara

Quadro 28 – Documento 18 (L2-01)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo – L2-01                      |
| <b>Data</b>       | 23 de outubro de 1842                       |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Malachias                                   |
| <b>Assinatura</b> | Pároco Antonio Homem d' Oliveira            |

Fonte: A autora, a partir de L2-01.

Malachias Aos Vinte e tres dias do mês de Outubro do anno  
 mil Oito centos e quarenta e dois nesta Fregue=  
 zia de Nossa Senora da Conceição da  
 Cachoeira baptizei e pus os Santos Olios  
 5 ao Innocente Malachias nascido a doze  
 de Novembro do anno mil oito centos e qua=  
 renta filho Natural de Balbina Criola  
 e Escrava de Dona Maria Joaquina de

Carvalho e de Pai incognito forão Padri=  
 10 nhos Carlos Escravo de Jozé Marcelino  
 de Carvalho e Roza Criola e Liberta de  
 que para constar mandei fazer este assen=  
 to que assigneij  
 OParo cho Antonio Homem de Oliv<sup>a</sup>

Quadro 29 – Documento 19 (L2-02)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L2-02                        |
| <b>Data</b>       | 21 de maio de 1843                          |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Geraldo                                     |
| <b>Assinatura</b> | Paroco Antonio Homem de Oliveira            |

Fonte: A autora, a partir de L2-02.

Geraldo Aos vinte e hum dia do mês de Maio do anno mil  
 Oito centos e quarenta e tres nesta Freguezia de  
 Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira  
 baptizei e pus os Santos Olios ao Inocento  
 5 Geraldo nascido a doze de Janeiro domesmo an=  
 no filho Legitimo de Fortunatoe de Maria am=  
 bus Criolos e Escravos de Simfronio Vieira  
 dos Santos forão Padrinhos Manoel Pardo e  
 Escravo de Maria de Chau[†.] ePascoa Guraniij  
 10 de que para constar mandei fazer este assento que  
 assigneij

OParocho Antonio Homem de Oliv<sup>a</sup>

Quadro 30 – Documento 20 (L2-03)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L2-03                        |
| <b>Data</b>       | 21 de maio de 1843                          |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Paulina                                     |
| <b>Assinatura</b> | Pároco Antonio Homem d' Oliveira            |

Fonte: A autora, a partir de L2-03.

Paulina      Aos vinte e hum de maio do anno mil  
                   Oito Centos e quarenta e tres nesta Freguezia da  
                   Conceição da Cachoeira baptizei e pus os San=  
                   tos Olios ao Innocente Paulino nascido a  
                   5      Vinte e quatro de Dezembro do anno mil Oito  
                   centos e quarenta e dois filho Natural de Flo=  
                   rinda Escrava de Maria Francisca da Concei=  
                   ção e de Pai incógnito foram Padrinhos Fi=  
                   deles Ramos da Silva e V[†.....] Parda de  
                   10      que para constar mandei fazer este assento  
                   que assigneij

OParocho Antonio Homem d' Oliv<sup>a</sup>

Quadro 31 – Documento 21 (L2-04)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L2-04                        |
| <b>Data</b>       | 21 de dezembro de 1844                      |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Thereza                                     |
| <b>Assinatura</b> | Vigário Antonio Homem d' Oliveira           |

Fonte: A autora, a partir de L2-04.



## OParocho Antonio Homem d' Oliveira

Quadro 33 – Documento 23 (L3-TA)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Termo de abertura do – L3-TA            |
| <b>Data</b>       | 20 de maio de 1833                      |
| <b>Local</b>      | Cachoeira do Sul                        |
| <b>Escravo</b>    | -                                       |
| <b>Assinatura</b> | Jose Teixeira da Cunha Lousada Sobrinho |

Fonte: A autora, a partir de L3-TA.

Este Livro hade servir para n'elle se fazer os assentos de baptismo das pessoas captivas d' esta Matriz de N S. da Conceição da Cachoeira Vai numerada e rubricada desde esta Folha ate a ultima com minha costumada rubrica q<sup>e</sup> diz=Teix<sup>a</sup> Sob<sup>o</sup> = e no fim leva seo encerramento, de que para constar faço esta declaração. Cachoeira 20 de Maio de 1833

O Vig<sup>o</sup> Jose Teixeira da Cunha Louzada Sob<sup>o</sup>

Quadro 34 – Documento 24 (L3-01)

|                           |   |
|---------------------------|---|
| <b>Documento</b>          | Ata de batismo L3-01                    |
| <b>Data</b>               | 22 de maio de 1853                      |
| <b>Local<sup>10</sup></b> | -                                       |
| <b>Escravo</b>            | Boaventura                              |
| <b>Assinatura</b>         | Jose Teixeira da Cunha Lousada Sobrinho |

Fonte: A autora, a partir de L3-01

Boaventura<sup>11</sup> Aos vinte e dous dias do me de Maio de mil oito centos

<sup>10</sup> No L3-01 não foi informado o local.

<sup>11</sup> O nome do escravo "Boaventura" aparece no fac-símile escrito na vertical.

e cinquenta e tres, baptizei Solenimente e puz os (ss) Oleos ao inocente Boaventura nacido a quatorze de Fevereiro do (mesmo) anno filho natural de Maria escrava de Joaquina Maria

5 de Jesus: forão padrinhos Adão preto escravo de D. Inocencia Coelho Leal, e Maria escrava Roque Franco de [†.....] e para Constar mandei fazer este termo que assigno.

O Vig<sup>o</sup> J<sup>e</sup> Teix<sup>a</sup> da C<sup>a</sup> Louz<sup>a</sup> Sob<sup>o</sup>

Quadro 35 – Documento 25 (L3-02)

|                            |                                      |
|----------------------------|--------------------------------------|
| <b>Documento</b>           | Ata de batismo L3-02                 |
| <b>Data</b>                | 29 de julho de 1853                  |
| <b>Local</b> <sup>12</sup> | -                                    |
| <b>Escravo</b>             | Ritta                                |
| <b>Assinatura</b>          | O Coadjutor Antono Homem de Oliveira |

Fonte: A autora, a partir de L3-02.

Aos vinte e nove dias do mês de Julho do anno de mil e oitocentos e cinquenta e tres, em virtude da petição do [†....] Tristão da Cunha e Souza Disparo da Vara (Vigário da Vara) o Senr<sup>~</sup> Jose Teix<sup>a</sup> da Cunha Lousada Sobrinho abri o assento do Theôr se

5 guinte Aos quatro dias do mês de Fever<sup>o</sup> de mil oitocentos. Baptizou Solenemente e pôs os (SS) a Ritta de nação nagô<sup>13</sup> pertencente a D. Ermelinda Idalina da Cunha filha do m<sup>mo</sup> Senr<sup>~</sup> Tristão da C<sup>a</sup> e (Sz<sup>a</sup>) e D. Anna Anna da da Cunha e Silva. Por dadiva que lhe fês o dito seu pai no

10 ella e por esta declaração ser a própria verdade seja por elle assignado e para Constar mandei fazer este termo que assigna

<sup>12</sup> No L3-02 não foi informado o local.

<sup>13</sup> Uma das modalidades do Batuque (Arquivo Municipal de Cachoeira).

mos.

Tristão da Cunha de Souza

O Coadjutor Antono Homem de Oliveira

Quadro 36 – Documento 26 (L3-03)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L3-03                        |
| <b>Data</b>       | 06 de fevereiro de 1854                     |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Adam  |
| <b>Assinatura</b> | Jose Teixeira da Cunha Lousada Sobrinho     |

Fonte: A autora, a partir de L3-03.

Adam           Aos seis dias dos mes de fevereiro do anno mil  
oito centos e cincoenta e quatro nesta Fregue  
zia de Nossa Senhora da Conceição da Ca  
choeira baptizei e pus os Santos Oleos a o in  
5           nocente Adam, nascido a trinta de Agosto  
do anno de mil oito centos e cincoenta e hum,  
filha de Emilia de nasção escrava de  
Antonio Rodrigues Pontes; forao padri  
nhos Ignacio Felix Correa, e Guiomar Nu  
10           nes da Costa, do que para constar mandei  
fazer este assento que assigneij  
O Vig<sup>o</sup> J<sup>e</sup> Teixeira da C<sup>a</sup> L Sob<sup>o</sup>

Quadro 37 – Documento 27 (L3-04)

(continua)

|                  |                         |
|------------------|-------------------------|
| <b>Documento</b> | Ata de batismo L3-04    |
| <b>Data</b>      | 07 de fevereiro de 1854 |

(conclusão)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Maria                                       |
| <b>Assinatura</b> | Jose Teixeira da Cunha Lousada Sobrinho     |

Fonte: A autora, a partir de L3-04.

Maria           Aos sete dias do mês de Fevereiro do anno mil oito  
Centos e cincoenta e quatro nesta Freguezia  
de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira  
baptizei; e pus os Santos Oleos a inocente Ma  
5           ria, nascida a cinco de Agosto do anno mil  
oito centos , e cincoenta e hum filha de Feli  
cianna escrava digo filha de Felicidade es  
crava de Filicianno da Costa Leite; forão Pa  
drinhos Aram Nunes da Costa, e Veronica  
10           Nunes da Costa e para constar mandei  
fazer este assento que assigneij

O Vig J<sup>e</sup> Teix<sup>a</sup> da C<sup>a</sup> Louz<sup>a</sup> Sob<sup>o</sup>

Quadro 38 – Documento 28 (L3-05)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L3-05                        |
| <b>Data</b>       | 05 de novembro 1854                         |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Francisca                                   |
| <b>Assinatura</b> | Marcelino Lopes Falcão                      |

Fonte: A autora, a partir de L3-05.

A cinco de Novembro de mil oito centos sincoenta e quatro  
nesta Matriz da Freguezia da Conceição da Cachoeira Bispa Francisca  
pado de Rio Grande baptizei solenemente a Francisca, cri       Escrava  
oula, nascida a (doze) de Septiembre do mesmo anno filha de Ma-

- 5 ria, escravas do Major João Thomaz de Menezes (F) forão pa-  
drinhos João Antonio de Nepomuceno, e sua mulher Maria  
Joaquina de Nascimento do q para constar fiz este assento,  
q assignei

OPar.<sup>co</sup> Intr.<sup>no</sup> Marcellino Lopes Falcão

Quadro 39 – Documento 29 (L3-06)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L3-06                        |
| <b>Data</b>       | 10 de março de 1855                         |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Neves                                       |
| <b>Assinatura</b> | Marcelino Lopes Falcão                      |

Fonte: A autora, a partir de L3-06.

- Aos onze de Março demiloito centos cincoenta e cinco nesta Ma-  
triz da Parochia da Conceição da Cachoeira, Bispado do Riogrande,  
baptizei solenemente a Neves, q naceo a dez de Abril de mil oito Neves  
Centos cincoentae quatro, escrava de Maria A[†.....] da Mota e Sil  
5 va e filha de Marianna escrava de Maria Fermino Maria Martins: São  
Padrinhos Jose Maria Borges do Ganto, e Maria Delfina Mar-  
ques: do que para constar fis este assento, q assignei.  
ra Prestes de que para constar mandei fazer este a  
sento que assignej =

10

OPar.<sup>co</sup> Intr.<sup>no</sup> Marcellino Lopes Falcão

Quadro 40 – Documento 30 (L3-07)

(continua)

|                  |                      |
|------------------|----------------------|
| <b>Documento</b> | Ata de batismo L3-07 |
| <b>Data</b>      | 15 de agosto de 1855 |

(conclusão)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Mafalda                                     |
| <b>Assinatura</b> | Jose Teixeira da Cunha Lousada Sobrinho     |

Fonte: A autora, a partir de L3-07.

Mafalda= Aos quinze dias domes de Agosto do anno mil oito centos e cinco enta, e cinco nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, na Igreja Matres baptizei, e pus os Santos Oleos a inocente Mafalda nascida a dois de Maio deste anno, filha natural da preta Ritta escrava de Joao Jose Rodrigues; forao o' Padrinhos Constantino escravo de Felicianna (Pereira) [†...] [†...], a Maria escrava de D. Domasia Joaquina. deque mandei fazer este assento que assigneij

5

10 O Vig<sup>rio</sup> Jose Teixei<sup>ra</sup> da C<sup>a</sup> L [†...]

Quadro 41 – Documento 31 (L3-08)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Ata de batismo L3-08                        |
| <b>Data</b>       | 08 de julho de 1858                         |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Matinianno                                  |
| <b>Assinatura</b> | Jose Teixeira da Cunha Lousada Sobrinho     |

Fonte: A autora, a partir de L3-08.

Aos oito dias do mes de Julho do anno mil oito centos, e Martinian  
cincoenta e oito nesta Freguesia da Cachoeira baptizei, no  
e pus os Santos Oleos ao inocente Martinianno nasci  
do a quinze de Outubro do anno passado filho natural  
5 de Anna escrava de J(ose) Coelho Torres. forao padrinhos  
Rita preta forra, e C[†.....] escravo de (Jose) Felicianno

Fortes, e para constar mandei fazer este assento que as  
signeij

O Vig<sup>rio</sup> Jose Teixei<sup>ra</sup> da C<sup>a</sup> Louza<sup>a</sup> S.

Quadro 42 – Documento 32 (L3-TF)

|                   |                                |
|-------------------|--------------------------------|
| <b>Documento</b>  | Termo de fechamento L3-TF      |
| <b>Data</b>       | 20 de maio de 1953             |
| <b>Local</b>      | Cachoeira do Sul               |
| <b>Escravo</b>    | -                              |
| <b>Assinatura</b> | Jose Teixeira da Cunha Lousada |

Fonte: A autora, a partir de L3-TF.

Tem este Livro cento e cinquenta e duas  
folhas com estas e em todas leva a minha  
costumada rubrica de que uso (Teixeira) para  
constar faço esta declaração. Cachoeira

5 20 de Maio de 1853

O Vig<sup>o</sup> Jose Teixeira da C<sup>a</sup> Louz<sup>a</sup> Sob<sup>o</sup>

Quadro 43 – Documento 33 (L4-TA)

|                   |                          |
|-------------------|--------------------------|
| <b>Documento</b>  | Atestado de óbito L4-TA  |
| <b>Data</b>       | 17 de novembro de 1874   |
| <b>Local</b>      | Porto Alegre             |
| <b>Escravo</b>    | -                        |
| <b>Assinatura</b> | José de Miranda e Castro |

Fonte: A autora, a partir de L4-TA.

Este livro hade servir para assentamento dos  
obitos dos filhos da mulher escrava, ou naci-

- dos desde a data da Lei nº 2040 de 28 de Setem\_
- bro do corrente anno. Em virtude da autoriza\_
- 5 ção que me foi concedida por Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Conse
- lheiro Presidente da Provincia em portarias
- d'esta data, vai por mim numerado e rubricado,
- com o appellido Miranda de que uso tendo
- no fim o termo de encerramento.
- 10 Secretaria do Governo em Porto Alegre, 17 de No-
- vembro de 1874. O official (maior)
- José de Miranda e Castro

Quadro 44 – Documento 34 (L4-01)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Atestado de óbito L4-01                     |
| <b>Data</b>       | 22 outubro de 1874                          |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Cicilia                                     |
| <b>Assinatura</b> | Marcolino Maria Da Maia Firme               |

Fonte: A autora, a partir de L4-01.

- Aos vinte e dous de Outubro de Mil oito cen=
- tos setenta e quatro, nesta Parochia de N. S.
- da Conceição da Cachoeira, falleceu a menor
- Cicilia
- 5 Cicilia, de côr preta, filha de Mariana, es=
- crava do Barão de Viamão, a criança ti=
- nha dez meses; e depois de encommendada
- foi sepultada no Cemiterio desta Cidade.
- E para constar mandei fazer este assento,
- que assignei.
- 10 Vig Dr. Marcolino M Da Maia Firme

Quadro 45 – Documento 35 (L4-02)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Atestado de óbito L4-02                     |
| <b>Data</b>       | 21 de setembro de 1875                      |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Camilla                                     |
| <b>Assinatura</b> | Marcolino Maria Da Maia Firme               |

Fonte: A autora, a partir de L4-02.

Aos vinte e um de Setembro de mil oito centos setenta e cinco, nesta Parochia de N. S. da Conceição da Cachoeira, falleceu a menor Camilla. Camilla. la, com nove meses de idade, filha natural da preta Domingas, escrava de João Alves d'Almeida, sem assistência Medica; e depois de encomendada, foi sepultada no Cemiterio desta Cidade. E para constar mandei fazer este assento, que assignei.

5

10 Vig Dr. Marcolino M Da Maia Firme

Quadro 46 – Documento 36 (L4-03)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Atestado de óbito L4-03                     |
| <b>Data</b>       | 01 de abril de 1876                         |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Virgilina                                   |
| <b>Assinatura</b> | Marcolino Maria Da Maia Firme               |

Fonte: A autora, a partir de L4-03.

No primeiro de Abril de mil oito centos setenta seis nesta Parochia de N. S. da Conceição da Cachoeira,

Virgilina      falleceu Virgilina, parda com seis mezes e meio  
de idade filha natural daparda Maria esca=  
5      va de Joaquim Bernardes [†.....], sem assistencia  
Medica; efoi sepultado no Cemiterio desta  
Cidade. Epara constarmandei fazer este  
assento que assignei.  
Vig Dr. Marcolino M Da Maia Firme

Quadro 47 – Documento 37 (L4-04)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Atestado de óbito L4-04                     |
| <b>Data</b>       | 08 de Fevereiro de 1878                     |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Maria                                       |
| <b>Assinatura</b> | Marcolino Maria Da Maia Firme               |

Fonte: A autora, a partir de L4-04.

Aos oito dias do mez de Fevereiro de mil oito centos  
Setenta e oito nesta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição  
Maria      da Cachoeira falleceu a recém nascida Maria filha  
de Isabel, escrava de Gaspar de Freitas; e depois  
5      de ser incommendada foi sepultada no Cemiterio desta  
Cidade. Epara constar mandei fazer este termo que  
Assignei. Vig Dr. Marcolino M Da Maia Firme

Quadro 48 – Documento 38 (L4-05)

(continua)

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>Documento</b> | Atestado de óbito L4-05                     |
| <b>Data</b>      | 02 de junho de 1879                         |
| <b>Local</b>     | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |

(conclusão)

|                   |                               |
|-------------------|-------------------------------|
| <b>Escravo</b>    | Manoel                        |
| <b>Assinatura</b> | Marcolino Maria Da Maia Firme |

Fonte: A autora, a partir de L4-05.

Aos dois de junho de mil oitocentos setenta e nove nesta Parochia de N.S. da Conceição Manoel da Cachoeira, falleceu Manoel preto com nove anno de idade, filho digo escravo 5 de [†...] Egid(o) Fran[†....] dos Chagas, senassis= tencia medica, e foi sepultado no Cemiterio desta Cidade, e para constar mandei fazer este termo que assignei  
Vig Dr. Marcolino M Da Maia Firme

Quadro 49 – Documento 39 (L4-06)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Atestado de óbito L4-06                     |
| <b>Data</b>       | 15 de setembro de 1880                      |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Arthur                                      |
| <b>Assinatura</b> | Marcolino Maria Da Maia Firme               |

Fonte: A autora, a partir de L4-06.

Aos quinze de Setembro de mil oitocentos e oitenta e oito nesta Parochia de N. S. da Cachoeira, falleceu Arthur, côr Arthur parda com dezenove mezes filho da parda C[†.....] 5 escrava de Ismael Alves d' Almeida, e foi sepulta= do no cimiterio desta cidade e para contar mandei fazer este assento que assignei.  
Vig Dr. Marcolino M Da Maia Firme

Quadro 50 – Documento 40 (L4-07)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Atestado de óbito L4-07                     |
| <b>Data</b>       | 21 de julho de 1882                         |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Delfina                                     |
| <b>Assinatura</b> | Marcolino Maria Da Maia Firme               |

Fonte: A autora, a partir de L4-07.

Aos vinte e um de Julho de miloito centos e oiten  
ta e dois nesta Parochia de Nossa Senhora  
Delfina da Conceição da Cachoeira, Falleceu Delfina  
Com trez annos de idade, filha de Catharina  
5 escrava de João Propicio da (Fontoura), efoi  
Sepultado no cimeterio desta cidade. E  
para constar mandei fazer este assento  
que assignei.  
Vig Dr. Marcolino M Da Maia Firme

Quadro 51 – Documento 41 (L4-08)

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Documento</b>  | Atestado de óbito L4-08                     |
| <b>Data</b>       | 21 de fevereiro de 1884                     |
| <b>Local</b>      | Nossa Senhora da Conceição/Cachoeira do Sul |
| <b>Escravo</b>    | Maria                                       |
| <b>Assinatura</b> | Marcolino Maria Da Maia Firme               |

Fonte: A autora, a partir de L4-08.

Aos vinte um de Fevereiro de mil oito cento oitenta e quatro  
nesta Matriz de N. S. da Conceição da Cachoeira, Falleseo  
Maria Maria, nascida a trinta d' Ag<sup>to</sup>. [†....] filha da preta Maria

- do Carmo, escrava de Hipolito (M)onteiro, efoi sepultada
- 5 no cimiterio desta cidade. Epara constar mandei fazer este que assignei.
- Vig Dr. Marcolino M Da Maia Firme

Quadro 52 – Documento 42 (L4-TF)

|                   |                           |
|-------------------|---------------------------|
| <b>Documento</b>  | Termo de fechamento L4-TF |
| <b>Data</b>       | 17 de novembro de 1871    |
| <b>Local</b>      | Porto Alegre              |
| <b>Escravo</b>    | -                         |
| <b>Assinatura</b> | José de Miranda e Castro  |

Fonte: A autora, a partir de L4-TF.

- Tem este livro cento e cincoenta
- Folhas que vão por mim nume
- Maria radas e rubricadas. Secretaria
- do Governo em Porto Alegre, 17 de
- 5 Novembro de 1871
- O official (maior)
- José de Miranda e Castro

### 3.2 DESCRIÇÃO DOS LIVROS

Segundo Cambraia (2005), o estudo da técnica do livro manuscrito deve-se à Codicologia, sendo esta de grande importância para o crítico textual, pois ajuda a compreender os vários aspectos relacionados à confecção primitiva do códice (livro) e também entender o motivo pelo qual “os textos se modificam no processo de sua transmissão”.

Lemaire (1989, p. 2) apresenta um conceito sobre a Codicologia, expondo que

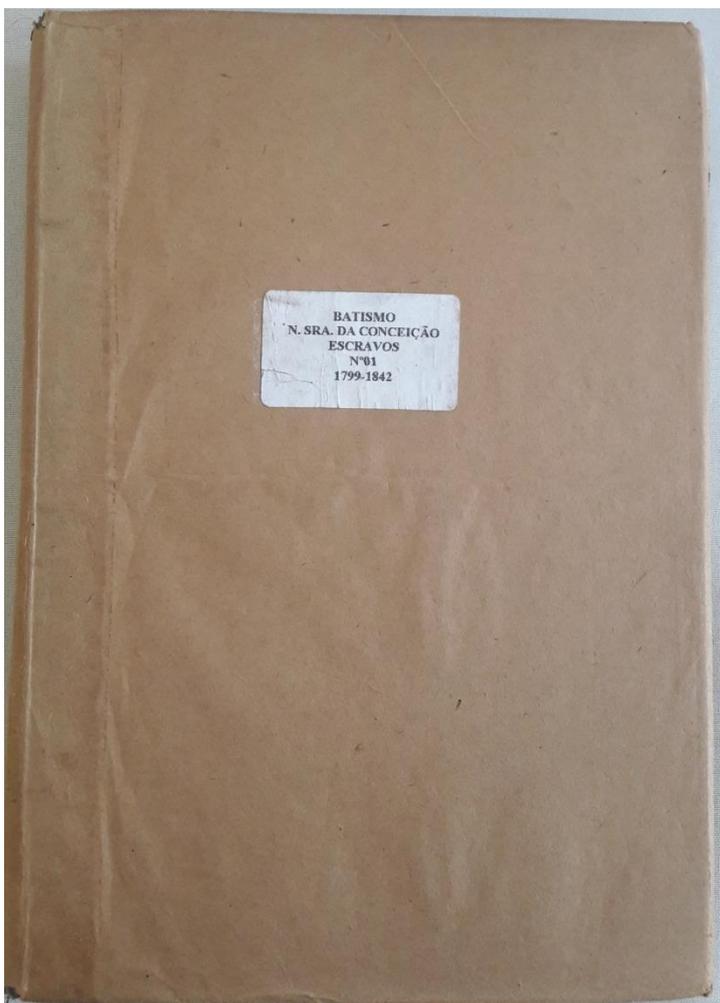
Sem dúvida, o objetivo fundamental do ato de ler permanece o conhecimento do pensamento de um autor, ou nossa relação de simpatia com o mesmo. Todavia, a perfeita avaliação da mensagem de um escritor, conhecido ou anônimo, não pode se operar sem um olhar para o envelope exterior do objeto que, em todos os tempos, transmitiu a mensagem. Este objeto material, que se chama nos nossos dias livro, que levava nos primórdios o nome de codex, constitui a matéria fundamental da codicologia. Ciência nova, o estudo codicológico pretende propor uma arqueologia do livro, principalmente do livro manuscrito. Seu ar de pesquisa ultrapassa, entretanto, o campo do saber arqueológico, no sentido estrito desse adjetivo, para se dedicar a diversos aspectos do conhecimento histórico: história individual de um escrito considerado em sua unicidade, história da transmissão dos textos, história dos produtores de textos, história dos fundos, das bibliotecas, das coleções ou dos colecionadores.

Os conhecimentos codicológicos possibilitam um conhecimento mais aprofundado do processo de transmissão dos textos e também são utilizados na descrição do código mais pragmaticamente.

Certamente, os livros utilizados para a presente pesquisa fazem parte da história escravagista de Cachoeira do Sul e são essenciais para que possamos entender melhor os fatos acontecidos na época em questão. Cada material estudado apresenta uma peculiaridade, desde o papel utilizado até a escrita.

O primeiro livro de batismos de escravos de Cachoeira, intitulado “Batismo N. Sra. da Conceição Escravos nº 1, 1799-1842”, não apresenta a capa original, pois ele foi encapado novamente pela secretária da Mitra Diocesana, por esse motivo trata-se uma capa mais recente, com um papel pardo e, no centro da primeira capa (parte da frente do livro), há uma espécie de adesivo branco para identificar o código com letras digitadas em computador e posteriormente impressas.

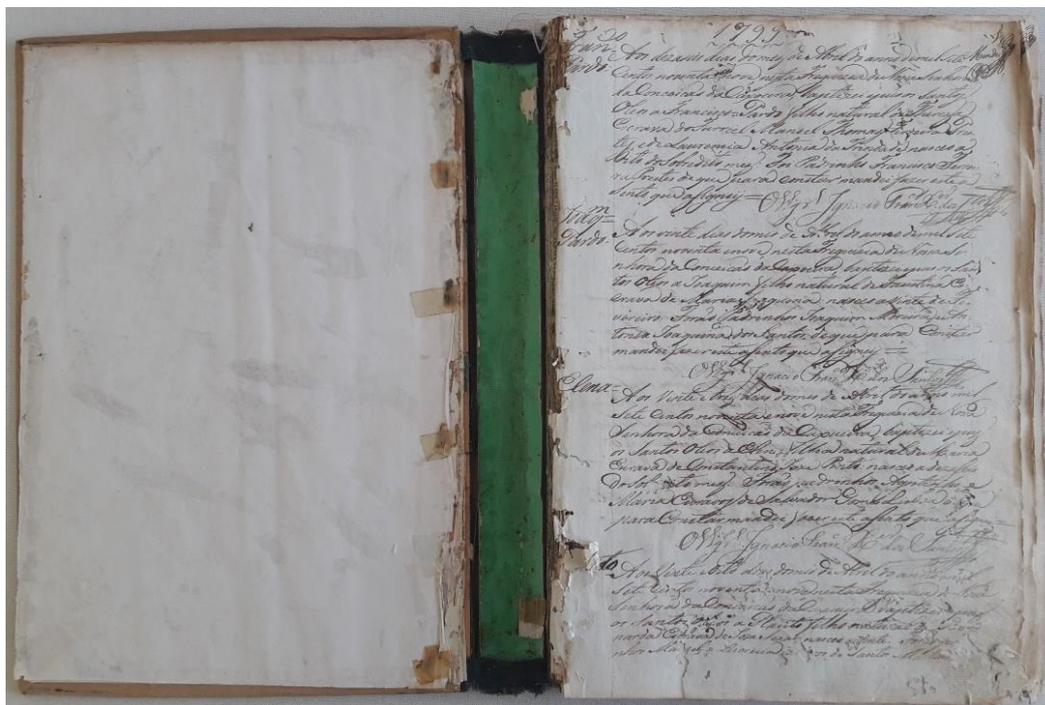
Fotografia 7 – Capa: Batismo N. Sra. da Conceição Escravos nº 1, 1799-1842



Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

Com 193 folhas, o livro é escrito até a última página, com a maioria das folhas corroídas pelo tempo. Percebe-se que, no miolo, há a cor da verdadeira capa, verde e preta.

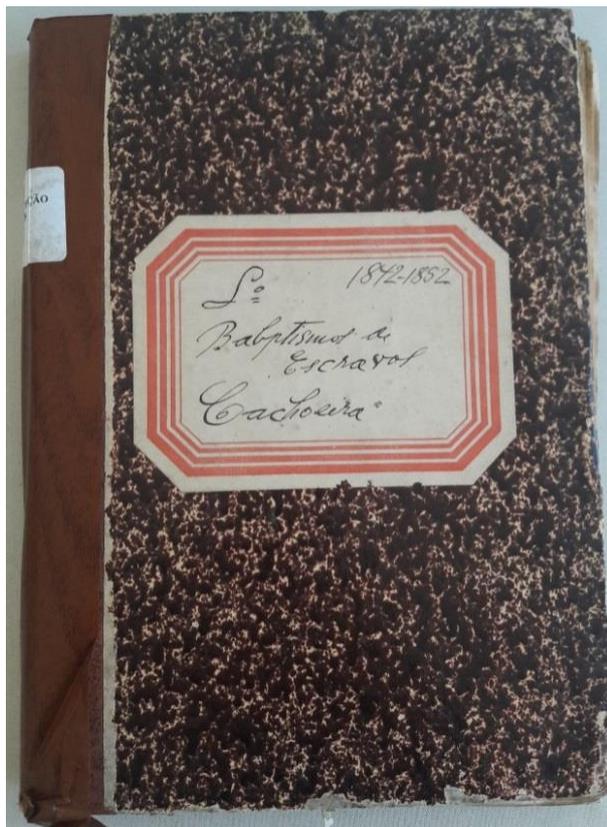
Fotografia 8 – Parte interna: Batismo N. Sra. da Conceição Escravos nº 1, 1799-1842



Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

Com 115 páginas, o segundo livro de batismo nomeado “Lº Baptismos de Escravos Cachoeira 1842-1852” possui sua capa original, na cor marrom e material resistente.

Fotografia 9 – Capa: L<sup>o</sup> Baptismos de Escravos Cachoeira 1842-1852



Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

A etiqueta de identificação, visualizada na fotografia 9, com uma escrita rebuscada diferentemente do Livro 1, ocupa boa parte da capa. Observa-se que, apenas em uma parte do livro (lombada), houve a interferência de uma semi-encadernação com papel *contact* na cor também marrom. Na parte interna (miolo), com manchas e folhas corroídas, verifica-se o endereço do lugar em que foi comprado, “Rua dos Andradas, nº 497 e 501, Porto Alegre”, e também a correção da data 1842-1853, diversa daquela presente na capa, como pode-se observar na Fotografia 10.

Fotografia 10 – Parte interna: L<sup>o</sup> Baptismos de Escravos Cachoeira 1842-1852



Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

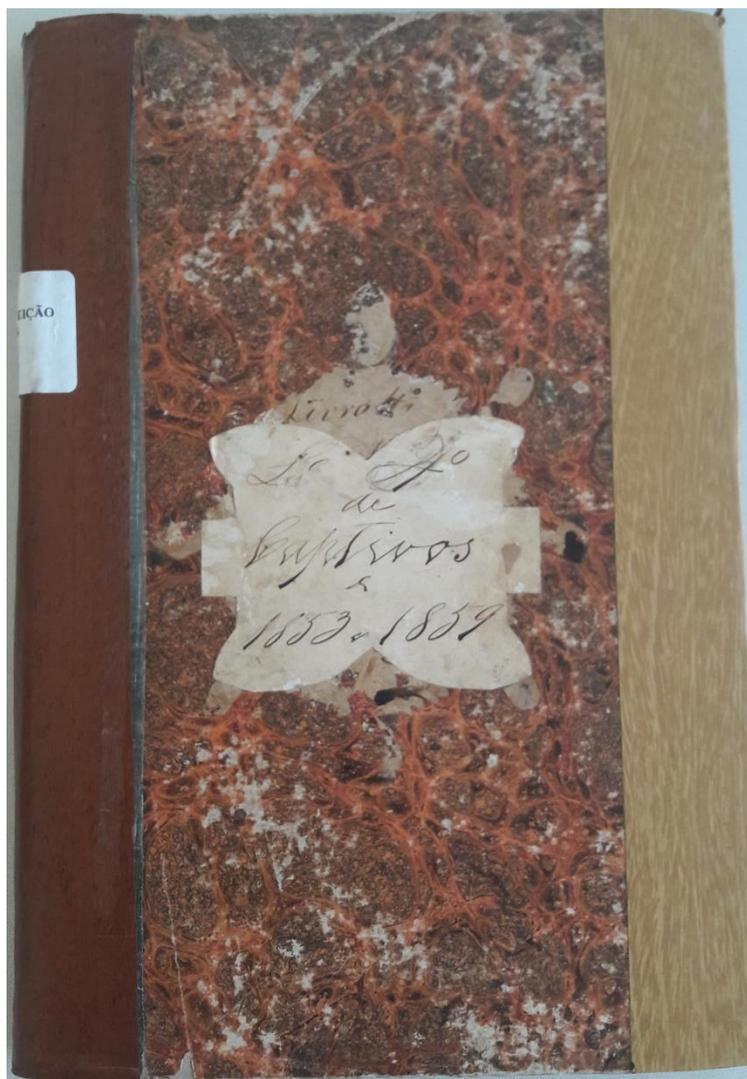
Observa-se também que nesse livro há uma etiqueta, colocada na lombada pela Mitra Diocesana que serve para a organização no acervo e localização na estante, conforme a Fotografia 11.

Fotografia 11 – Lombada: Lº Baptismos de Escravos Cachoeira 1842-1852



Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

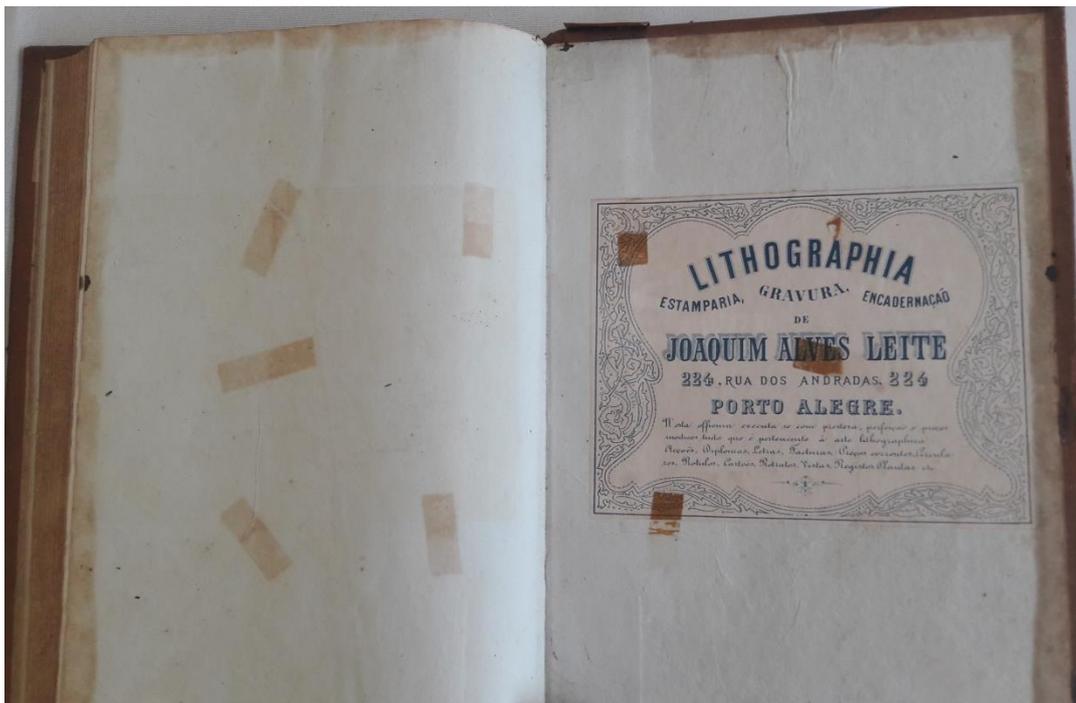
Assim como o Livro 2, o Livro 3 exibe capa original com etiqueta grande de identificação “Lº 3 de Baptismos 1853-1859”, mas com recortes decorativos. A cor predominante da capa é marrom com detalhes em laranja, material com firmeza e solidez, apresentando na lombada uma semi-encadernação para facilitar o manuseio.

Fotografia 12 – Capa: L<sup>o</sup> 3 de Baptismos 1853-1859

Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

Ao manipular o Livro 3, nota-se que das 152 páginas, apenas 43 foram utilizadas e na contracapa há uma etiqueta grande que contém o endereço de compra “Rua dos Andradas, 242, Porto Alegre” e o nome do estabelecimento, “Lithographia, Estamparia, Gravura, Encadernação de Joaquim Alves Leite”, de acordo com a Fotografia 15. Também há etiqueta de identificação na lombada, adicionada posteriormente.

Fotografia 13 – Contracapa: Lº 3 de Baptismos 1853-1859



Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

O único livro de óbitos de escravos de Cachoeira do Sul data de 1874 a 1876, pois, anteriormente, os assentamentos dos escravos eram realizados nos livros de óbitos da Catedral, juntamente com os brancos. Esse livro foi criado para o assentamento dos filhos de escravas, seguindo a Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871, a qual declara a condição livre dos filhos da mulher escrava, a partir da referida data. Ele possui a capa original, parecida com o Livro 1 e Livro 2 de batismo, mas sem semi-encadernação, com etiquetas de identificação na capa e na lombada que diz “Óbitos N. Sra da Conceição nº1 1874-1876”. Das 150 páginas, apenas 13 páginas são utilizadas para os atestados de óbitos, apresentando assim, as outras 137 páginas em branco.

Fotografia 14 – Lombada: Lº 1 de Óbitos 1874-1876



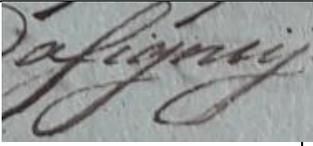
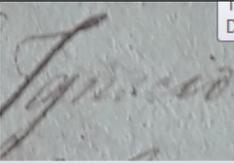
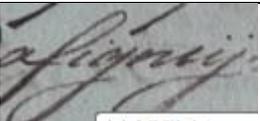
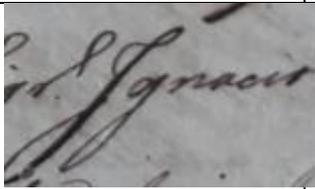
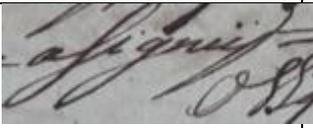
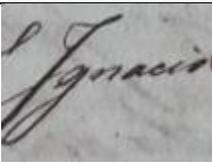
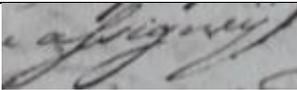
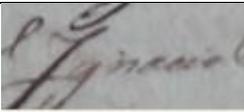
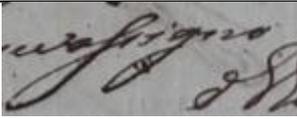
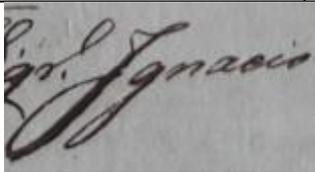
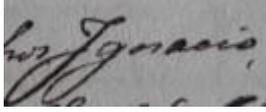
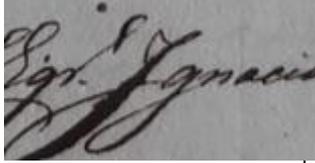
Autoria: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes. Data: 10 de abril de 2017.

Os livros pesquisados são organizados pela secretária da Mitra Diocesana e, para serem utilizados em pesquisas acadêmicas, como já mencionado no Capítulo 1, somente com a permissão do Bispo do município.

### 3.3 ANÁLISE PALEOGRÁFICA

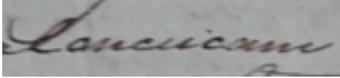
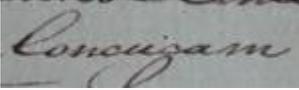
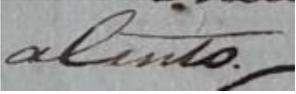
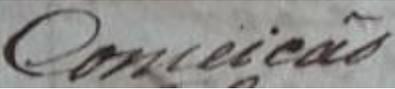
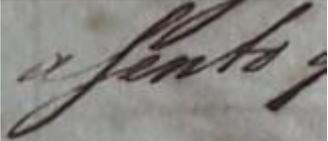
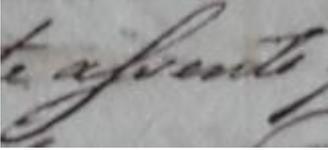
Os textos coletados do Livro 1 de Batismo de Escravos, datado de 1799 a 1842, possui registros assinados pelo Pe. Ignácio Francisco Xavier dos Santos. A partir da análise desse *corpus* (15 atas), nota-se que o padre assinou-os durante o período de 15 anos, pois o primeiro texto (L1-01) data de 1799 e o último (L1-14) em 1814. Entretanto, Ignácio não foi o escriba de todos os textos, pois, puderam-se observar diferenças em sua caligrafia, bem como a dimensão das letras, o uso desigual de tinta, os borrões e o peso, que é a relação entre traços finos e grossos.

Todavia, nos textos de L1-01 a L1-06 não há dúvidas quanto à autoria do escriba, o Pe. Ignácio. Tal comprovação se dá pelo fato, por exemplo, de o grafema “g”, em L1-01 a L1-04, na palavra “assignej”, em L1-05, na palavra “assigno” e em L1-06 no nome “Ignacio” (nome de um dos padrinhos) apresentar o mesmo formato de letra da assinatura do pároco, escrita cursiva com inclinação à direita, conforme se pode verificar a seguir:

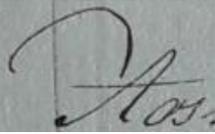
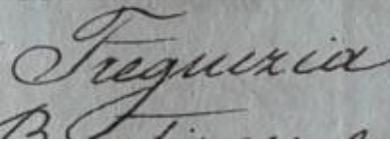
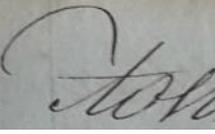
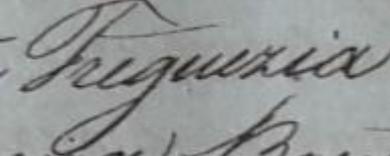
|   |       |   |          |   |         |
|---|-------|---|----------|---|---------|
| <b>E<br/>S<br/>C<br/>R<br/>E<br/>V<br/>E<br/>N<br/>T<br/>E<br/><br/>1<br/><br/>P<br/>E<br/><br/>I<br/>G<br/>N<br/>A<br/>C<br/>I<br/>O</b> | L1-01 |    | assignej |    | Ignacio |
|   | L1-02 |    | assignej |     | Ignacio |
|   | L1-03 |   | assignej |   | Ignacio |
|   | L1-04 |  | assignej |  | Ignacio |
|   | L1-05 |  | Assigno  |   | Ignacio |
|   | L1-06 |  | Ignácio  |   | Ignacio |

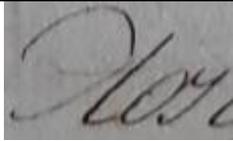
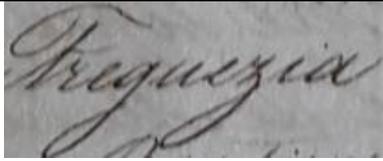
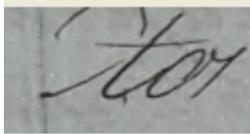
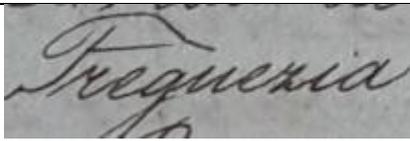
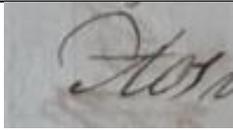
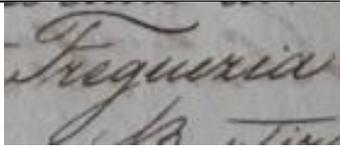
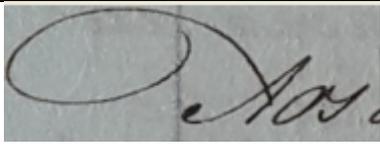
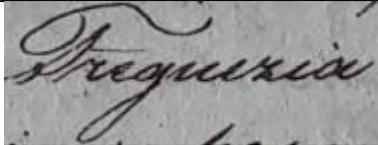
Nos textos L1-07 e L1-08, percebe-se a presença de outro escrevente, provavelmente era o coadjutor ou o segundo sacerdote da paróquia que os redigia para o pároco assinar, o qual faz o uso de grafias parecidas entre si, todavia diferentes dos textos anteriores, pois há distinção, não só no traçado da letra, mas também na própria ortografia. Em L1-07 e L1-08, por exemplo, a palavra

“Conceicam”, sem cedilha e com “am” e “acento” com “c” distinguem-se de “Conceição” e “assento” nos textos L1-03 e L1-4, conforme segue:

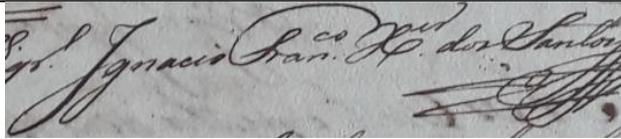
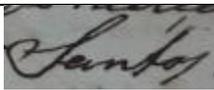
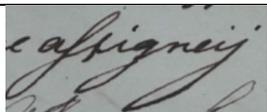
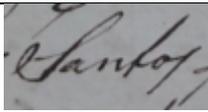
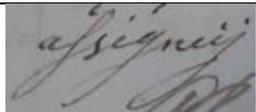
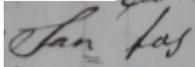
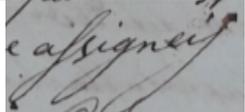
|  |       |  |   |
|--|-------|--|---|
| <b>E<br/>s<br/>c<br/>r<br/>e<br/>v<br/>e<br/>n<br/>t<br/>e<br/>2</b> | L1-07 |     |    |
|  | L1-08 |     |    |
| <b>E<br/>s<br/>c<br/>r<br/>e<br/>v<br/>e<br/>n<br/>t<br/>e<br/>1</b> | L1-03 |   |   |
|  | L1-04 |  |  |

As atas seguintes, que vão de L1-09 a L1-14, apresentam, nitidamente, um redator distinto das atas anteriores, com mãos hábeis, regularidade do padrão da escrita, com respeito à pauta e às margens e um relevante rebuscamento no traçado das letras, fato que pode ser visto na comparação das palavras “Aos” e “Freguesia”. Em L1-11 há, no entanto, diferença na grafia da letra “z” na palavra “Freguesia”.

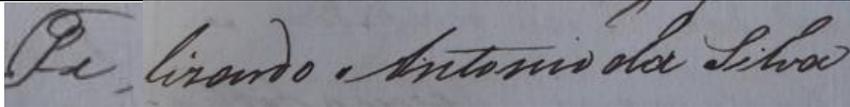
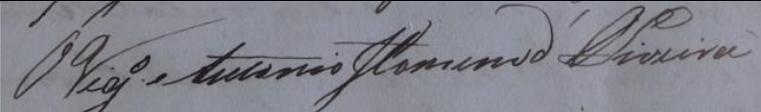
|  |       |   |  |
|--|-------|---|--|
| <b>E<br/>s<br/>c<br/>r<br/>e<br/>v<br/>e<br/>n</b> | L1-09 |  |  |
|  | L1-10 |  |  |

|             |       |   |  |
|-------------|-------|---|--|
| t<br>e<br>3 | L1-11 |  |  |
|             | L1-12 |  |  |
|             | L1-13 |  |  |
|             | L1-14 |  |  |

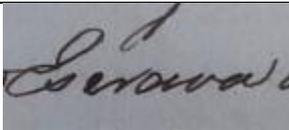
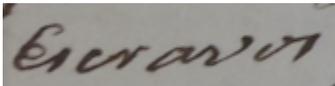
Do Livro 2 de Batismo, 1842 a 1852, foram coletadas cinco atas, mais o termo de abertura, o qual é escrito e assinado pelo padre Ignácio Francisco Xavier dos Santos. As atas são assinadas pelo Pe. Antônio Homem de Oliveira, mas percebe-se que o autor das três primeiras atas é o Pe. Ignácio Francisco Xavier dos Santos, como se pode constatar a semelhança dos grafemas “S” em “Santos” e “g”, “assignei” em relação à assinatura do vigário Ignácio:

|   |   |  |   |   |
|---|---|--|---|---|
| E<br>s<br>c<br>r<br>e<br>v<br>e<br>n<br>t<br>e<br><br>1 | P<br>e<br>I<br>g<br>n<br>a<br>c<br>i<br>o | Assinatura do pároco Ignácio, retirada do texto L2-03.                               |   |   |
|   |   |  |   |   |
|   |   | L2-1   |  |  |
|   |   | L2-2   |  |  |
|   |   | L2-3   |  |  |

A ata L2-04 foi escrita em 21 de dezembro de 1844, data posterior ao falecimento do Pe. Ignácio Francisco Xavier dos Santos (30/06/1844). Pelo formato das letras, percebe-se que o redator do referido texto é o vigário Antônio Homem de Oliveira, fato que se constata através da comparação a seguir que traz o nome de um dos padrinhos da escrava batizada (Felizardo Antonio da Silva) e a assinatura do padre (O Vigário Antonio Homem de Oliveira). Dessa forma, ao cotejar as ocorrências da palavra “Antonio” no manuscrito, atenta-se ao mesmo *ductus* que, de acordo com Cambraia (2005), é a “ordem de sucessão e sentido dos traços de uma letra”.

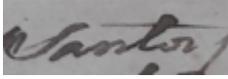
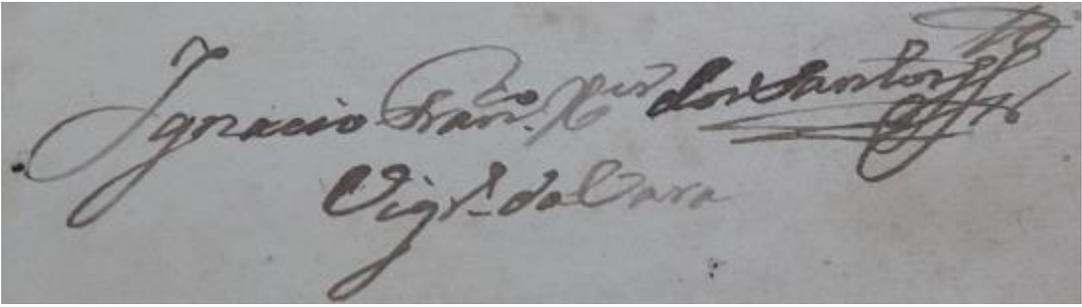
|                     |  |
|---------------------|--|
| <b>Escrevente 4</b> |  |
| <b>Pe. Antonio</b>  |  |
| L2-04               |  |
|                     |  |
|                     |  |

A última ata coletada, no Livro 2, escrita após cinco anos da ata precedente, não apresenta o mesmo traçado de letra dos textos anteriores. Dessa forma, percebe-se a mudança nítida de punho, analisando as palavras “Escrava” (L2-04) e “Escravo” (L2-05), nas quais se observam a distinção dos grafemas “E” e “v”.

|                     |       |  |
|---------------------|-------|--|
| <b>Escrevente 4</b> | L2-04 |  |
| <b>Escrevente 5</b> | L2-05 |  |

Analisando o termo de abertura do referido livro de batismo (L2-TA), nota-se um excesso de tinta em algumas letras, característica dos textos do escrevente

Ignácio Francisco Xavier dos Santos, em que o mesmo, no referido termo, especifica a sua rubrica “Santos”, como se pode observar, juntamente com a sua assinatura a seguir:

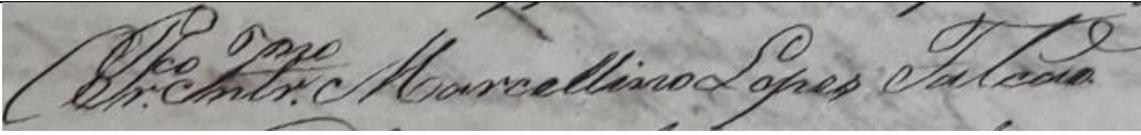
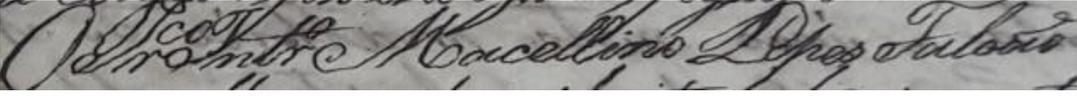
|   |  |
|---|--|
| <b>Escrevente 1</b><br><b>Pe. Ignacio</b>   |  |
| L2-TA   |  |
|  |  |

Em relação ao Livro 3 de Batismo, dos dez textos coletados, apenas em relação à dois há certeza quanto à identidade dos escreventes. As atas L3-05 e L3-06 apresentam o traçado das letras bem cuidado, com hastes e linhas inclinadas à direita, havendo poucos borrões (L3-06) e regularidade padrão da escrita. Observa-se assim que as letras com hastes superiores e inferiores com pequenos rebuscamentos, todavia, não prejudicam a leitura do manuscrito, posto que tais aspectos não avançam os limites das pautas. Contrastando com a assinatura do Pe. Marcellino Lopes Falcão, nota-se a mesma escrita no que diz respeito ao grafema “M” das palavras “Menezes”, “Maria” e a assinatura do pároco:

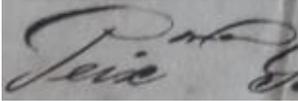
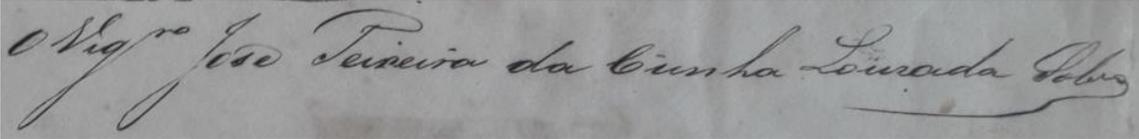
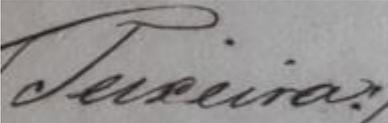
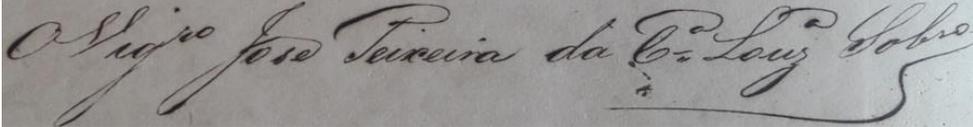
(continua)

|                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| <b>Escrevente 6 – Pe. Marcellino</b> |  |
| L3-05                                |  |

(conclusão)

|  |  |
|--|--|
|  |  |
| L3-06  |  |
|  |  |

Considerando os termos de abertura e fechamento (L3-TA e L3-TF) do mesmo livro, verifica-se uma uniformidade do traçado das letras dos textos em relação à assinatura do vigário José Teixeira da Cunha Louzada Sobrinho. Dessa forma, podemos observar a semelhança do grafema “T” e compará-lo com a assinatura do vigário e a sua rubrica “Teixeira”.

| Escrevente 7 – Pe. José  |  |
|--|--|
| L3-TA  |  |
|  |  |
| L3-TF  |  |
|  |  |

As atas L3-03, L3-04, L3-07, L3-08 são assinadas pelo vigário José Teixeira da Cunha Louzada Sobrinho, entretanto denotam uma distinção em relação à assinatura do mesmo e o traçado das letras dos Termos L3-TA e L3-TF, como por exemplo, na palavra “Cachoeira”:

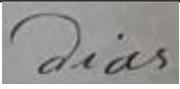
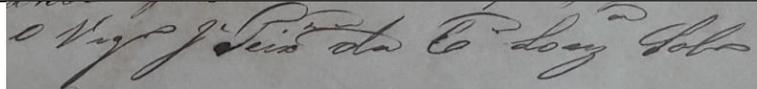
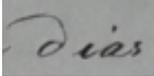
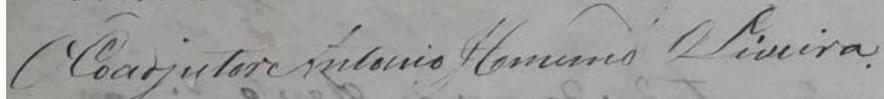
| Escrevente 8            |  |
|-------------------------|--|
| L3-03                   |  |
| L3-04                   |  |
| L3-07                   |  |
| L3-08                   |  |
| Escrevente 7 – Pe. José |  |
| L3-TA                   |  |
| L3-TF                   |  |

| Escrevente 7 – Pe. José |  |
|-------------------------|--|
| L3-03                   |  |
| L3-04                   |  |
| L3-07                   |  |
| L3-08                   |  |
| L3-TA                   |  |
| L3-TF                   |  |

A partir das análises acima, não se sabe ao certo quais textos foram escritos pelo Pe. José Teixeira da Cunha Lousada Sobrinho, pelo fato de haver diferença de

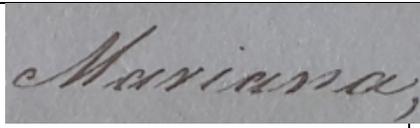
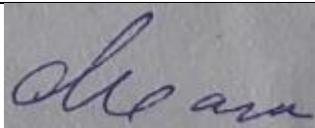
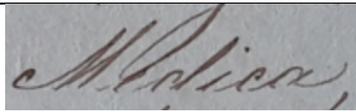
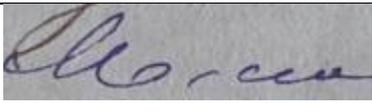
punho entre os termos (L3-TA e L3-TF) e as atas (L3-03, L3-04, L3-07, L3-08). No entanto, pode-se supor que os Termos de Abertura e Fechamento foram produzidos com mais tempo, podendo-se escrever com mais calma, demonstrando assim um traçado mais uniforme, mantendo a mesma relação entre traços finos e grossos, características que também se pode notar na assinatura. Essa escrita, segundo Berwanger & Leal (2015, p. 63) é chamada de escrita uncial, uma escrita arredondada. Já em relação às atas e sua assinatura, que apresentam um traçado sem regularidade, o que acarreta ilegibilidade, podem ser peculiaridades referentes a uma escrita mais acelerada e não laboriosa, também chamada cursiva em que “as letras começam a ligar-se umas às outras devido ao desejo de escrever mais depressa e da preguiça de levantar a mão” (BERWANGER & LEAL, 2015, p. 64).

Comparando os textos L3-01 e L3-02, nota-se a presença do mesmo escriba, pois os mesmo apresentam a mesma forma gráfica com hastes inclinadas para a esquerda em todos os grafemas “d” minúsculo, mas L3-01 é assinado pelo Vigário José Teixeira da Cunha Lousada Sobrinho e o L3-02 pelo Pe. Antonio Homem d’Oliveira. Dessa forma, a partir das análises anteriores (L3-03, L3-04, L3-07, L3-08, L3-TA e L3-TF) percebe-se não serem esses padres os redatores dos referidos textos, fato que pode ser visto ao compararmos a palavra “dias”, mesmo grafema “d” nos dois textos e a assinatura do vigário e do coadjutor.

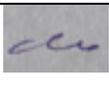
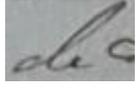
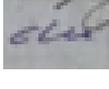
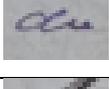
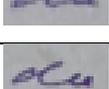
| L3-01   |  |
|---|--|
|  |  |
| L3-02   |  |
|  |  |

Do livro de óbitos dos escravos, foram coletados 10 textos, sendo oito registros de óbitos, assinados pelo Pe. Dr Marcolino Maria da Maia Firme e os termos, Abertura e Fechamento, assinados por José de Miranda e Castro, Oficial-maior. A partir do estudo realizado, constata-se que não se pode atribuir a autoria da escrita dos atestados ao Pe. Dr. Marcolino Maria da Maia Firme, pois em L4-01 e L4-

02, observa-se a distinção do grafema “M” das palavras “Mariana” e “Médica”, inseridas no corpo do texto, e, na assinatura do padre, a palavra “Maia”.

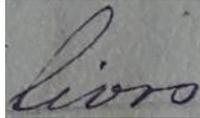
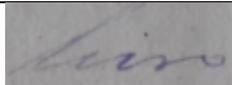
|       |   |  |
|-------|---|--|
| L4-01 |  |  |
| L4-02 |  |  |

Há regularidade no padrão da escrita em L4-01 e L4-02 e clareza nos traços da escrita cursiva, com certa inclinação à direita, sem borrões nem excesso de tinta nas hastes das letras. Também se pode notar, nitidamente, a troca de tinta do texto em relação à assinatura, o que corrobora o fato de quem escreve e quem assina serem pessoas diferentes, questão essa que também pode ser observada nos textos L4-03, L4-04, L4-05, L4-06, L4-07 e L4-08, nos quais a partir da análise do grafema “d” da palavra “de”, nota-se a distinção do mesmo na palavra “da”, a qual faz parte do sobrenome do padre.

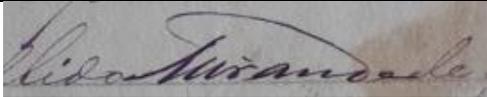
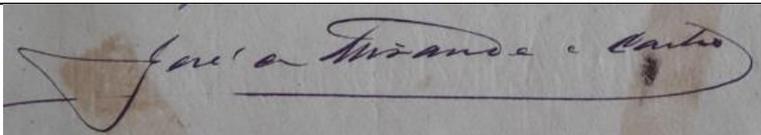
|       |   |   |
|-------|---|---|
| L1-03 |  |  |
| L1-04 |  |  |
| L1-05 |  |  |
| L1-06 |  |  |
| L1-07 |  |  |
| L1-03 |  |  |

Os Termos de Abertura, L4-TA, e Fechamento L4-TF, assinados por José de Miranda e Castro, Oficial-maior, apresentam grafias diferentes. Em L4-TA, o escrevente apresenta mãos hábeis, regularidade do padrão da escrita, com respeito à pauta e às margens, ao contrário de L4-TF, o qual não mostra um rebuscamento

no traçado das letras. Além disso, pode-se notar a alteração na cor da tinta da caneta nos referidos textos, observações que retificam a questão de quem escreve e quem assina não serem a mesma pessoa, as quais podem ser vistas na palavra “livro” retiradas dos termos.

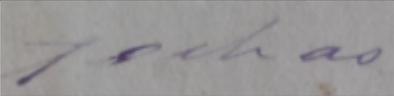
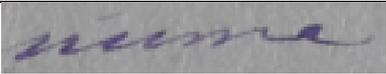
|       |   |
|-------|---|
| L4-TA |  |
| L4-TF |  |

Outra questão importante é que em L4-TA há um espaço para que Pe. José de Miranda e Castro inserisse um de seus sobrenomes “Miranda”, o qual apresenta a mesma grafia e cor da tinta utilizada na assinatura, ocorrência que confirma não ser o referido padre o redator desse texto.

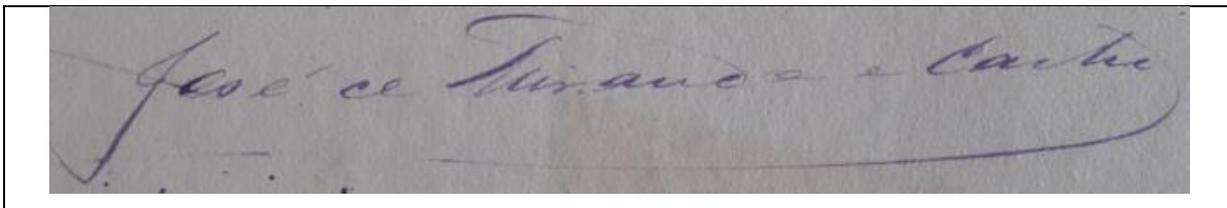
|                     |  |
|---------------------|--|
| L4-TA               |  |
| “Miranda”           |  |
| Assinatura do padre |  |

No L4-TF, pela cor da tinta da caneta e o traçado da letra ser o mesmo utilizado na assinatura, certifica-se ser o Pe. José de Miranda e Castro o redator do referido termo, o que se pode notar nos grafemas “s” da palavra “folhas” e “n”, de “numa”, cotejados com a assinatura do padre.

(continua)

|       |  |
|-------|--|
| L4-TF |  |
|       |  |
|       |  |

(conclusão)



Conforme exposto, nota-se há casos em que alguns textos analisados são escritos e assinados pela mesma pessoa e casos em que o texto é escrito por uma pessoa e assinado por outra. Além de mostrar que esses manuscritos foram feitos por diversos padres ao longo do tempo, pelo menos oito escreventes.

É interessante que “o estudioso da leitura paleográfica deve conhecer, antes de tudo, não só a língua em que o documento foi escrito como também a língua da época da inscrição” (BERWANGER & LEAL, 2005, p. 89).

### 3.4 ANÁLISE LINGUÍSTICA – VOGAIS

A partir dos aportes teóricos apresentados no Capítulo 1 referente ao sistema vocálico, nota-se que o sistema vocálico do Português Brasileiro é descrito por Câmara Jr. (2007, p. 44) como sendo composto por sete fonemas /a/ /e/ /é/ /i/ /o/ /ó/ /u/, de modo que, na posição tônica há sete vogais e nas posições de pretônica e de átona final ocorre a redução desse sistema: /é/ e /ó/ ficando apenas cinco vogais.

Todavia, é perceptível que a maior redução diz respeito à posição das vogais em sílaba átona final, ainda que as vogais /e/ e /o/ oferecem seu lugar às vogais altas /i/ e /u/, permanecendo apenas três vogais: /i/ – /a/ – /u/ (Câmara Jr., 2007, p.44).

No que diz respeito ao sistema vocálico, foram encontrados nos manuscritos alguns casos de substituições vocálicas, as quais são apresentadas no Quadro 53, juntamente com suas respectivas ocorrências.

Quadro 53 – Substituições vocálicas

(continua)

| Substituição | Ocorrências   |
|--------------|---|
| e → i        | olios (09), ligitima (1), ligítimo (1), solenimente (3), gemio (1), incommendada (1), cimeterio (2) |

(conclusão)

|       |              |
|-------|--------------|
| e → a | dezaseis (1) |
| o → u | ambus (1)    |

Fonte: Substituições vocálicas – L1 a L4.

Verifica-se que a vogal <e> é substituída por <i> em posição interna na palavra em três casos: “olios”, “solenimente”, e “gemio”. Já em sílaba inicial têm-se quatro casos: “ligitima”, “ligitimo”, “incommendada”, “cimetério”. A substituição do <e> por <a>, observa-se em apenas uma ocorrência, em posição interna, na palavra “dezasseis”. Em relação à palavra “ambus”, nota-se que a substituição acontece somente uma vez, em posição interna.

Salienta Mattos e Silva (1991, p. 59) que a variação vocálica é usual no PA, seja em sílabas iniciais em que a vogal é presa nasal ou sibilante, seja em posição pretônica interna: “essa variação deve indicar um alteamento da pretônica, fenômeno fonético assimilatório conhecido como harmonização vocálica e que já aparece fixado no século XVI”.

Quadro 54 – Verbos no passado ocorrência em <-ão>

|                       |
|-----------------------|
| Ocorrências           |
| forão (14), derão (1) |

Fonte: Verbos – ocorrência em “ão” – L1 a L4

O uso do verbo “forão” e “derão”, empregados no pretérito perfeito do indicativo, somam um total de 15 ocorrências. Sobre esses verbos, nota-se que o ditongo “ão” substitui “am”.

Teyssier (2007, p. 39) expõe que por volta de 1500 “Todas as palavras da língua que possuíam primitivamente -an (-am) e -on (-om) convergiram desta maneira para uma só terminação em -ão. É o caso das formas verbais tônicas (...) e as formas verbais átonas (...). Ainda para o autor, “o estado da língua moderna nesse ponto já estava definido por volta de 1500”. Said Ali (1964) informa ter ocorrido confusão entre as vogais finais <-õ> e <-ã>, principalmente quando não oxítonas, o que agilizou o processo de juntar <-ã> a vogal <o>, originando o ditongo <-ão>.

No tocante ao tempo verbal “forão”, percebe-se que, conforme salienta Teyssier (2007, p. 39) sobre essa questão de -an (-am) e -on (-om) juntarem-se formando o -ão, nos manuscritos é notória essa oscilação do L1 ao L3, sendo a maioria dos textos assinados pelo Pe. Inácio Francisco Xavier dos Santos.

#### Quadro 55 – Ocorrências em ditongos

| Ditongo | Ocorrências                         |
|---------|-------------------------------------|
| u → o   | nasceo (5), naceo (2), falleceo (2) |
| i → u   | Dous (2)                            |

Fonte: Ditongo – L1 a L4

As ocorrências em ditongo nas palavras “nasceo”, “naseo” , “falleceo” e “dous”, somam um total de onze. Haug (1994, p. 54) ao descrever aspectos fonéticos do português dos séculos XII a XIV relata já haver variação na grafia dos pronomes possessivos meu, teu e seu e meo, teo e seo. Verifica-se que essa mesma variação tenha atingido também as formas verbais terminadas em ditongo – eu.

### 3.5 ANÁLISE LINGUÍSTICA – CONSOANTES

Nos itens que seguem serão apresentadas as variações gráficas de seguimentos e sequências consonânticas presentes do *corpus* da pesquisa. Para efeito de análise, seguem-se quadros, mostrando a variação gráfica de acordo com a seguinte observação: Quadro 56, que conta com duas colunas, sendo que na primeira aparecem as substituições e na segunda o número de ocorrências; Quadro 57, das consoantes geminadas e suas ocorrências e, por último, o Quadro 58, onde se encontram os encontros consonantais e suas devidas ocorrências.

Quadro 56 – Variação (substituição)

| Substituição | Ocorrências                                    |
|--------------|--|
| ç → s        | Casapava (1)                                   |
| ch → x       | Caxoeira (11)                                  |
| ss → c       | Acento (5)                                     |
| c → s        | Conseição (2), sentos (1)                      |
| s → z        | uzo (2), mezes (3), mez (5), caza (1), puz (2) |
| sc → c       | Naceo (2), seicentos (1), nacido (1)           |
| z → s        | Dis (1), fis (2), des (2), fês (1)             |
| s → c        | ceis (1)                                       |

As substituições consonantais encontradas nos manuscritos podem ser relacionadas com as várias formas de apresentar graficamente *s*, *z*, *ss*, *ç*, *ch*, *sc*, *c* e *x*. Foram identificadas ao total 44 casos de substituições, sendo elas :<ç> por <s>, de <ch> por <x>, de <ss> por <c>, de <s> por <z>, de <sc> por <c>, de <z> por <s>, de <s> por <c>.

Quadro 57 – Consoantes geminadas

| Geminadas | Ocorrências  |
|-----------|--|
| nn        | anno (22), innocennte (8),   |
| ll        | nelle (4), appellido (1), Capella (1), ella (1), elle (1), falleceu/falleceo (9) |
| tt        | Oitto (4), coadjuttor (1), incognitto (1)  |
| mm        | Encommendada (1), incommendada (1)   |
| pp        | Appellido (1)  |
| ff        | Official (2)   |

Ribeiro (1899, p. 28) não evidencia quais as palavras grafadas com consoantes dobradas, mas explicita a sua ocorrência e distingue a “*lettra simples*” e “*lettra composta*”. A primeira é quando consiste em um só símbolo e a segunda é formada por um “*symbolo*” e por uma notação, ou por mais de um “*symbolo*”.

Pereira (2014, p. 83) menciona sobre a simplificação dessas consoantes

[...] Os grupos homogêneos ou geminados – bb, cc, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, rr, ss, tt, simplificam-se em regra, deixando cair o primeiro elemento, tornando-o insonoro. A conservação na escripta desse elemento insonoro obedece apenas aos preceitos da *orthographia etymologica*, p. ex.: sabbado, peccado, addição, affirmar, aggregar, collega, commodo, annexo, approvar, carro, fosse, attento.

Nos 42 textos manuscritos, contamos 58 ocorrências de consoantes geminadas. Dobram-se as consoantes <n>, <l>, <t>, <m> e <p> e, a partir disso, percebe-se que no português arcaico era bastante comum a existência de consoantes duplas ou geminadas. A partir de muitas mudanças ao longo dos séculos, a duplicação das consoantes vai se tornando algo defasado.

#### Quadro 58 – Encontros consonantais

| Encontro consonantal | Ocorrências                |
|----------------------|----------------------------|
| pt                   | baptizado e variações (30) |
| gn                   | assignei e variações (24)  |

Em relação aos encontros consonantais, verifica-se um total de 54 ocorrências. Dessas, a metade corresponde ao encontro consonantal próprio (pt) e a outra, aos impróprios. Essa nomeação (próprios e impróprios), já abordada no Capítulo 1 por Donadel (2007, p. 20), explica que esses grupos consonantais já eram comuns no latim e sofreram alterações na passagem para o português, ou seja, uma das consoantes foi eliminada.

Nota-se que em todos os textos há referências a essas palavras e suas variações como baptizo, baptzei, baptizou, baptizado, assigno, assignei, assignamos e assignado, vocábulos característicos da época em questão e inseridos no contexto dos manuscritos analisados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivos realizar a análise Linguística e Paleográfica de documentos de batismo e Óbito dos escravos nos séculos XVIII e XIX de Cachoeira do Sul/RS. Os textos coletados estão dispostos no arquivo da Mitra Diocesana e para ter acesso a esse material, solicitamos a autorização do, já falecido, Bispo Dom Remídio. Acredita-se que, devido ao fato de os manuscritos não estarem dispostos no Arquivo Histórico do município, há poucas pesquisas referente a eles, principalmente no âmbito deste estudo.

A análise das Atas de Batismos e Registros de óbitos foi fundamentada pelo arcabouço teórico da Filologia e da Paleografia, assim como a edição diplomática, cujas normas de transcrição especificadas por Cambraia (2005), mostram a importância dos manuscritos para a história do português do Brasil. Essa reflexão surge do valor que atribuímos à preservação dos manuscritos, pois, a partir disso conhecemos um pouco das características do braço cativo de Cachoeira do Sul nos referidos séculos.

Os escreventes desses textos foram os padres destinados a cumprir seus deveres sacerdotais no município, os quais, algumas vezes, eram os autores dos manuscritos, ou, em outras, apenas os assinavam, pois havia também os sacerdotes que somente preenchiam os assentos. Essas questões puderam ser observadas, no estudo dos seus escritos, nos quais comparamos os caracteres, a tinta da caneta utilizada, a assinatura, a forma da letra e etc.

Os livros em que se encontravam as Atas de Batismos e os Registros de óbitos são bem característicos da época em questão, pois as folhas que contêm os textos, encontram-se manchadas, amassadas, rasgadas e com material amarelado, fatos que ocasionam a dificuldade de leitura e de edição.

Pelo que apuramos, através do *corpus*, verificamos há variações entre as vogais <e>, substituídas por <i>, <e> substituídas por <a> e <o> substituída por <u>. Esses resultados reforçam a questão levantada por Matos e Silva (1986), que apontam que essas substituições eram ocorrências usuais no PA. Em relação aos verbos “forão” e “derão”, Teyssier (2007, p. 39) explica que, próximo a 1500 “todas as palavras da língua que possuíam - an (-am) e -on (-om) convergiram desta maneira para uma só terminação em -ão”. Sobre os ditongos, por exemplo, a

palavra “nasceo”, verificamos que tem relação com uma escrita que já se estabelecia nos séculos XII e XIV, segundo Haury (1994).

Nossos dados linguísticos referentes às consoantes implicam em importantes substituições consonantais como em <s>, <z>, <ç>, <ss>, <sc>, <x>, <ch>. Nas consoantes geminadas, como nas palavras “anno” e “nelle”, notamos o período pseudoetimológico presente nos textos dos redatores. Ademais, sobre os encontros consonantais, pudemos observar através do estudo realizado nos vocábulos “assigno” e “baptzei”, através do estudo realizado, que essas consoantes simplificaram-se.

Nessa pesquisa, apuramos que a Paleografia é fundamental para a leitura e transcrição de textos antigos, independentemente da época em que foram escritos. Essa escrita, produzida no passado, faz com que a nossa compreensão se torne mais difícil, elevando, dessa forma, a necessidade da aplicação dos estudos paleográficos.

Esperemos que o trabalho, que nos propusemos a fazer para o momento, não termine aqui. Acreditamos que ele possa servir de estímulo para novas pesquisas e investigações, e além de contribuir para a disseminação da Filologia e da Paleografia, cumprindo o seu papel que colaborativo para o desenvolvimento de questões que envolvam o português.

Por fim, ressaltamos que essa análise, juntamente com o contexto histórico da escravidão, deixa um “leque aberto”, devido a sua riqueza na área da Filologia e da Paleografia.

## REFERÊNCIAS

- ACIOLI, V. L. C. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos*. Recife: Ed. Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 2003.
- BELLOTTO, H. L. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo; Arquivo do Estado, 2002 (Projeto Como Fazer, 8).
- \_\_\_\_\_. *Diplomática e tipologia documental*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- BERLINCK, R.; BARBOSA, J.; MARINE, T. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. *Revista da Abralín*. v. 7, n. 2. João Pessoa, 2008.
- BERWANGER, A. R.; LEAL, J. E. F. *Noções de Paleografia e de Diplomática*. 5 ed. Santa Maria: UFSM, 2015. 122 p.
- BISOL, L. Harmonização vocálica: efeito parcial e total. *Organon* 28.54: 49-61. 2013.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro, Padrão, 1980.
- CAGLIARI, L. C. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da língua portuguesa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Unicamp, IEL, DL, pp. 103-111, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- COSTA E SILVA, A. da. *A manilha e o libambo. A escravidão na África de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Ed. UFRJ, 2003.
- DIAS, M. M.; BIVAR, V. dos S. B. Paleografia para o período colonial. In: Paleografia e fontes do período colonial brasileiro. *Estudos CEDHAL – Nova Série*, n. 11. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2005. pp. 11-38.

DONADEL, G. Grupos consonantais impróprios: estudo diacrônico com base em gramáticas. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FACHIN, P. R. M. *Crítérios de leitura de manuscritos: em busca de lições fidedignas*. Filologia e linguística portuguesa, 237-262. 2009.

FAGUNDES, Rosicler Maria Righi. *Esfaqueamento no Púlpito: o comércio e suas elites em Cachoeira do Sul na segunda metade do séc. XIX (1845-1865)*. (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo, 2009

FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

FLEXOR, M. H. O. Abreviaturas, manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 2 ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

FONSECA, F. V. P. da. *O português entre as línguas do mundo: situação, história, variedades*. Coimbra: Almedina, 1985.

FONTE, J. S. *As vogais do português*. São Paulo: UNESP, 2010.

\_\_\_\_\_. *As Vogais na Diacronia do Português: uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua*. Tese (Doutorado Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras / UNESP, Araraquara, 2014.

HAUY, A. B. *História da Língua Portuguesa I: século XII, XIII e XIV*. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *História da Língua Portuguesa I – Séculos XII, XIII e XIV*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994 (Série Fundamentos).

\_\_\_\_\_. Séculos XII, XIII e XIV. In: SPINA, S. (Org.). *História da língua portuguesa*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. 10 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

Ilari, Rodolfo e Basso, Renato. *O português da gente. A língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

KELLER, T.; GONÇALVES, A. F. C. Edição diplomática e comentários paleográficos de manuscritos do final do século XIX, da cidade de Santa Maria. *Polifonia*, Cuiabá-MT, v. 25, n. 37.1, pp. 1-170. jan./abril. 2018.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LEMAIRE, Jacques. *Introduction à la codicologie*. Louvain-la-Neuve: Institut d'etudes médiévales, 1989.

LIMA, J. A. de. *Análise do Sistema ortográfico do português brasileiro em cartas do séc. XIX*. 2008. 168f. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo/Bahia: Contexto/Editora Universidade Federal da Bahia, 1991.

MELO, G. C. de. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

MELLO, Carlos Henrique Pereira. *Gestão da Qualidade*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

MENDES, S. T. do P. *Combinações lexicais restritas em manuscritos setecentistas de dupla concepção discursiva: escrita e oral*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) –Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2008

MONARETTO, V. O estudo da mudança de som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica. *Letras de Hoje*. v. 40, n. 3. Porto Alegre, 2005.

MONARETTO, V. N. O.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. As consonantes do Português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. ver. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

PAIVA, D. F. *História da língua portuguesa II – século XV e meados do século XVI*. São Paulo: Ática, 1988.

PEDRAZZI, F. K. *O discurso sobre a morte em Arquivos Institucionais do final do século XIX*. 2015. 421f. Tese (Doutorado em Linguística)–Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

PEREIRA, R. C. F. GOMES, N. S. G. As consoantes geminadas: um estudo com base no Almanack Corumbaense. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 58, páginas 243-252, janeiro, 2014.

PORTO, Aurélio. Cachoeira. Resumo Histórico. In: CAMOZATO, Benjamin C. Grande. *Álbum de Cachoeira no Centenário da Independência*. Cachoeira do Sul: Município Cachoeira, 1922.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, R. de C. R. A informação escrita: do manuscrito ao texto virtual. In: *VI CINFOM – Encontro Nacional de Ciências da Informação*, 2005, Salvador. Anais

eletrônicos. Disponível em: <[http://www.conform.ufba.br/vi\\_anais/](http://www.conform.ufba.br/vi_anais/), 2005> Acesso em 03 de junho de 2018.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 5. ed. rev. por João Vieira de Almeida. São Paulo: Miguel Melillo, 1899.

RODRIGUES, U. A. Codicologia, História e Cultura. *ETD – Educ. Temat. Digit.* Campinas, SP. v. 18 n. 3 pp. 614-627. jul./set. 2016. ISSN: 1676-2592

RUBERT, A. *História da Igreja no Rio Grande do Sul: época imperial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SAID ALI, M. *Grammatica historica da lingua portugueza*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

SCHUH, A. S.; RITZEL, M. R. M. *Cachoeira do Sul – Princesa do Jacuí*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1 ed., 1997.

SCHUH, A. S.; CARLOS, I. M. S. *Cachoeira do Sul: em busca da sua história*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991, il., 204 p.

SÔNEGO, Aline. “Sob a condição que continue em nossa companhia”: as décadas finais da escravidão e a transição para o trabalho livre em um município Rio-grandense (Cachoeira 1871/1889). Dissertação de Mestrado Programa de Pós-graduação da Universidade de Passo Fundo, 2011.

SPINA, S. *Introdução à edótica: Crítica Textual*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.

\_\_\_\_\_. Apontamentos Paleográficos. In: *Introdução à Edótica: Crítica Textual*. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Ars Poética, Edusp, 1994.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 3 ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins, 2007.

\_\_\_\_\_. *História da Língua Portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. 6 ed. Portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.

VASCONCELOS, C. A.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Contribuição da Filologia e da Crítica Textual para o Estudo de Documentos Manuscritos de Paranaguá. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 15/1, pp. 335-336, jun. 2012.

VIANA, A. R. G. *Ortografia Nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1904.

ZARTH, Paulo Afonso. *Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002

## ANEXOS

## ANEXO A - L1-TA

Cada ser vir este Livro, para  
 nelle se lançarem todos os apontos dos  
 baptizados dos escravos desta Freguesia  
 de Nossa Senhora do Rozario do Rio  
 Pardo, digo para nelle se lançarem os  
 apontos dos baptizados dos escravos da  
 Freguesia de Nossa Senhora da Concei-  
 ção da Casocira, o qual vai numerado,  
 e rubricado com a minha rubrica, de que  
 uso, que dá = Mendoz = E para constar  
 fin esta declaracao. R.º Pardo o 2º de  
 Janr.º de 1792

Quartu Mendoz de S. Paulo  
 Ciji.º da Vara

ANEXO B – L1-01

1799  
 Noventa e seis dias do mez de Abril do anno de mil e Setecentos e noventa e nove  
 da Concoisa da Capangá, baptizou e quis o Santo  
 Olesio Francisco de Paula filho natural de Manoel  
 Coração do Furrel e Manoel Thomaz de Jesus  
 e de Laurencia Anteria de Trindade nascido  
 na Vila de Sobredita meo. Foi Padrinho Francisco Thomaz  
 na Prates de que para comitar mandei fazer este  
 Santo que a seguir = O Vig. Ignacio Fran. de S. Paulo

ANEXO C – L1-02

1801  
 Noventa e seis dias do mez de Janeiro mandei  
 baptizar mil e Oito Centos e noventa e nove  
 da Concoisa da Capangá, que se achou  
 Olesio de Manoel filho natural de Manoel  
 Coração do Furrel e Manoel Thomaz de Jesus  
 nascido na Vila de Sobredita meo. Foi Padrinho  
 Francisco Thomaz na Prates de que para comitar mandei  
 fazer este Santo que a seguir = O Vig. Ignacio Fran. de S. Paulo

## ANEXO D – L1-03

Felicia - Ao vinte e oito dias do mes de Agosto do anno de  
 mil oito centos nesta Freguesia de Nossa Senhora da  
 Conceicao da Cachoeira baptizei e que o Santo Olor - a  
 Felicia - filha natural de Maria Dorava de Ma  
 noel de Souza e do Pai incognito, nasceu a  
 vinte e sete do mes de Julho. Foi padrinho Silvestre  
 de Tal e Theresia esposa do Tenente Ricardo Jose  
 de Magalhães, de que para constar mandei fazer este  
 assento que assignei  
 Sr. Ignacio Bar. N. de S.

## ANEXO E – L1-04

Manuel - Ao dez dias do mes de agosto do anno de mil oito centos  
 nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceicao  
 da Cachoeira baptizei e que o Santo Olor - a Manuel  
 filho natural de Domingas Dorava de Souza e de  
 Maria nasceu a vinte e sete do mes de Julho do sobredito anno  
 foi padrinho Jose Paranhos de Campos, de que para  
 constar mandei fazer este assento que assignei  
 Sr. Ignacio Bar. N. de S.

## ANEXO F – L1-05

Paula - Ao dezafete dias do mes de Setembro do anno mil oito centos  
 e tres na Capella Real de Nossa Senhora do Amparo  
 de Casapaba delicia minha baptizei e que o Santo  
 Olor - a Paula filha natural de Maria Dorava de Jose Jacinto  
 Pereira e do Pai incognito nasceu no ultimo do mes de Agosto. Foi padrinho  
 Jose de Sa de Capitan Antonio de Sa e a sua esposa  
 do sobredito Jose Jacinto, de que para constar mandei fazer este  
 assento que assignei  
 Sr. Ignacio Bar. N. de S.

ANEXO G - L1-06

*Anna* - Aos vinte e seis dias do mes de Novembro do anno mil oitocentos e tres nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceicao da Paroquia de S. Paulo e dos Santos Anjos - a Anna filha natural de Maria Inocencia do Tenente Celibato de S. Paulo e de Pas in cognito foras padrinhos Ignacio e Maria Joana do Tenente Celibato Carvalho de Silva de que para constar faço este offeito - *o Sr. Ignacio Bar. de S. Paulo*

ANEXO H - L1-07

*Benta* - Aos vinte e seis dias do mes de Maio de mil oitocentos e quatro nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceicao da Paroquia de S. Paulo e dos Santos Anjos - mandei fazer se este offeito de que no Oratorio de Santa Maria Baptizou e nos offeitos o Lioz o Reverendo Joam Boze de Freitas a Benta filha legitima de Domingos Cabunda e de Licencia Cripula foras de Francisco Rodrigues de que para constar faço este offeito. *o Sr. Ignacio Bar. de S. Paulo*

ANEXO I - L1-08

*Francisco* - Ao Primeiro dia do mes de <sup>Fevereiro</sup> ~~Novembro~~ de mil oitocentos e cinco - nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceicao da Paroquia de S. Paulo e dos Santos Anjos - Baptizou e nos offeitos o Lioz o Reverendo Coadjutor Antonio Boze de Freitas a Francisco filho de Adrianna Sotura filha de Joaquim Boze Machado e de Pas in cognito. Foras padrinhos Pedro Paulo parado Boze e Joaquina Maria mother de Antonio Madeo - de que para constar mandei fazer este offeito. *o Sr. Ignacio Bar. de S. Paulo*

## ANEXO J - L1-09

41  
 Nos trinta e hum dias do mez de Outubro de mil e  
 cento e nove nesta Freguezia de N. Senhora da Con-  
 ceição da Louseira = Baptizou, e por os Santos Oitos o Re-  
 verendo Excoadjutor Antonio Jose Lopez = a Xerferino fi-  
 lho natural de Maria evaristo de Pedro Sabalho e de  
 Xerferino Pais incognitos. Forão padrinhos Antonio de Oliveira  
 preto fono, e Maria Clara = do que para contar man-  
 dei fazer este acerto.  
 O Sr. Ignacio Fran. R. do Santos

## ANEXO K - L1-10

45  
 Nos vinte e cinco dias do mez de Novembro de mil  
 e cento e dez nesta Freguezia de Nona Senhora da  
 Conceição da Louseira Baptizou e por os santos  
 Oitos o Sr. innocente Jeremias filho legitimo de Manoel  
 Benguela preto fono. e de Maria fona. nas-  
 ceo vinte e tres de Outubro. Forão padrinhos Jeremias  
 e Anna filhos de Francisco Antonio de Pitancur  
 do que para contar mandei fazer este acerto.  
 O Sr. Ignacio Fran. R. do Santos

## ANEXO L - L1-11

1811  
 Nos quatro dias do mez de Março de mil e cento e  
 onze nesta Freguezia de Nona Senhora da Conceição  
 da Louseira Baptizou e por os Santos Oitos so innocen-  
 te Policarpo filho natural de Benedicto evaristo  
 do Fumil Joaquim Tardes, e de Anna Delfina To-  
 rão Padrinhos Luciano Jose da Silveira e Maria  
 Francisca do que para contar mandei fazer este acerto.  
 O Sr. Ignacio Fran. R. do Santos

## ANEXO M – L1-12

Francisco adulto

Aos dois dias do mes de Mayo de mil oitocentos e onze nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira baptizou e por ostantos o Sr. o Reverendo Coadjuutor Antonio Jose Lopes e Francisco escravo adulto de nascença Congo com idade de treze annos mais ou menos de Constantino de Lovatto. Foi Padrinho Lactiano escravo de Francisco Machado do que para constar mandei fazer este acento que amigui.

Sig. Ignacio Fran. C. do S. do S. do S.

## ANEXO N – L1-13

Bernardino genio

Aos vinte e cinco dias do mes de Mayo de mil oitocentos e onze nesta Freguesia de N. Senhora da Conceição da Cachoeira baptizou e por ostantos o Sr. o Reverendo Coadjuutor Antonio Jose Lopes - os innocente Bernardino filho natural de Matildes Polteira: escravo do Capitão Bernardo Jose Alves. Foram Padrinhos Joaquim escravo de Antonio Barboza e Matildes escrava de Jose Raymundo do que para constar mandei fazer este acento.

Sig. Ignacio Fran. C. do S. do S. do S.

## ANEXO O – L1-14

Roxa

Aos dois dias do mes de Junho do anno de mil oitocentos e quatorze nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira baptizou e por os Santos o Sr. o Reverendo Coadjuutor Antonio Coelho Leal, a innocente Roxa escrava de Francisca da Silva, e não derão mais nome. Foram Padrinhos Jose Maria do e Roxa Maria, do que para constar mandei fazer este acento.

Sig. Ignacio Fran. C. do S. do S. do S.

## ANEXO P – L1-TF

Com este Livro unto, noventa, e tres folhas  
 com esta, que todas vão numeradas, Rubricadas  
 com amendo Rubrica, de que uso, que se = Mendu-  
 tem caso omissa, que devida faza. E para  
 contas fin esta de contas. São Paulo 20  
 de Janeiro de 1799

## ANEXO Q – L2-TA

Este Livro hade servir p<sup>o</sup> n<sup>o</sup>te resanar o  
 Affunto dos Baptizados do Escuro desta  
 de N. S. J. da Com<sup>o</sup> da Carreira, e ai no  
 e rubricado de folha seguinte com a mesma  
 modo rubrica de q<sup>o</sup> uso q<sup>o</sup> de plantar p<sup>o</sup> n<sup>o</sup>te  
 l<sup>o</sup>ra sua ins<sup>o</sup>ra de q<sup>o</sup> para o n<sup>o</sup>te de  
 clarac<sup>o</sup>. Carreira 22 d. de 1842

Ignacio Bar<sup>o</sup> de Santos  
 Ciz<sup>o</sup> da Carreira

## ANEXO R - L2-01

Malachias  
 Aos Vinte e tres dias do mes de Outubro do anno mil  
 Cito centos e quarenta e dois nesta Fregue-  
 ria de Nossa Senhora da Conceição da  
 Cachoeira baptizei e fuz os Santos Elias  
 ao Innocente Malachias nascido a doze  
 de Novembro do anno mil Cito centos e qua-  
 renta filho Natural de Balbina Criola  
 e Esrava de Dona Maria Joaquina de  
 Carvalho e de Pai incognito forão Padri-  
 nhos Carlos Esravo de Tazi e Marcelino  
 de Carvalho e Rota Criola e Liberta de  
 que para constar mandei fazer este assen-  
 to que assignei  
 Manoel Antonio Hornes

## ANEXO S - L2-02

Geraldo  
 Aos Vinte e hum dia do mes de Maio do anno mil  
 Cito centos e quarenta e tres nesta Fregue-  
 ria de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira  
 baptizei e fuz os Santos Elias ao Innocente  
 Geraldo nascido a doze de Janeiro do mesmo an-  
 no filho Legitimo de Fortunata de Maria an-  
 bus Criola e Esrava de Simpronio Vieira  
 dos Santos forão Padrinhos Manoel Fardas e  
 Esravo de Maria de Chauze e Fazea Turani  
 de que para constar mandei fazer este assento que  
 assignei  
 Manoel Antonio Hornes

## ANEXO T - L2-03

Paulina  
 Vinte e cinco dias do mes de Maio do anno mil  
 cento e cinquenta e quatro e tres nella Freguesia da  
 Concicao da Cachoeira Bapitei e fusos San-  
 tas Elias ao Innocente Paulino nascido a  
 vinte e quatro de Dezembro do anno mil cento  
 e cinquenta e quatro e dois filho natural de Ma-  
 rinda Cerava de Maria Francisca da Concica-  
 cao e de Sai incognito foram Padrinhas Fi-  
 deles Ramoz da Silva e Vitta Farda de  
 que para constar mandei fazer esta assenta  
 que assignei  
 Vinte e cinco dias do mes de Maio do anno mil

## ANEXO U - L2-04

Agorita e hum do Dezembro do anno mil  
 cento e quarenta e quatro e hum e hum e hum  
 Sombra da Concicao. da Curacao Baptista  
 Thomaz de hum e hum e hum e hum e hum  
 da de Dezembro do anno passado filho natu-  
 ral de Maria da Costa Cerava de Pinto  
 Antonio de Maray. foram Padrinhas Pe-  
 lirando Antonio da Silva e Curibim Joma-  
 cia. de quem se trata com esta assenta  
 Vinte e cinco dias do mes de Maio do anno mil

## ANEXO V - L2-05

Aos trinta e hum de Julho de mil e oitocentos e setenta e  
 e quarenta e nove nesta Parochia de Nossa Senhora  
 da Conceição da Cachoeira Baptista  
 Solene mente a Damaris nascida a dez de  
 Dezembro de mil e oitocentos e quarenta e oitocentos  
 filho legitimo de D. Domingos e Juizta  
 Escravos de Provirio Pormelas e Silva Forão  
 Padrinhos Joao Pires de Almeida e Bento  
 Tenorio de Almeida do que para constar  
 mandei fazer este assento que assigraiz  
 Parochia Antonio Joaquim Pereira

## ANEXO W - L3-TA

Este Livro ha de servir para se fazer o assento de  
 baptismo das pessoas captivas d'esta Parochia de N. S.  
 da Conceição da Cachoeira Vai numerada e rubricada  
 desde desta fecha até a ultima com a mi-  
 nha costumada rubrica q' diz = Livro de = e no fim  
 leva os encerramentos, do que para constar faço esta  
 declaracao. Cachoeira 20 de Maio de 1853.  
 Vig.º Joao Teixeira da Cunha Loureiro

## ANEXO X - L3-01

Boaventura,  
 Aos vinte e dois dias do mes de Maio de mil e oitocentos  
 e cinquenta e tres, baptizei solemnemente e puz os S<sup>ts</sup> Oleos no  
 innocente Boaventura nascido a quatorze de Fevereiro do m<sup>o</sup>  
 anno filho natural de Maria, escrava de Joaquina Maria  
 de Jesus, fofas padrinhas D<sup>o</sup> preto escravo de D. Inocen-  
 cia Coelho Leal, e Maria escrava Roque Franco de Godoy  
 e para Constar mandei fazer este termo que apizno.  
 O Vig<sup>o</sup> J<sup>o</sup> da C<sup>o</sup> Luiz G<sup>o</sup>

## ANEXO Y - L3-02

Coadjuutor Antonio Honório Oliveira.  
 Aos vinte e nove dias do mes de Julho do anno de mil e oite-  
 centos e cinquenta e tres, em virtude da petição de Sr<sup>o</sup> Tristão  
 da Cunha e Souza e Dirpaxo do <sup>vigário J<sup>o</sup></sup> para o Sr<sup>o</sup> Jozé Pin<sup>o</sup>  
 da Cunha Lourada Sobrinho, abri e arremto do theor se-  
 quinte Aos quatro dias do mes de ~~Julho~~ <sup>Agosto</sup> de mil e oitocen-  
 tos e ~~quarenta e tres~~ <sup>quarenta e dois</sup> o Parocho Antonio Honório de Olivi-  
 ra. Baptizei solemnemente e puz os S<sup>ts</sup> Oleos a filha de na-  
 ção magô pertencente a D. Esmelindra Idalina da Cunha  
 filha do m<sup>o</sup> Sr<sup>o</sup> Tristão da C<sup>o</sup> J<sup>o</sup> e D. Anna Anzada  
 da Cunha e Silva, por da ~~da~~ <sup>da</sup> que lhe fôr o dito seu pai, no  
 valor de seiscentos e cinquenta mil reis, o que justamente deu por  
 ella e por esta declaração ser a propria verdade seja por ~~me~~  
 apignado e para Constar mandei fazer este termo que apigna-  
 mor.  
 Tristão da Cunha e Souza  
 Coadjuutor Antonio Honório Oliveira.

## ANEXO Z - L3-03

Adam Aos dez dias do mes de Fevereiro do anno mil  
 oitocentos e Cinquenta e quatro, nesta Cidade  
 de Nossa Senhora da Conceicao da Ca-  
 shoira, baptizou-se o senhor Oleva sin-  
 nocente Adam, nascido a trinta e oito  
 do anno mil oitocentos e Cinquenta e hum,  
 filha de Emilia, de nacion brasileira de  
 Antonio do Drigue Pontes, foras patri-  
 nhos Ignacio Delit Correa, e Guimaraes An-  
 nes da Costa; do que para constar mandei  
 fazer este assento que assignei.  
 Orey Joze Pereira da Costa

## ANEXO AA - L3-04

Maria Aos sete dias do mes de Fevereiro do anno mil oitocentos e Cinquenta e quatro, nesta Cidade de Nossa Senhora da Conceicao da Cashoira, baptizou-se o senhor Oleva innocente Maria, nascida a cinco de Agosto do anno mil oitocentos e Cinquenta e hum, filha de Delibiana, brasileira de idade e filha de Delibiano da Costa deite, foras padrinhos Abram Nunes da Costa, e Veronica Nunes da Costa; e para constar mandei fazer este assento que assignei.  
 Orey Joze Pereira da Costa

ANEXO AB - L3-05

A cinco de Novembro de mil oitocentos cinquenta e quatro,  
 nesta Matriz da Igreja da Conceição da Cachoeira, Bispo Francisco  
 Prado do Rio Grande, baptisouse solemnemente a escrava, com Esperava  
 neta, nascida a dez de Setembro do mesmo anno, filha de Maria  
 riza escrava do cabajoz João Thomaz de Almeida e de Maria  
 dos Santos João Antonio de Sepurucene, e sua mulher Maria  
 Joaquina do Nascimento. do q' prova constar fix este assento,  
 q' se segue

João Antonio de Sepurucene  
 Maria Joaquina do Nascimento

ANEXO AC - L3-06

A dez de Março de mil oitocentos cinquenta e cinco, nesta Matriz  
 da Igreja da Conceição da Cachoeira, Bispo do Rio Grande, baptisouse  
 solemnemente a escrava, q' nasceu a dez de Março do mesmo  
 anno, filha de Maria riza escrava do cabajoz João Thomaz de Almeida  
 e de Maria dos Santos João Antonio de Sepurucene, e sua mulher Maria  
 Joaquina do Nascimento. do q' prova constar fix este assento,  
 q' se segue

João Antonio de Sepurucene  
 Maria Joaquina do Nascimento

ANEXO AD - L3-07

Mafalda = a quinze dias do mes de Agosto do anno mil oitocentos  
 e cinco nesta Igreja da Conceição da Cachoeira, na Igreja Matriz bapti-  
 se, e por os Santos Obeis a insente Mafalda nasci-  
 da a dez de Maio deste anno, filha natural da preta  
 Mafalda escrava de João José Rodriguez, forão Padri-  
 nhos Constantino escravo de Feliciano Pereira  
 e Maria escrava de D. Domaria Joaquina. segue  
 em anexo foras este assento que se segue

O Reg.º de Justiça da C.ª de S.ª

## ANEXO AE - L3-08

Aos vinte dias do mes de Julho do anno mil oitocentos e  
 cinquenta e oito nesta freguesia da Cachoeira de Bastos,  
 e para os Santos Obleos as inno cento Martiniano nasci  
 do a quem se de Outubro do anno passado filho natural  
 de Anna Maria de Jose Coelho Pôrto. forai padronhos  
 desta pretta pessoa, e Constantino Maria de Jose Feliciano no  
 Porto, e para constar no ardi foror este escrito que es  
 signij. O Vig. Jose Fico de C. Louz.

## ANEXO AF - L3-TF

Tem este Livro cento e cinquenta e duas  
 folhas com estas e em todas leva a minha  
 costumada rubrica de que uso Teixeira para  
 constar faço esta declaração. Cachoeira  
 20 de Maio de 1853  
 O Vig. Jose Teixeira da C. Louz. Sobro

## ANEXO AG - L4-TA

Este livro ha de servir para assentamento dos  
 obitos dos filhos da mulher escrava, occorri-  
 dos desde a data da Lei n.º 2040 de 30 de Setem-  
 bro do corrente anno. Em virtude da autorisa-  
 ção que me foi concedida por Sua Ex.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> Conde  
 theiro Presidente da Provincia em portaria  
 d' esta data, vai por mim numerada e rubricada,  
 com o appellido Miranda de que uso tendo  
 no fim o termo de encerramento.

Secretaria do Governem Porto Alegre, 1.<sup>o</sup> de No-  
 vembro de 1874. O official maior

Joaquim Miranda e Castro

## ANEXO AH - L4-01

Aos vinte e dois de Outubro de mil oito cen-  
 tos setenta e quatro, n'ista Parochia de N. S.  
 da Conceição da Cachoeira, fultura a menor  
 Cicilia Bicilia, de cor preta, filha de Mariana, es-  
 crava do Barão de Vianna, a criança te-  
 nha dez meses; e depois de encomendada  
 foi sepultada no Cemiterio desta Cidade.  
 Espara constar mandei fazer este assento,  
 que assignei.  
 Vig. D. Leopoldo de Alencar Ferr

## ANEXO AI - L4-02

Aos vinte e um de Setembro de mil oito centos  
 setenta e cinco, n'ista Parochia de N. S. da Con-  
 ceição da Cachoeira, fultura a menor Camilla  
 Camilla, com nove meses de idade, filha natural  
 da preta Domingas, escrava de João Alves de  
 Almeida, sem assistencia Medica; e depois  
 de encomendada, foi sepultada no Cemite-  
 rio desta Cidade. Espara constar mandei  
 fazer este assento, que assignei.  
 Vig. D. Leopoldo de Alencar Ferr



## ANEXO AM - L4-06

Arthur  
 Aos quinze de setembro de mil oitocentos e oitenta e sete  
 Paróquia de S. S. da Cachoeira, faleceu Arthur, com  
 parte com dez anos meu filho de parto e resencia  
 escrava de Tomaz Alves de Almeida, e foi sepultado  
 de no Cemeterio desta Cidade, e para constar mandei  
 fazer este assento que assignei.  
 Vizeo de Barros Lourenço de S. S. da Cachoeira

## ANEXO AN - L4-07

Delfina  
 Aos vinte e um de julho de mil oitocentos e oitenta e sete  
 Paróquia de S. S. da Cachoeira, faleceu Delfina  
 da Conceição de Cachoeira, com tres annos de idade, filha de Catharina  
 escrava de José Pospisic da Fonteira, e foi sepultado  
 no Cemeterio desta Cidade. E para constar mandei fazer este  
 assento que assignei.  
 Vizeo de Barros Lourenço de S. S. da Cachoeira

## ANEXO AO - L4-08

4009  
 Maria  
 Aos vinte e um de fevereiro de mil oitocentos e oitenta e sete  
 Paróquia de S. S. da Conceição de Cachoeira, faleceu  
 Maria, nascida a vinte e um de Agosto de 1840, filha da preta Maria  
 do Carmo, escrava de Hipolito Martins, e foi sepultado  
 no cemeterio desta Cidade. E para constar mandei fazer  
 este assento que assignei.  
 Vizeo de Barros Lourenço de S. S. da Cachoeira

## ANEXO AP - L4-TF

Sem este livro cento e cincoenta  
 folhas que vai por mim nume-  
 radas e rubricadas. Secretaria  
 do Governo em São Paulo, 14 de  
 Novembro de 1871

O official em aui  
 José de Tiração e Castro

N.º 2 ~ R\$ 15.000

Pagou quinze mil reis de selo.  
 Hacharia 21 de Junho de 1872

Coximbro C. Lial